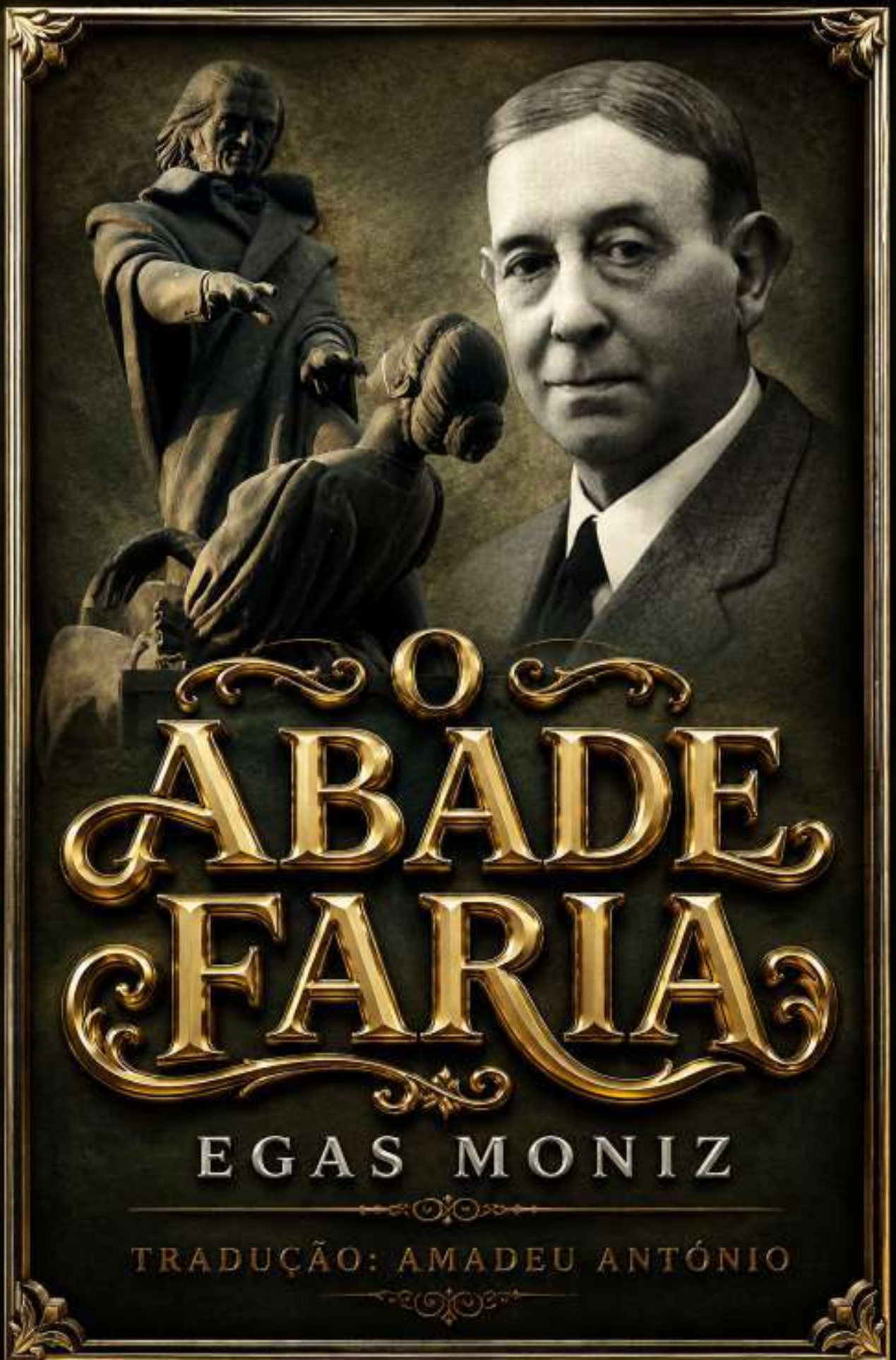

O ABADE FARIA

EGAS MONIZ

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

O ABADE FARIA

na História do Hipnotismo

DR. EGAS MONIZ

EDITORIAL vega

I

PREÂMBULO

Aí por 1813 apareceu em Paris um magnetizador, que em breve se cobriu de prestígio, pregando uma nova doutrina sobre os factos que Mesmer divulgara. Mas a interpretação dos estranhos fenómenos que tanto emocionaram o público passou despercebida. Todos os que frequentavam as conferências da rua de Clichy, 49, onde o padre Faria preleccionava sobre as causas do sono lúcido, iam ver o magnetizador operar. Além disso, as conferências não eram de molde a seduzir as multidões. A linguagem era obscura, a dicção difícil, o francês pouco correcto. As damas elegantes de Paris, os cavalheiros que compareciam no propósito de arranjar motivos de ditos de espírito ou para recortar críticas acerbas, não prestavam atenção à leitura do pesado manuscrito que antecedia a apresentação dos casos. Só o final da sessão os interessava e, em geral, saíam bem compensados da espórtula dos cinco francos da entrada.

O padre Faria, rodeado de uma espécie de enfermeira que conduzia quatro ou cinco raparigas habituadas às práticas hipnóticas, fazia experiências que deviam relacionar-se com a doutrina primeiro exposta. Pode dizer-se que, tendo a noção de uma lição clínica, punha ao lado da parte teórica a demonstração prática dos seus assertos.

O sucesso foi notável. De novo voltou à tela a questão do sonambulismo e os jornais franceses, a partir de Agosto de 1813, encheram colunas sobre o misterioso fenómeno com apreciações mais ou menos severas, por vezes jocosas e até insultantes para o padre Faria, que ousara afrontar a opinião parisiense, ainda recordada das exibições e da falência de Mesmer.

Pretendemos fazer a história desse período da evolução do hipnotismo e, consequentemente, divulgar o nome do padre Faria, cuja vida romanesca e agitada é quase ignorada e cujo nome apenas soou aos ouvidos do grande público como sendo o do atraente prisioneiro do *Conde de Monte Cristo*, em que Alexandre Dumas lhe atribui naturalidade italiana. Obra de justiça e de interesse científico duplamente grata a quem, sendo português, tem consumido a sua actividade em estudos neurológicos.

Acresce que os trabalhos do célebre magnetizador foram, por muito tempo, esquecidos, sendo ainda hoje mal compreendidos e apreciados, mesmo pelos que se dedicam ao estudo das doenças nervosas. E como se tudo isto não fosse bastante para justificar esta tentativa, há a acrescentar a circunstância de ele juntar à sua qualidade de clérigo, a de professor de Filosofia em Marselha e em Nancy. Já nesse tempo se dedicava ao estudo sobre o magnetismo, porquanto em 1812 foi eleito membro da Sociedade Médica de Marselha (1), o que só pode ser devido a esse facto. É possível

(1) O professor Roger, de Marselha, que quis ter a grande amabilidade de investigar este ponto, não encontrou o nome do padre Faria entre os dos membros da Sociedade de 1810 a 1815. Aqui lhe consignamos os nossos mais sinceros agradecimentos. Contudo, no livro de Faria vêm enumerados os seguintes títulos por baixo do seu nome: «*Brahmine, Docteur en Théologie et en Philosophie,* MEMBRE DE LA SOCIÉTÉ MÉDICALE DE MARSEILLE, *Ex-Professeur de Philosophie à l'Université de France,* etc.».

Seria o seu nome eliminado após o desastre que sofreu em Paris?

Não é crível que ele se atribuísse um título que não possuía. E se tal fizesse não passaria sem protesto, pois o seu livro foi publicado em 1819, quando ainda todos se recordavam da campanha que lhe foi movida em Paris. É nosso convencimento que ele pertenceu à *Sociedade de Medicina de Marselha,* embora não ficasse rasto da sua passagem.

O professor Roger enviou-nos uma comunicação do Dr. Livon feita em 1906-1907 à Academia de Marselha, de que é membro da classe de ciências,

mesmo que apresentasse alguma memória justificando a sua candidatura a um título que só a médicos pertencia. Não há, porém, vestígio algum desse trabalho. D. G. Delgado, a quem se deve um precioso estudo sobre o nosso biografado e a reedição do livro — *De la cause du sommeil lucide ou étude sur la nature de l'homme par* L'ABBÉ FARIA — primacial subsídio de que nos utilizámos para levar a termo esta obra, não conseguiu descobrir os motivos justificativos da sua eleição.

Também foram infrutíferas as investigações a que neste sentido procedeu, a nosso pedido, o professor Roger, de Marselha. O que se pode garantir é que a Sociedade de Medicina dessa cidade não aceitou Faria no seu grémio somente por ser padre e professor de filosofia. Já devia dedicar-se nessa época a assuntos médicos e dentre estes só um lhe prendeu a atenção e lhe absorveu a actividade intelectual: o sonambulismo.

O padre Faria foi quem defendeu, pela primeira vez, a verdadeira doutrina sobre a interpretação dos fenómenos sonambúlicos, fulcro em torno do qual voltejam todas as suas doutrinas filosóficas.

Foi ele quem ensinou que o sono hipnótico não deriva de quaisquer fluídos ou forças especiais dos magnetizadores, como até aí se supunha, mas simplesmente da susceptibilidade dos indivíduos sobre que operava.

Por outro lado, desprezando a injustificada condenação dos altos poderes eclesiásticos, foi ainda o padre Faria, com isenção e audácia dignas de registo, quem afirmou que nas práticas sonambúlicas tudo dependia de causas naturais, sem intervenção dessas

---

sobre o padre Faria e que é um resumo da obra de Dalgado, a quem dedica justos louvores.

Também me enviou um pequeno relatório do actual Bibliotecário municipal de Marselha, D'Arnaud, que igualmente não conseguiu encontrar referência alguma ao padre Faria nos documentos arquivados.

Dessa exposição infere-se que em 1811 existia em Marselha uma *Société de Médecine* (aquela a que deve ter pertencido o padre Faria) e que em 1813 se fundou uma outra com a designação de *Société Académique*. Estas duas sociedades fundiram-se em 1848 sob a designação de *Société de Médecine de Marseille*.

forças misteriosas que fizeram carreira até os nossos dias e a que algumas religiões dão ainda crédito: a magia e a feitiçaria.

Parecerá estranho que, há pouco mais de um século, fosse preciso fazer-se tal declaração; mas ainda hoje as crendices sobre as influências dos espíritos malfazejos correm sob várias rubricas. O sobrenatural tem apaixonado os próprios médicos e, na hora presente, uma das maiores individualidades do professorado francês, o professor Charles Richet, incluiu sob a etiqueta de fenómenos metapsíquicos alguns factos que, a serem verdadeiros, parecem estar em contradição com as leis físicas, químicas e fisiológicas que conhecemos.

A ciência, na sua marcha, conseguirá esclarecer esses mal-entendidos científicos, ou averiguando a inexactidão dos fenómenos descritos, e que infelizmente ninguém consegue repetir a seu bel-prazer, ou reduzindo-os a obedecerem às leis estabelecidas ou que cientificamente vierem a ser descobertas.

O padre Faria proclamou uma verdade quando ainda ninguém ousara encarar o problema do sonambulismo terra-a-terra, sem intervenções de fluídos ou de forças sobrenaturais. Só mais tarde, quando as escolas de Nancy e deParis chamaram a atenção sobre o assunto, e Charcot, com o poder da sua autoridade e o fulgor do seu talento, o trouxe para o ensino oficial sem receio das críticas em que o enredavam, vieram a confirmar-se as doutrinas do desditoso e incompreendido padre português. E é só ultimamente que os neurologistas lhe citam o nome, prestando justiça à sua clarividência.

Sirva este intróito de justificação ao trabalho biográfico que vai seguir-se e ao estudo das doutrinas do esquecido padre goense, que estabeleceu a verdadeira doutrina sobre o sono hipnótico. É glória bastante para o nosso país, que no campo científico nem sempre marcou de maneira tão saliente como noutros ramos da sua actividade.

E não pareça despropósito o recordá-lo neste período centenário: Faria morreu seis anos antes da fundação da Régia Escola

de Cirurgia de Lisboa e, embora não haja relação alguma entre a sua actividade e a nossa Escola, hoje Faculdade de Medicina, foi alguém que, nas vésperas da sua fundação, fez boa ciência médica, dando justa interpretação às práticas magnéticas, orientando-as no bom sentido, classificando factos, mostrando aspectos novos do problema.

II

DE PARACELSO A MESMER

Dois grandes objectivos têm seduzido a humanidade na sua marcha agitada através da civilização. Ambos visam ao bem-estar individual e colectivo, e a eles se têm sacrificado as energias mais audazes e os esforços mais persistentes. Um, a saúde, é a aspiração de todos os que consomem as suas actividades no âmbito das ciências médicas; o outro, a solução do problema de além-túmulo, tem dado ensejo a centenares de religiões e a variadíssimos sistemas filosóficos.

O homem não se contenta com a vida presente. Esquecendo que o pensamento é função de um órgão, aspira a libertá-lo do cárcere orgânico que a natureza lhe criou. E fantasia uma vida espiritual longe da matéria, fluída, em convívio com os deuses, na plenitude de um bem que, segundo os credos religiosos, é a felicidade perpétua, consciente, na sequência de uma imortalidade que ultrapassa os limites do mundo em que vivemos.

Medicina e religiosidade, tantas vezes em luta, associam-se a cada passo. Os doentes recorrem aos médicos, mas esperam também a salvação pelo milagre. As fontes santas, os templos e lugares sagrados, as imagens e os ídolos, os necromantes e videntes, pululam do ocidente ao oriente, ultrapassando as fronteiras dos países e das raças, procurando uma base tradicionalista,

aclimatando-se aos costumes dos povos. Os feiticeiros das raças primitivas têm os seus equivalentes adentro das civilizações mais perfeitas.

Assim, os primeiros magnetizadores aspiravam a alcançar a cura de todos os males por práticas que reputavam sobrenaturais. Parecia-lhes que existia em toda essa terapêutica qualquer coisa extra-matéria, forças ignoradas que agiam às suas ordens, fluidos que podiam mobilizar no sentido que melhor lhes aprouvesse. E estamos convencidos de que alguns desses magnetizadores se julgavam, de facto, possuidores de tais virtudes, tanto os seduzia a teatralidade da hipnose.

As designações: magnetismo animal, mesmerismo, sonambulismo magnético, sono lúcido, sugestão hipnótica, etc., são representativas de outras tantas teorias dos fenómenos hipnóticos que, apesar dos trabalhos notabilíssimos de Faria, só nos últimos cinquenta anos foram perfeita e completamente estudados nas Faculdades de Medicina.

A concepção paracélcica sobre os *arqueos* que em cada indivíduo constituíriam o princípio da actividade vital, marca a primeira etapa do magnetismo animal. A *Practica Theophrasti Paracelsi*, que viu a luz da publicidade em 1529, ensina que um fluido vital emanado dos astros põe em comunicação os arqueos dos diferentes seres. Todo o homem possui, para o médico suiço, uma virtude atractiva e oculta, um *magnes* que lhe permite, se é são, atrair os *magnes* das pessoas doentes e actuar, por seu intermédio, sobre os arqueos, isto é, sobre o próprio princípio da actividade vital.

Nihil sub sole novum! Passados quatro séculos andam para aí as doutrinas *astrais* e as *influências à distância* pregadas pelo messianismo espírita e teosófico como sendo doutrina nova, quando ela bolorece nos velhos in-fólios de Paracelso que, antes de ser médico e professor da Universidade de Basileia, onde se celebrizou, praticou a alquimia e a astrologia. Espírito sedento de verdades científicas e palpáveis, abandonou esses estudos; mas ficaram-lhe influências que se reflectiram depois nas doutrinas médicas.

A sua teoria, que passou a denominar-se o *Sistema da simpatia magnética*, dominou na ciência dos séculos XVI e XVII, com alternativas várias.

Os autores alemães deram-lhe, sobre todos, largo crédito e divulgação. Em 1608, Glocenius, no *Tractatus de magnetica curatione vulnerum*, pretendia curar feridas à custa destes fluidos e, em 1621, J. E. Burgrave e von Helmont traziam novos subsídios em defesa da doutrina do Mestre de Basileia.

Mais tarde, em 1640, Robert Fludd pretendeu precisar as doutrinas de Paracelso, investigando a origem dos fluidos siderais. Chegou a asseverar, na sua *Philosophia Mosaica*, que essas irradiações provinham da estrela polar e percorriam a terra em torrentes, afectando particularmente os ímans. E como o homem, para Fludd, é, por sua vez, um íman com polos magnéticos, como a terra, concluiu daí uma ingénua teoria sobre a simpatia e a antipatia mútuas e a pretensa causa da transmissão das doenças somáticas e morais.

Roma insurge-se contra tais doutrinas. O padre Atanásio Kischer sai à estacada e o seu livro *Magnes sive de arte magnetica*, publicado no ano imediato, obtém rápida divulgação nos meios teológicos. Mas a refutação valia tanto como a doutrina astral de Fludd e depressa foi esquecida.

O alemão Wiedig e o escocês Maxwell retomam, alguns anos mais tarde, as doutrinas de Paracelso e chamam de novo a atenção para o problema do magnetismo animal, que sempre seduziu os médicos, os filósofos e até o grande público.

Assim se preparou o advento de Mesmer, figura, em nosso entender, mal estudada e em que, ao lado de um charlatanismo audaz e interesseiro, havia qualidades apreciáveis de observador. Para ele como para os seus antecessores, as doutrinas médicas gravitavam em torno da influência planetária sobre o corpo humano, cuja prolongação vem até os nossos dias. Ainda hoje admitimos essa acção, sem contudo a exagerarmos, procurando precisar em factos concretos e bem documentados, as manifestações orgânicas que dela derivam. Assim ninguém ousará desdenhar da

importância das radiações solares, por exemplo, sendo até mais importantes as que ultrapassam os limites luminosos do espectro. Somente Mesmer divagava, apregoando, sem base científica, a existência de um fluido universal magnético que envolvia todos os corpos. Para ele a saúde e a doença dependiam da sua distribuição nos corpos vivos. Desde que se conseguisse a sua conveniente distribuição — e a isso se devia reduzir a medicina! — todos os males se sanariam. As doenças nervosas seriam rapidamente curadas desde que se obtivesse esse equilíbrio; mas todas as demais mazelas que apoquentam a humanidade poderiam igualmente ser combatidas pelos processos que preconizava para o desejado fim.

E assim apareceram as práticas magnéticas no propósito de bem orientar a distribuição dos fluidos.

A princípio, Mesmer empregava apenas o olhar e o toque das mãos. Com as costas voltadas para o norte, colocava o doente na sua frente, joelhos contra joelhos, olhos nos olhos, as mãos sobre os hipocôndrios ou região lombar, a fim de transmitir ao paciente o excesso do seu próprio fluido. Pretendia executar as suas curas, como hoje ainda as praticam alguns *virtuosos*, em passes mais ou menos espectaculares.

A clientela cresce-lhe inesperadamente. Já não dá resultado o moroso processo. E a ganância leva-o à concepção do tratamento em massa. Numa grande sala, com luz discreta coada através de densos cortinados, havia uma caixa ou celha circular de madeira, com limalha de ferro, vidro moído, garrafas dispostas segundo os raios de um círculo, fechada com uma tampa perfurada donde saíam alavancas e hastes de ferro em profusão que alcançavam a segunda e terceira filas de pacientes. Uma corda ligada ao colossal tamborete punha-o em comunicação com todos os doentes que por esse processo experimentavam, por igual, a mágica influência. Uma espécie de *piano-forte* tocava árias variadas com o fim de favorecer, pelas suas vibrações, a difusão das correntes magnéticas.

Os doentes, na sua maior parte neuropatas, acotovelavam-se à espera do Mestre, que propositadamente tardava em aparecer,

vestido ostentosamente de casaca de seda lilás, armado de uma espécie de batuta com que ia tocando os doentes e as partes dolorosas, garantindo a difusão do maravilhoso fluido e a sua benéfica influência.

Os espectadores comportavam-se de maneira diferente: uns tossiam, sentiam dores, calores, suores, apertos na garganta. Uma grande parte caía em convulsões, ria, chorava, soluçava, permanecia com os olhos esgazeados e imóveis. Por vezes seguia na sua agitação o ritmo mais vivo da música. A primeira crise era o rastilho que provocava a série.

As senhoras davam o maior contingente a estas manifestações mais ruidosas; mas havia algumas pessoas de um e outro sexo que assistiam impassíveis à impressionante cena.

De 1778 a 1785 o triunfo foi colossal. As Academias de Ciências, a Sociedade Real de Medicina e a Faculdade de Medicina de Paris foram chamadas a pronunciar-se sobre o assunto. A atitude hostil da Faculdade, desde o início das experiências, e especialmente a decisão da Comissão de 1784, a que pertenceram os professores de Medicina: Borie, Sallin, d'Arcet e Guillotin e os membros da Academia das Ciências: Francklin, de Bory, Bailly e Lavoisier, que negou peremptoriamente a existência do fluido magnético, e ainda o resultado da Comissão da Sociedade Real de Medicina, que chegou às mesmas conclusões, começaram a abalar os créditos de Mesmer. Para estes sábios os fenómenos observados derivavam dos toques, da imaginação e da imitação. Só Laurent de Jussieu, em relatório separado, concluiu que o magnetizador estava sobre o caminho de uma verdade fecunda, desejando que continuassem as experiências.

Não é para este momento o estudo minucioso das opiniões dos cientistas dessa época; mas, de uma maneira geral, pode afirmar-se que se conduziram com prudência e boa orientação no exame e apreciação dos factos.

Não lhe faltaram protectores em França. Sabia inculcar-se. Na corte e na alta finança conseguiu apoios formidáveis. O barão de Breteuil, então ministro, fez-lhe saber que o rei estava na

disposição de lhe entregar 10 000 libras, a fim de poder instalar-se para fornecer a instrução magnética aos médicos que a desejassem. O governo escolheria três clínicos para seguirem especialmente as suas experiências e se estes reconhecessem a utilidade da sua descoberta, estaria disposto a conceder a Mesmer maiores interesses. O magnetizador não aceitou, certamente por achar exígua a oferta, e declarou mesmo que estava disposto a abandonar Paris.

Isto passava-se em Abril de 1781. A clientela estremeceu de consternação e teve artes de, por tal forma, se insinuar junto da rainha que uma nova proposta foi feita ao médico austríaco.

M. de Maurepas, por instigação de Maria Antonieta, ofereceu-lhe, da parte do rei, uma pensão vitalícia de 20 000 libras e a propriedade de uma espécie de Casa de Saúde destinada ao tratamento dos seus doentes, com a condição, porém, de divulgar aos médicos o maravilhoso método de curar.

Como nós sorrimos hoje perante esta ingenuidade de procurarem adquirir um segredo que o próprio depositário de tão extraordinárias qualidades teria dificuldade em definir! Mas nessa época algumas curas pareciam indiscutíveis e outras, cujas aparências deixavam aos leigos a impressão de serem reais, tinham atordoado os espíritos mais crédulos. Não admira, por isso que, na Corte de Luís XVI, onde a frivolidade assentara arraiais, se considerasse uma perda irreparável a saída do famigerado magnetizador.

Mesmer resistiu mais uma vez à nova oferta e retorquiu impondo as suas condições. Exigia 500 000 libras! As negociações interromperam-se definitivamente; mas o banqueiro Kormann e o advogado Bergasse tomaram a iniciativa de uma subscrição, que ascendeu a 340 000 libras!

Apesar disso, Mesmer não revelou o pretendido segredo aos discípulos que afluiram por muito tempo na esperança de conhecer o oculto mistério da magnetização.

O prestígio de Mesmer começava a diminuir. A panaceia médica que ele defendia chocava-se dia a dia com os insucessos.

O entusiasmo arrefecia; os doentes rareavam; pessoas da mais alta categoria científica e mundana desacreditavam o sistema.

Um dia, a princesa de Lambaele, a grande amiga da rainha, que ao tempo tanto dominava na vida social de Paris, assistiu, indiferente, a uma sessão. O príncipe Henrique da Prússia nada sentira sob a influência dos fluidos do magnetizador, e como as sessões eram para o meio fútil e doentio da grande capital, os seus depoimentos concorreram bastante para derruirem a fama que Mesmer conquistara. E como não suportava o insucesso, abandonou Paris em 1785, tendo pensado ainda em voltar, ao saber que Deslon, um dos seus discípulos, professor da Faculdade de Medicina, donde esteve para ser irradiado (1) por defender tais doutrinas, continuava o seu comércio, conquistando nome e dinheiro numa efémera notoriedade. Mas contentou-se em deambular pela Inglaterra e pela Alemanha, onde as auras lhe não correram propícias, acabando por morrer rico, mas esquecido, numa pequena cidade do antigo ducado de Suabo.

(1) Chegou a estar suspenso das suas funções.

III

O SONAMBULISMO

Os fenómenos observados na assistência que frequentava as sessões do magnetizador eram de vária espécie; mas os que dominavam tinham quase sempre os mesmos caracteres.

Rebuscando nas descrições da época, ou nos livros que se lhe seguiram, a sequência da sintomatologia observada, vê-se que tudo se reduzia a provocar o ataque histérico, que quase sempre chegava à forma convulsiva violenta. Os assistentes, especialmente do sexo feminino, apresentavam um mal-estar indefinido, com abrimentos de boca, desvio da cabeça para trás, tendência do tronco a dobrar-se em arco, necessidade imperiosa de estender os braços e as pernas, em resumo: todos os sinais percursores da grande crise.

A seguir vinham os gritos, as convulsões, os movimentos desordenados. Se os pacientes iniciavam apenas o acesso, Mesmer insistia nos seus passes magnéticos até que, dizia ele, «as dores sintomáticas se tornassem críticas».

Por outros termos: Mesmer apoiava no ataque histérico o seu processo de tratamento.

Segundo informa Bailly, um dos membros da Comissão, nem sempre havia convulsões. Por vezes os pacientes pareciam mergulhados num sono profundo e outros podiam vestir-se, marchar e

fazer exercícios à maneira dos sonâmbulos naturais. Mas toda esta sintomatologia escapou à observação de Mesmer ou, pelo menos, não a julgou meritória no campo terapêutico para onde quis deslocar as suas práticas.

Não vale a pena seguir o relatório de Bailly, apenso ao oficial, e em que advertia o governo dos perigos dos passes magnéticos, dos toques praticados sobre várias partes do corpo, como atentórios dos bons costumes.

Talvez houvesse exagero na sua interpretação, embora a observação fosse justa em alguns casos.

Por agora basta que constatemos que a grande maioria dos frequentadores das sessões mesmerianas se agitava em contorsões. Por isso junto à sala onde operava instalou um compartimento especial para onde eram deslocados os mais furiosamente agitados, *une chambre aux crises* a que algumas das suas vítimas chamaram *l'enfer aux convulsions*.

Contudo o suplício não parecia insuportável, pois havia quem pedisse para voltar no dia imediato, o que parece dar razão à interpretação de Bailly, que via, em algumas crises, equivalentes sexuais.

A obra de Mesmer deixou vestígios. Não lhe ficaram na esteira apenas os admiradores; também criou discípulos e alguns conservaram-se fiéis, repetindo as suas práticas.

Para não alongarmos excessivamente esta história pregressa do hipnotismo, destacaremos, entre todos, o nome do Marquês Chastenet de Puységur, que constatou a existência de factos novos e foi o precursor e o mestre do padre português. Deve-se a Puységur o ter notado, pela primeira vez, a sintomatologia, embora não pormenorizada, do sonambulismo magnético, ou artificialmente provocado, em que descobriu certas manifestações da actividade cerebral.

Estes factos tinham sido averiguados, alguns anos antes, por Sauvages numa comunicação feita em 1742 à Academia de Medicina de Paris e mais tarde, em 1769, na sua *Nosographia me-*

thodica; mas essas observações passaram despercebidas e delas não teve conhecimento o Marquês de Puységur.

Era coronel de artilharia da guarnição de Strasburgo quando, em 1784, durante um período de férias, começou a praticar o magnetismo. Fora discípulo de Mesmer, mas não lhe copiara os defeitos, embora ficasse convencido, mesmo depois da sua falência, da verdade dos fenómenos observados e dos efeitos terapêuticos que os doentes podiam auferir. Desinteressado, visando apenas a alcançar o bem dos enfermos, impulsionaram-no estímulos muito diversos do interesse e exibicionismo que condicionavam Mesmer.

O marquês praticava o magnetismo na sua terra, em Buzancy, arredores de Soissons. Um dia, observou que um velho aldeão, que ele pretendia curar de uma afecção torácica, tinha adormecido sossegadamente. Contudo, respondia às perguntas que lhe fazia, cantava as canções que lhe ordenava e caminhava como se estivesse acordado.

O Marquês de Puységur ficou maravilhado e, preso às doutrinas do Mestre, julgou-se possuidor de um fluido de qualidade superior. Divulgou-se o facto, passou à categoria de milagre e o solar encheu-se de doentes vindos de toda a parte. Como não pudesse atender tão elevado número de clientes, e para que todos pudessem beneficiar do fluido de que se julgava possuidor, magnetizou uma árvore, a cuja sombra os doentes podiam esperar as vantagens do misterioso fluido.

Este expediente não era original. Mesmer já o tinha empregado. Quando chegou a Paris, começou as suas experiências numa espaçosa sala de um prédio da praça Vendôme. A breve trecho verificou que ela não podia conter a multidão, todos os dias crescente, de curiosos e enfermos que acorriam às sessões. Comprou, por isso, o palácio Bullion, na praça da Bolsa, onde instalou, em vez duma, quatro tinas cheias dos mesmos ingredientes e de garrafas de água, umas com os gargalos convergindo para o centro e outras em sentido inverso. Ora Mesmer garantia que *essa água estava magnetizada* e dela derivavam as virtudes que

se transmitiam aos doentes. A sua varinha mágica adicionava novos fluídos e os passes manuais impunham ainda com mais segurança a força misteriosa de que dispunha. Era a magnetização que denominou a *grandes correntes*, no que era auxiliado pelo seu discípulo Deslon. Mas, em geral, não era precisa tanta minúcia de tratamento: bastavam os fluídos da caixa ou tina magnética, podendo, assim, tratar ao mesmo tempo toda a casta de pacientes que se comprimiam em torno das quatro fontes de magnetismo instaladas no palácio.

A magnetização da água ou de qualquer outra substância era simples: Mesmer passava com a batuta no sentido dos pontos cardeais: primeiro norte-sul, depois este-oeste.

E como a multidão continuasse a afluir na primeira fase do seu sucesso terapêutico, e para dar uma satisfação a todos os que pretendiam lucrar com a sua influência, magnetizou, por sistema idêntico, uma árvore da rua Bondy, a cuja sombra se acolhiam centenas de doentes, numa peregrinação constante, ávidos de cura, cheios da fé que às vezes se traduzia em resultados benéficos iguais aos que hoje se constatam nos lugares santos e nas fontes milagrosas.

Puységur, numa grande ânsia de fazer o bem, iluminado por uma certeza que factos novos dia a dia lhe avigoravam, recorreu ao mesmo sistema da árvore magnética, à qual julgou transmitir o fluido que possuía. E, assim, o seu filantropismo pôde sossegar à sombra da ideia de que todos os doentes que ele não conseguia atender individualmente podiam aproveitar dos benefícios do magnetismo redentor só porque tocavam a árvore sagrada de Buzancy.

É por não pormos em dúvida a sinceridade das opiniões de Puységur que julgamos injustas muitas das acusações feitas a Mesmer. Este também acreditava — e era fácil ter a ilusão — em que possuía qualidades fluídicas capazes de produzir os estranhos fenómenos que observava. Neste ponto, pelo menos durante um largo período da sua vida de magnetizador, não cremos que ele

fosse um charlatão. Foi-o sob outros aspectos; mas não na base fundamental da sua doutrina.

Voltemos às sessões de Puységur, que abandonámos por um momento para mostrar que a ideia da magnetização dos vegetais pertencia ao médico vienense.

Como nas sessões de Mesmer, alguns doentes de Puységur caíam em crise, outros entravam em estado sonambúlico. Estes adquiriam mesmo propriedades inesperadas: reconheciam, tocando os doentes, os males de que sofriam, a natureza do mal e o remédio que lhes convinha. Esta ilusória virtude deslumbrou Puységur, que nunca tendo estudado medicina, deu inteiro crédito às declarações dos seus sonâmbulos. Sentia-se mesmo deslumbrado com a força de que julgava dispor. Revela-o bem na frase duma carta, em que transparecem ao mesmo tempo as suas belas intenções, dirigida em 8 de Março de 1784, a um dos seus amigos; «*la tête me tourne de plaisir en voyant le bien que je fais autour de moi!*»

Três anos mais tarde, um médico de Lyon, Pétetin, vem afirmar que reconhecera nos seus sonâmbulos factos ainda mais extraordinários. Apesar de insensíveis às excitações exteriores, viam, ouviam e gostavam através do epigástrico e dos dedos dos pés e das mãos. E confirmava os factos apontados pelo Marquês de Puységur: liam no próprio corpo e nos doentes que lhes eram apresentados!

Todos resvalavam, e de cada vez mais, no domínio do maravilhoso.

Estas investigaçõeõs, deficientemente conduzidas e, cumpre dizê-lo, eriçadas de erros, vão encontrar uma explicação muito mais simples nas doutrinas do padre Faria. Recordando as passagens mais importantes da história do hipnotismo, quisemos mostrar o ambiente em que se desenvolveu a sua obra de reacção contra as concepções dos que, acreditando nos fenómenos magnéticos, as impunham como dogmas insofismáveis.

A sua voz perdeu-se por muito tempo entre os cépticos que não quiseram dar-se ao trabalho de verificar os fenómenos sonam-

búlicos e os magnetizadores que não desejavam ver-se desapossados das suas virtudes. As críticas violentas e sarcásticas que se desencadearam em torno das experiências, sobretudo na última fase da sua carreira de hipnotizador, foram a lousa tumular sob que as sepultaram durante muitas décadas de anos.

Antes de falarmos das doutrinas do padre português sobre as causas do *sono lúcido*, como ele denominou o sono que hoje corre com a adjectivação de hipnótico, é indispensável que apresentemos a personalidade que serve de tema a este estudo.

Os trabalhos que correm impressos em língua portuguesa (1) sobre hipnotismo e sugestão e as referências históricas acerca do padre Faria vêm cheios de inexactidões.

Assim, o erudito escritor Teixeira de Carvalho, no seu trabalho *Estudos sobre a sugestão e suas aplicações*, — Coimbra, 1888 — diz, por exemplo, que o padre Faria, voltando de Roma a Portugal, esteve «preso algum tempo por crimes políticos», o que não é exacto.

Mont'Alverne de Sequeira, na sua obra *Hypnotismo e Sugestão*, 2.ª ed. — Lisboa, 1889 — que alcançou justificado sucesso, faz, entre outras afirmações menos verdadeiras, a de que Faria conquistara na Índia fama de taumaturgo, quando é certo, como veremos, que ele veio de Goa aos 15 anos de idade e só conheceu em Paris as práticas magnéticas.

Manuel Anaquim, actual bispo de Damão, no seu trabalho *A moderna questão do hipnotismo* — Coimbra, 1895 — faz-se eco de que Faria trouxe as noções magnéticas da Índia quando lá foi estudar os mistérios de Brahma. Ora o padre goense nunca mais voltou à sua pátria depois que de lá saiu.

O professor José de Oliveira Lima, na sua tese *O hypnotismo e a sugestão em terapêutica* — Porto, 1900 — limita as referências

(1) Os trabalhos de D. G. Dalgado foram publicados em francês. A sua obra é a primeira homenagem de valor prestada ao padre Faria e a publicidade em francês muito concorreu para reabilitar no estrangeiro o nome do padre português.

sobre Faria a uma resenha, aliás bastante completa, das opiniões científicas do padre português.

Mas outros há que, ocupando-se do hipnotismo, nem sequer falam no seu nome!

Os poucos historiadores que publicaram notas biográficas do padre português não são mais exactos. Assim, Pinheiro Chagas escreve, menos avisadamente, que ele fora educado em Lisboa e que, tendo passado a Roma, entrou numa ordem religiosa. Também diz, no *Dicionário popular*, que, voltando a Portugal, esteve preso por algum tempo. É confusão com o pai, padre Caetano Vitorino, que de facto esteve detido.

Inocêncio, no *Dicionário bibliográfico*, não é mais feliz, pois aceita como boa a informação de Geneseano António João de Sousa, publicada no jornal *Ultramar*, de Margão, e em que se diz, por exemplo, ter sido o pai de Faria, padre Caetano Vitorino, confessor da Rainha D. Maria I, e também informa que seu filho, o célebre magnetizador, fora religioso e que de França voltara a Portugal.

Outros escritores podíamos citar; mas é inútil fazê-lo. E se destacamos alguns trabalhos mais importantes sobre o hipnotismo ou a respeito do padre Faria, não é no menor propósito de censura.

Se antes das investigações a que nos entregámos, tivéssemos de emitir a nossa opinião sobre a vida e até sobre a influência das doutrinas de Faria na evolução do problema hipnótico, incorreríamos em erros similares.

Servem estas apreciações para mostrar a necessidade deste estudo médico e biográfico, em que pretendemos fazer uma apreciação imparcial da obra do padre goense, divulgando-lhe o valor na pátria portuguesa, onde a sua vida é quase desconhecida.

IV

PAI E FILHO

Nasceu o padre José Custódio de Faria em Candolim, aldeia de Bardês, Goa, em 30 de Maio de 1756. Seu pai, Caetano Vitorino de Faria, natural de Colvale, também do concelho de Bardês, dedicou-se primeiro à carreira eclesiástica, tendo chegado a fazer o curso teológico e a tomar ordens menores. Enamorado de D. Rosa Maria de Sousa, filha única de Alexandre de Sousa, que pertencia a uma família abastada de Candolin, renunciou à carreira inicida e casou-se aí por 1754.

O casal não foi feliz. As incompatibilidades surgiram, sem que se conheça a causa. O nascimento de um filho, sete anos após o matrimónio, não corrigiu esse desentendimento e, em 1764 ou 1765, resolveram os pais, de comum acordo, separar-se. Voltou Caetano Vitorino de Faria, de Candolin, em companhia de seu filho, para Colvale, onde tinha casa e haveres, embora menos importantes que os de sua esposa.

O pai do padre José Custódio de Faria era descendente do brâmane Antu Shenoi, mas a sua família, cristã havia mais de dois séculos, pertencia à burguesia de Bardês.

As tendências religiosas, que vinham desde a infância, o curso que tinha feito e ainda as suas ambições fizeram com que, obtidas as dispensas necessárias, abraçasse a vida eclesiástica.

Pelo seu lado, a esposa, D. Rosa Maria de Sousa, tomou o véu no mosteiro de Santa Mónica, em Goa, do qual chegou a ser prioresa, segundo se diz.

O padre Faria era, pois, filho legítimo do padre Caetano Vitorino de Faria e da freira Rosa Maria, o que levou alguns dos seus biógrafos a considerarem-no como filho natural.

Caetano Vitorino de Faria decidiu-se então a partir para Lisboa. Acompanhou-o seu filho, que ao tempo tinha 15 anos. Saíram da Índia em 21 ou 22 de Fevereiro, no navio *S. José*, que chegou ao nosso porto em 23 de Novembro.

De todo o passado do padre Faria na Índia resta ainda a casa de sua mãe em Candolim, mas a casa de seu pai e a grande capela que lhe pertencia caíram em ruína, passando mais tarde à posse da família de José Nicolau da Fonseca, autor de *The History of Goa*. Nesta época, diremos de passagem, em que as lápides superabundam, bom seria que, por iniciativa do Governo da Metrópole ou da Índia, se recordasse o nome do Padre Faria ao menos na casa onde nasceu.

Chegado a Lisboa, o padre Caetano Vitorino, servindo-se de cartas de apresentação que trouxe de Goa, cultivou relações com pessoas altamente colocadas, tendo feito amizade com o Núncio Apostólico, arcebispo de Tiro, ao qual apresentou uma memória sobre as missões da India (1).

---

(1) Fora ela copiada pelo filho, ao tempo com 16 anos, e devia ter boa letra, pois em carta que o padre Custódio Vitorino dirigiu ao padre Pascoal Pinto, de Candolim, em 2 de Fevereiro de 1772, relata o facto, dizendo que o Núncio muito estimara saber quem fora o copista.

É certo que o Núncio manifestou por ele uma certa estima e tanto que lhe ofereceu três continhas, uma para o filho, outra para ele e outra para a freira que fora sua mulher, com as verónicas de prata e com indulgência plenária na hora da morte.

Mais tarde e, segundo diz, com autorização do mesmo Núncio de as poder dar a quem lhe aprouvesse, ofereceu-as ao padre Pascoal Pinto, como consta da mesma carta.

A sua acção estendia-se aos criados da nunciatura.

Diz ainda ao padre Pascoal Pinto: «Hum criado secular do Senhor Núncio me intercede a que lhe faça produzir pelos meus senhores procura-

A sua demora em Lisboa foi curta. Em uma das Monções do Reino de que temos cópia (2) (n.º 159 de 1779, fls. 449 e 450) se fala de «um clérigo, natural da Índia, chamado o padre Caetano. Este sujeito foi casado nesse Estado, e ajustando-se com sua mulher a ser ela religiosa e ele sacerdote, entrou ela no Mosteiro de Santa Mónica de Goa, onde se acha, e ele tomando Ordens Sacras, veio com o filho parar a Roma.».

Tratando, a seguir, a referida Monção, da acção que desempenhou em Lisboa no ano de 1799, nada diz da sua estada nesta cidade no ano de 1772.

Pelo menos nessa primeira passagem não preocupou os governos, nem deixou vestígio apreciável da sua actividade. Contudo, conseguiu entrar no Paço e alcançar as boas graças de D. José I que, como se verá adiante, auxiliou a educação, em Itália, do que mais tarde havia de ser o célebre padre Faria.

Pai e filho seguiram, por Génova, para Roma, em 1772, com cartas de recomendação do Núncio e de outras personagens de valia. Pretendia o padre Custódio educar o filho e alcançar para ele o grau de doutor em teologia, o que facilitaria a realização das suas ambições.

Alcançado o pretendido título, regressou a Lisboa em 1777, sendo recebido na corte de D. Maria I. Continuou a insinuar-se no convívio do Núncio e de membros do governo, obtendo uma certa influência que, por fim, acabou por ser suspeita.

Servia de procurador às pretensões que os seus patrícios tinham na corte, alcançava do Núncio ou directamente de Roma breves indulgências, capelas, etc., e a ele se chegavam, segundo

dores o importe le verónicas, cruzes, campainhas do Loreto e outras cousas de que tudo vai um caixote cheio com o letreiro: senhor Inácio Pinto. Rogo a V. M. disponha dessas cousas e do seu produto remeta peças de lenços, cobertores de cama e outras cousas que ele pede por uma lista que me entregou hoje, prometendo-me pagar o que lá custar de mais, sobre o que escrevo também ao Padre José para ver se pode suprir.»

(2) Devemos esta e outras cópias ao professor Germano Correia, da Escola de Nova Goa, a quem aqui patenteamos os nossos agradecimentos.

informa Cunha Rivara, os que iam de Goa a Lisboa a buscar fortuna ou a tentar negócios.

Está, porém, provado que não foi confessor da Rainha, como se tem dito.

*

* *

O padre Custódio não tinha grande simpatia pela dominação portuguesa na Índia e tanto que, mais tarde, foi considerado como implicado na célebre conjuração de 1787. No documento a que nos vimos reportando, que é de 1779 e assinado pelo ministro Martinho de Melo e Castro, diz-se «que ele clamava contra as ordens religiosas por causa da relaxação em que todas se encontravam, contra os Ministros e Militares e enfim contra tudo o que é português na Índia, por conta das vexações e o abatimento com que tratam os naturais, maltratando-os com dispêndios e violências e extorquindo-lhes tudo quanto têm».

Estamos convencidos, à face da história, que abusos houve e graves, o que resgata em grande parte aos nossos olhos a tendência nativista do padre Custódio.

Notava o ministro da mesma Monção que «este clérigo parecia, a princípio, muito extraordinário, porque, sendo da privança dos ministros, não constava que ele pedisse ou procurasse para si coisa que pudesse ser-lhe útil, ainda que padecesse, como se entende que padecia, algumas necessidades».

Como pretensa explicação deste desinteresse, acrescentava a referida Monção: «Observou-se, pórém, que nas ocasiões de se expedirem os navios para a Índia, sugeria nas Secretarias do Estado diferentes planos de Reforma, todos dirigidos principalmente a favor da Congregação de São Felipe Neri; até que, entrando-se em mais alguma averiguação a respeito deste clérigo, se descobriram bastantes indícios de que ele era assistido pelos mesmos Neris, para procurar nesta Corte tudo o que fosse vantagem sua.».

Não devia andar longe da verdade o ministro Martinho de Melo e Castro, embora se não possa incriminar esta ou aquela Congregação. No livro das Monções do Reino existe uma carta do próprio padre Custódio em que recomenda aos seus amigos de Goa dois missionários da Congregação de S. Vicente de Paula que podiam muito bem ser indicados por aqueles que dirigiam os seus passos em Lisboa. Somente — e isso se depreende da referida carta — ao lado do interesse religioso transparecia a aspiração nativista. Talvez se servisse dos primeiros como meio para o fim da redenção da sua raça, causa a que votava o maior entusiasmo.

O ministro informava ainda D. Frederico Guilherme de Sousa, governador das Índias, que «ficasse de sobreaviso por ser possível que o padre Custódio alardeasse das boas relações que mantinha em Lisboa com ministros e personalidades importantes a fim de se inculcar como pessoa consultada sobre Negócios da Índia».

E concluía:

«Não obstante, porém, tudo quanto aí se poderá dizer sobre o mencionado clérigo ou que ele tenha sugerido aos seus nacionais, tenha V. Sria. a certeza de que o conceito que aqui se faz dele é de um eclesiástico na realidade bem procedido e muito desinteressado quanto ao seu pessoal, mas ao mesmo tempo louco e muito falto de sinceridade, com grande propensão ao seu valor de enganos para conseguir com eles os seus fins. E nesta inteligência, sem que V. Sria. faça caso algum do que o mesmo clérigo poderá ter mandado dizer, principalmente sobre o importante artigo dos Reclutas, deve V. Sria. mandar executar inviolavelmente o que a este respeito lhe vai determinado em outra carta».

Um dos pontos que merecia mais acerbas críticas ao padre Custódio era a forma porque era feita a chamada dos mancebos para a tropa e em especial em 1775 e anos imediatos. Ousava afirmar que o «Pai que tinha dinheiro e que dava alguns centos de xerafins, tinha infalivelmente o filho isento do serviço e que só o miserável e o pobre se prendia para ele».

E não devia andar longe da verdade...

Pelo que atrás fica dito, vê-se que a sua situação em Lisboa se tornara insustentável a partir de 1779. Entrara em desgraça e as suas pretensões, como se pode ver do tom da carta do governador da Índia em resposta à Monção citada (1), eram sistematicamente arredadas.

Esta resenha histórica sobre a vida do pai do padre Faria vem apenas demonstrar que, tendo embora um fundo de justiça, havia nos seus propósitos uma bem marcada ambição de preponderância e de direcção sobre os seus patrícios.

Falemos agora do filho, que ficara em Roma no colégio da *Propaganda Fide*. Concluiu o seu doutorado e ordenou-se padre em 12 de Março de 1780.

A sua tese: — *De existenctia Dei. Deo uno et Divina Revelatione* — é dedicada à rainha D. Maria I e ao rei D. Pedro III, visto ter já falecido o rei D. José, a quem se confessa devedor de uma protecção que lhe permitiu continuar os seus estudos. Era, por isso, a sua filha, a rainha D. Maria I, que rendia agora as suas homenagens.

Foi presidente do júri Frei Tomás Maria Carboni e parece que a defesa não foi brilhante. Nos livros do colégio encontra-se a seguinte notícia a respeito do padre Faria: *Che che sia ora, quando fu in Collegio si portò bene, e sebbene in occasione di publica Conclusione mostrò dell'orgoglio non intorno il Dottrinale ma intorno all'ortermenla com impegno, e con quase forzatamente dedicarla.*

A referência, que não está datada, não foi escrita quando Faria saiu do colégio, mas mais tarde, quando ele começou a sair do anonimato. E tanto assim é que acrescenta: «Faria vive em Lisboa ou oculta-se num outro país do Continente por causa de quaisquer influências da Corte.» Esta informação deriva evidentemente de notícias idas de Portugal. Deve ter sido exarada no livro dos alunos quando Faria já residia em Paris.

(1) Livro das Monções do Reino, n.º 159 de 1779, fls, 163 e 164.

Logo que em Roma terminou os seus estudos, regressou a Lisboa, onde criou uma boa situação no meio aristocrático. Despertou uma certa curiosidade, não só pela situação que seu pai, o padre Custódio, tinha alcançado na capital, mas até pela circunstância de ser filho legítimo de um padre e de uma freira.

Conseguiu ser bem acolhido no meio eclesiástico e parece que chegou a prégar na Corte. A este propósito conta Dalgado, na sua interessante monografia, que quando, pela primeira vez, subiu ao púlpito, rodeado por elevadas personagens, sentiu varrer-se todo o discurso, dispondo-se a descer por lhe ser impossível continuar. O pai, que não estava longe, disse-lhe em tom bastante alto de forma que ele ouvisse distintamente: *Hi sogli bhâgi*, que quer dizer: «são todos cabeças de palha», o que o acalmou por forma a poder prosseguir o seu sermão.

Este facto, sobre que aliás há fundamentadas dúvidas, e especialmente o que informam os jornais da época acerca das suas conferências de Paris, mostram que o não fadara a natureza para sugestionar as multidões com rasgos de eloquência.

Outros destinos lhe reservavam as suas notáveis qualidades de observador, de que em breve nos ocuparemos.

Tanto seu pai era apegado aos negócios da Índia quanto ele se mostrava desinteressado. Não mantinha relações com antigos companheiros, visto que no início da adolescência o deslocaram para longínquas paragens. Das cartas que escreveu para a terra natal apenas há notícia de uma dirigida a seu primo António João de Sousa, recomendando-lhe uma rapariga, Catarina, filha adoptiva de sua mãe e companheira de infância, a quem enviou um oratório com imagens, que parece ainda hoje existir. Esta nota afectiva do padre Faria representa uma evocação da vida de família desfeita para sempre adentro da grade de um convento e no afastamento voluntário do pai para a vida eclesiástica.

Demorou-se o padre Faria em Lisboa dez anos, de 1777 a 1788, tendo lutado durante esse tempo por alcançar uma mitra. Os seus argumentos não foram atendidos. Entre eles havia um em que se reflectia a ideia nativista, preocupação constante de

seu pai. Perguntava porque, havendo tantos padres indo-portugueses, nenhum deles merecia ascender à dignidade episcopal (1), como se a virtude e o saber perdessem o seu valor sob a pele bronzeada.

O argumento, a ser verdadeiro, era de atender, e tanto que surtiu efeito, como veremos daqui a pouco; mas o padre José Custódio de Faria perdeu a partida, tendo de resignar-se a orientar a sua carreira em directriz bem diversa.

Não pouco concorreu para isso o projectado movimento sedicioso que devia rebentar em Goa em 1787.

(1) Alguns deles conseguiram mitras nos séculos XVII e XVIII.

V

A CONJURAÇÃO DE GOA DE 1787

Foi a revolta de 1787 a mais importante que houve na Índia contra o domínio português. Era governador o capitão-general do Estado, Francisco da Cunha e Menezes que, ao tempo, se sentia assoberbado com múltiplas dificuldades. Não era tanto a guerra declarada a um mau vizinho, Bounsuló, nesse momento em fase de armistício, como a ameaça da invasão de Tipú Sultão (1), que crescia dia a dia em força e poderio. Conquistara as terras de Sunda e Canará, chegara à praça de Quitur, na fronteira portuguesa, e pensava adiantar as suas conquistas pelo nosso domínio.

Teve o governdor denúncia da conspiração poucos dias antes de sair, pois estava marcada para 10 de Agosto. Não perdeu tempo e deu ordens secretas, em 6 do mesmo mês, para que fossem presas as pessoas apontadas como sendo os dirigentes da conjura.

Entre eles contava-se um avultado número de clérigos.

---

(1) Nababo de Misore.

Vinha de longe a conspirata (1). Cunha Rivara, na história do célebre acontecimento, refere que vários eclesiásticos goenses e outros naturais da Índia tinham, anos antes, emigrado para Lisboa. Entre eles o mais antigo fora o padre Caetano Vitorino Faria, que «soubera grangear boa aceitação entre a fidalguia e ainda no paço; e que por isso era o patriarca e patrono daquela colónia indiana».

De facto, quando o Secretário de Estado (Martinho de Melo e Castro) respondia ao governador da Índia sobre a sedição, informava que tinha suficiente conhecimento dos que se diziam seus principais autores: «dois clérigos que vieram a este reino com pretensões de serem empregados na Índia».

Esses padres, porém, tinham regressado a Goa por lhes ter dito o Ministro, para se descartar deles, que o Arcebispo os ocuparia conforme os seus merecimentos. Eram eles José António Gonçalves e Caetano Francisco do Couto, conspiradores categorizados.

O governador tinha já a ferros este último. Pelo seu lado, Melo e Castro recomendava que «seria, da mesma sorte, muito acertado que se desse busca aos papéis dos capturados, para ver se tinham alguma correspondência com os potentados vizinhos desse Estado, particularmente com Tipú Sultão, devendo ser este o ponto mais essencial do seu cuidado para se acautelar».

Martinho de Melo e Castro correlacionou, e bem, o movimento nativista, que ao tempo agitava a Índia, com a sedição portuguesa, receando que esta fosse uma propagação ou um reflexo do conquistador que batia às portas da nossa possessão.

(1) Informa Frederico Denis d'Ayalla, na *Goa Antiga e Moderna*, Lisboa, 1887, pág. 170, que «Uma circunstância externa animava os conjurados nesse sentido. Na corte de Poonah (Punem) muitos indígenas, parentes dos conjurados, ocupavam altos cargos no exército do poderoso marata. Convenceram-se, por isso, que valiam alguma coisa, que podiam ser grandes e respeitados se o governo português o quisesse, à semelhança do que sucedia aos seus conterrâneos Joaquim António Vaz, José António Pinto, Marcos António Gonçalves e vários outros que se distinguiam nos reinos do Peshwar. Estimulados com este exemplo, Manuel Caetano Pinto e seus camaradas no exército de Goa, importunavam o governo para que se lhes desse acesso de posto. De outro lado nenhuma ocasião se oferecia tão azada para um plano qualquer de sublevação.»

Os referidos clérigos ambicionavam mitras, pecha antiga dos padres indianos, que viram sempre os naturais preferidos pelos continentais nos lugares do episcopado.

O padre Caetano Vitorino de Faria alimentava as ambições dos colegas, dando-lhes conta dos seus primeiros passos em Lisboa, logo à chegada, em 1772, contando-lhes a boa aceitação que tivera junto do Núncio, Arcebispo de Tiro, devido à apresentação do beneditino Fr. João Baptista de S. Caetano, que lhe parecia muito amigo dos naturais de Goa.

Mais tarde, depois de regressar de Roma, chegou a escrever que «não descansaria enquanto não entregasse a mitra e o bago aos seus colegas, à imitação de S. Paulo e mais apóstolos. Julgava o padre, ou disso se jactava, que o seu poderio e influência eram grandes não só junto do Ministério e da Mesa Censória, mas também do Cardeal da Cunha, fidalgos da corte, e da própria Rainha. Tinha uma certa razão para o pensar, pois chegou a ser consultado nas coisas da Índia, especialmente nas eclesiásticas.

Nas notas ou glosas que, por determinação régia, fez sobre a informação do bispo de Cochim, governador do arcebispado de Goa, no ano de 1781, e em que colaborou também o padre Caetano Francisco Couto, de novo chegado à capital, pôde dar largas à sua veia nativista.

Dizia o bispo de Cochim, no § 10.º da sua carta ou informação, que para arcebispo de Cranganor bom seria que fosse designado alguém que tivesse propensão para viver entre a gente mais rude e mais áspera da Ásia. O padre Caetano Vitorino comentou esta nota com os seguintes dizeres: «Quanto, porém, à de Cranganor, erra em dizer que vá um arcebispo reinol, por ser aquela gente a mais rude da Ásia; pois para gente rude e áspera nunca foi bom um estranho que nem sabe, nem pode revestir-se dos costumes de semelhantes povos; mas sim um dos mesmos, que seja instruído na Europa, para que, docilizando-se nestes costumes, civilizando-se e instruindo-se, possa eficazmente conseguir docilizar aquele povo, instruí-lo e aperfeiçoá-lo.»

É evidente a sugestão: ou ele, padre Caetano Vitorino, doutor teólogo da Universidade romana, ou o padre Caetano Francisco do Couto ou o padre José António Gonçalves que, a esse tempo, procurava doutorar-se em Roma, seriam as pessoas mais idóneas para ocupar o alto cargo. O governo português e o Papa aceitaram o conselho. Somente não preferiram nenhum dos pretendentes e, passando por cima dos latinos goenses, escolheram um siríaco malabar que estava ainda com mais rigor adentro dos requisitos reclamados pelo padre Caetano Vitorino.

Em outras informação dizia o bispo de Cochim que entre os clérigos seculares da Índia não conhecia nenhum que prestasse para governador do bispado ou superior de missões.

O padre Caetano Vitorino comenta esta passagem, chamando-lhe «apaixonada cegueira» e que «entre os 3000 (1) clérigos indianos encontraria mais de cento, ao menos, se quisesse escolher, não somente para catedráticos e bispos, mas ainda para *ensinar a serem bispos*».

Pode avaliar-se o descontentamento que, após esta exposição, teria o padre Caetano Vitorino, ao saber que o Governo e a Santa Sé tinham nomeado e confirmado em uma das dioceses um cantanar siríaco (2), que num país de preconceitos e castas, como foi e ainda é hoje a Índia, considerava muito inferior em dotes intelectuais, morais e políticos aos que atribuíam aos goenses!

Maior devia ser a sua decepção ao saber que as diligências judiciais de Goa tinham descoberto indícios de ele próprio estar comprometido na conjuração! Por esse motivo escrevera o governador da Índia ao de Moçambique «para prender José António Pinto, Joaquim António Vicente, Fr. Custódio e o padre Caetano Vitorino de Faria, se passassem por aquele porto em navio que

(1) Deve ser número exagerado.

(2) O padre José Cariate, segundo informa Ayalla, na *Goa Antiga e* Moderna.

viesse do reino na monção de 788 (1). Ao capitão do navio de viagem *Nossa Senhora da Arrábida* e *Santo António de Lisboa*, que largou com destino ao Reino em 1788, ordenava que evitasse toda e qualquer comunicação com navios que pudessem chegar a Lisboa primeiro que ele e que, chegado à capital, não deixasse entrar ninguém a bordo sem dirigir ao secretário de Estado a via que levava. O Ministro Martinho de Melo e Castro tomou imediatas providências; mas, como relata na sua já citada carta de 21 de Julho de 1788, em resposta à exposição do governador, já não estavam em Lisboa «José António Pinto, Joaquim António Vicente, Narciso Valente, e com eles um clérigo chamado José (2), filho do célebre padre Caetano Vitorino de Faria. Todos eles tinham saído da capital, socorridos pelo mesmo padre Caetano, a caminho de França, para dali passarem à Índia. «O referido Joaquim António» — informa ainda o ministro — «dissera a alguns dos seus amigos, antes de partir de Lisboa, que em Paris se havia de encontrar com os embaixadores que Tipú Sultão mandara a Versalhes, para tratar com eles alguns negócios, o que combinava com o que o mesmo Joaquim António escrevia ao padre José António Gonçalves na carta que lhe apreenderam. Nela ponderava

(1) Dos 47 capturados 15 eram párocos de várias igrejas da Índia, não incluindo o padre José António Gonçalves, que se evadiu a tempo.

Muitos dos condenados foram barbaramente executados em 1788, no campo de Mandovim, na Velha Goa. No mesmo ano foram remetidos nas naus de viagem *S. Luís e Santa Maria Madalena* 14 clérigos implicados na conjura. Um morreu na viagem e os outros recolheram à Torre de S. Julião. O padre Caetano Francisco do Couto, o chefe e, segundo informa Ayalla, o principal denunciador dos seus colegas, enlouqueceu. Não tiveram estes conspiradores a sorte dos que ficaram na Índia, pois quase todos ou todos (?) foram indultados com 12 e mais anos de exílio e prisão, entre 1802 e 1807, pelos governos de Veiga Cabral e Conde de Sarzedas, no reinado de D. Maria I (Rivara, Ayalla, obras cit.). Parece que para isso concorreu o tratar-se de eclesiásticos.

Não pudemos averiguar se o padre Caetano Vitorino foi também indultado e o ano em que o foi; mas tudo leva a crer que não fosse dos mais castigados.

A última carta que conhecemos dele (1799), deve ter sido escrita depois da sua libertação. Não é fácil admitir que tenha sido escrita enquanto estava recluso, não só pelo que promete, mas até pela ausência de referências directas ou indirectas à sua prisão.

(2) José Caetano de Faria, o célebre padre Faria.

que lhe resultaria a maior conveniência de entrar ao serviço de Tipú.»

Os referidos fugitivos, entre os quais seguia o padre José Custódio de Faria, puderam escapar-se a tempo. O terem sido avisados evitou-lhes a prisão. O mesmo não sucedeu ao padre Caetano Vitorino que, ou por confiar excessivamente nas suas antigas relações, ou por quaisquer outros motivos, arrostou com as consequências, tendo sido internado no convento dos Paulistas, onde assistia.

Ignora-se o tempo que esteve preso. Não se sabem mesmo notícias suas até ao ano de 1779, em que escreveu com a data de 4 de Abril a um gentio de Goa, de nome Rama Custan Naique, sobre negócios e contas, divagando em máximas religiosas inteiramente despropositadas, à mistura com confusos arrazoados: «... e espero assegurar outra felicidade muito maior e sem comparação alguma, pela qual estou contendendo já há vinte e dois e mais anos com esta Europa toda, que se gloria da desgraça de V. M.cês e fazem nela a sua felicidade própria com verem a lamentável ruína de V. M.cês que eu, como e verdadeiro patrício solicito sem que V. M.cês me tenham dado comissão para o procurar, e o faço apesar de arriscar a minha própria vida, somente para que meus patrícios sejam verdadeiramente felizes, já que o nosso Criador me fez conhecer a desgraça da pátria que está precipitada em sua cegueira digna de compaixão e esta não se acha na Europa.»

Além da emaranhada exposição, mais de estranhar num padre que se dirige a um gentio com quem tem apenas contas a regularizar, há a notar o esboço de ideias nativistas em prol da pátria distante.

É ainda curiosa a seguinte passagem: «Eu tenho trabalhado para tirar das mãos dos europeus o nosso Arcebispado de Goa e Índia que o nosso Criador e Redentor nos deu há mil e oitocentos anos pelo seu Apóstolo S. Tomé...»

A carta foi escrita em 1799. Pelo que fica transcrito, um ano antes de ter nascido Jesus Cristo já o apóstolo S. Tomé teria

criado o Arcebispado de Goa! Não contente com isto, dá a Índia por pátria a S. Tomé e acrescenta num propósito messiânico: «Eu vou baptisar todos os gentios, não somente de Goa, mas de toda a Índia, e a dar a minha vida por eles, para que sejam felizes eternamente».

Um novo Cristo, que à custa da própria vida daria ventura perene à sua raça!

Diz Cunha Rivara que se não visse esta carta escrita pelo próprio punho do padre Caetano Vitorino a julgaria falsificada por algum dos seus inimigos. A explicação é fácil. O desditoso padre estava nessa época em avançada idade. O seu cérebro entrara naquele período da involução senil que arrasta aos desvairos mentais de que esse último documento é prova flagrante.

Essa carta foi depois apanhada pelos seus amigos Pintos (que deram o nome à conjuração de 1787) e guardada entre os papéis da casa, no bom propósito de evitarem apreciações desagradáveis para o infeliz defensor da independência da raça indiana.

Pouco tempo devia sobreviver o padre Caetano Vitorino ao ano de 1799, em que a escreveu, mas não pudemos averiguar a data do seu falecimento.

VI

O PROFESSOR DE FILOSOFIA

O padre Faria partira para Paris na primavera de 1788 e, segundo se infere do relato que acabamos de fazer, não só pretendeu fugir a perseguições, mas ainda, querendo ser agradável a seu pai, partiu muito provavelmente decidido a entender-se com os embaixadores de Tipú a fim de obter um apoio para os conjurados de 1787, presos e subjugados pelas autoridades portuguesas da Índia.

As circunstâncias que apontamos dão foros de veracidade a esta atitude. O afirmar-se que saíra de Lisboa por simples desejo de alcançar celebridade nas letras é que não nos parece aceitável. Podia mais facilmente alcançá-la em Portugal. Porque não a procurou antes dos acontecimentos que se desenrolaram na Índia? Porque motivo a sua saída se deu exactamente no momento em que em Paris se reuniam os embaixadores do revolucionário indiano? Seja como for, esta passagem em nada diminui a sua personalidade no campo científico, onde conquistou um lugar de alto realce. Esconder o facto ou a simples suspeição seria falsear-lhe a biografia.

Da sua intervenção, em Paris, nos negócios referentes às aspirações nativistas — se de facto ele procurou intervir — nada consta. Por outro lado, a embaixada de Tipú, recebida por Luís XVI

em 13 de Agosto de 1788, não obteve o sucesso a que aspirava e a questão indiana acabou por ceder lugar no seu espírito ao desejo de uma situação que lhe permitisse viver em França e que lhe desse alguma celebridade, pois já tinha demonstrado que ambicionava posições de destaque.

Desde 1788, em que ele chegou a Paris, até 1792, nada consta da sua passagem pela grande capital; mas neste ano apareceu, pela primeira vez, o seu nome em documento do *Registo das denunciações.*

Habitava o padre Faria uma pensão instalada no prédio n.º 49 da rua Ponceau que, segundo as investigações de Dalgado, deve corresponder ao n.º 7 actual, e de que era proprietária Madame Chibler. A sua cor bronzeada, a alta estatura, que a magreza mais acentuava, e especialmente as suas opiniões políticas que não guardava, chamaram sobre si a atenção dos vizinhos. Duas testemunhas vieram depor contra ele: Caurel, sapateiro, que o classificou de refractário e incendiário; e Pirou, pintor, secretário da Assembleia primária, que declarou ter ouvido dizer a Mme. Chibler e à sua cozinheira que ele mostrava desejos de ter no *Champ-de-Mars* tantos postes como guardas nacionais e patriotas, a fim de os poder mandar enforcar. Também o acusaram de jogador e frequentador do Palais Royal.

Estes depoimentos, prestados perante os comissários Galliet e Pothier, encarregados do recenseamento da Secção de Ponceau no ano IV da Liberdade e I da Igualdade, não determinaram, que se saiba, qualquer incómodo ou vexame para o padre Faria. As suas práticas de magnetizador não são evocadas nesses depoimentos, o que mostra que ele ainda não tinha enveredado por esse caminho, pois não é crível que tivessem escapado aos seus denunciantes.

Nas acusações feitas devia haver alguma verdade pelo que respeita às suas opiniões políticas, pois em 5 de Outubro de 1795 (VIII do Vendimário do ano IV) colocou-se à frente de um dos batalhões revolucionários da sua secção, tomando parte activa na queda da Convenção. Este gesto devia colocá-lo nas boas graças

do Directório e à sua sombra deve ter criado relações e influências cuja extensão e valor não conseguimos esquadrinhar. Servem, porém, para explicar o desenrolar de factos subsequentes da sua vida aventurosa por terras de França.

Deve ter conhecido por essa época, e como consequência da sua antitude anti-convencionalista, o Marquês de Chastenet de Puységur, um dos discípulos de Mesmer a que já nos referimos. A obra de Faria sobre as *Causas do sono lúcido*, publicada muito mais tarde, último brado da sua actividade de hipnotizador e de filósofo, é dedicada ao Marquês e a ele se dirige nestes termos: «*Il vous est dû de ma part avec d'autant plus de justice que je reconnais dans vos sages avis et dans vos bienveillantes instructions le germe de mes méditations et de la persévérance de mes efforts.*»

Não é fácil precisar a data exacta sobre o início das suas práticas magnéticas. O padre Faria foi levado a elas por curiosidade do seu espírito, pela leitura da obra de Mesmer e especialmente pelas sugestões de Puységur e até, quem sabe? no propósito de melhorar a sua situação financeira à sombra da clientela que, apesar do insucesso de Mesmer, era possível obter.

O misterioso atrai sempre as multidões ávidas de tratamentos inéditos, e o padre Faria convencera-se, de facto, das vantagens que o sono hipnótico podia trazer aos doentes. Ele nunca foi um interesseiro; não o deslumbrou a riqueza nem a considerou como um fim a alcançar; mas as suas conferências foram pagas, o que mostra que, carecendo de viver, este aspecto do problema não lhe foi de todo indiferente.

Alguns autores que se referem ao padre Faria a propósito da história do hipnotismo, salientam a circunstância de ser indiano, chegando alguns a insinuar que trouxera da sua pátria conhecimentos especiais sobre o assunto. A Índia foi sempre considerada terra de mistérios, do encantamento das serpentes e da imobilidade estóica dos faquires. Nessa época o desconhecido despertava ainda mais atractivos, o sobrenatural era mais verosímil, porque a sugestionabilidade da sociedade francesa, acostumada a

desventuras de toda a sorte, estava mais propícia a aceitar as conclusões de doutrinas mais ou menos impressionantes. Estamos certos de que para o sucesso do padre Faria não deixou de contribuir a sua figura ascética, a cor bronzeada e a qualidade de indiano; mas é positivo que ele saiu de Goa com quinze anos incompletos e nunca mais voltou a terras de seu país. Nem sequer o prendiam relações escritas, continuadas, aos conterrâneos.

Os seus conhecimentos sobre o magnetismo datam de Paris e depois de ter travado relações com Puységur, a quem dedicou a sua obra.

A primeira notícia que se conhece sobre a actividade de magnetizador do padre Faria é de 1802, sete anos depois da implantação do Directório, nas *Memórias de além-túmulo*, de Chateaubriand, publicadas em 1843, após a sua morte. Refere-se ao padre Faria, com quem jantara em casa de Mme. la Marquise de Custine, em termos pouco agradáveis. O padre afirmou que conseguia matar um canário magnetizando-o. Posto à prova, falhou a experiência, o que levou Chateaubriand a concluir: «*chretien, ma seule presence avait rendu le trépied impuissant*». Desta vez ambos estavam em erro: nem um era capaz de matar o inofensivo passarito, magnetizando-o; nem o outro poderia impedir as práticas então chamadas magnéticas só porque professava a religião cristã.

Esta passagem mostra que Faria sabia cultivar relações, frequentando salões do maior renome de Paris. Antes dessa época já ele devia ter praticado, e muito, o magnetismo para se apresentar perante um público selecto e fazer afirmações tão ousadas. É possível que em 1802 estivesse ainda dominado pela teoria dos fluidos e que só mais tarde, aprofundando e praticando o sonambulismo, chegasse às verdadeiras conclusões em que assenta a sua doutrina. O insucesso de casa de Mme. de Custine deve ter-lhe dado mais um argumento no sentido da boa orientação.

Esta nota de Chateaubriand, espírito de alta cultura, mas algemado aos princípios da Igreja, revela a sua animosidade pelo magnetismo, que Roma condenava como sendo influenciado por

espíritos maus. Por outro lado Faria não podia merecer-lhe consideração, pois sendo padre, mais criminosas devia considerar as suas práticas.

Ao relancearmos a vista pela história da ciência, vemos muitas vezes as ideias religiosas entravarem a marcha aos seus progressos. Mas os prejuízos passam e a verdade vence.

De positivo sabemos que o padre português continuou os seus trabalhos e investigações até 1811, em que foi nomeado professor de Filosofia na Academia de Marselha.

O que determinou essa nomeação?

Conta-se que o padre Faria conhecera, numa casa de jogo, uma personagem altamente colocada, que lhe conseguiu a nomeação. Diz-se até que com o seu misterioso poder magnético se tornara tão temido nessa casa que os proprietários lhe davam uma pensão diária para ele não jogar. É o que se lê no *Moniteur Universel*, de 5 de Outubro de 1919.

Todos sabem, porém, que nem os magnetizadores dessa época nem os hipnotizadores de hoje conseguem forçar a sorte. Podia ser — os jogadores são sempre suversticiosos — que se arreceassem das suas práticas magnéticas, mas não parece muito crível que fosse um companheiro de jogo que o conseguisse despachar professor e especialmente determinado pelo receio de arruinar os proprietários da casa de tavolagem onde se encontravam. As relações que obteve após a acção revolucionária contra a Convenção, a divulgação das suas ideias sobre o magnetismo, que haviam de começar a espalhar-se entre os amigos, e ainda a circunstância de manifestar uma certa cultura filosófica, deviam ser as causas determinntes da escolha do seu nome para o liceu marselhês, que ao tempo se chamava Academia.

Consta do Almanaque Imperial de 1811 que Faria se manteve em Marselha durante um ano. É nessa época que, segundo parece, foi eleito *membro da Sociedade médica* dessa cidade, o que só pode ser atribuído às suas práticas de magnetizador. Não sendo médico, devia o seu ingresso representar uma distinção excepcional.

O padre Faria ou por deficiência na regência da cadeira ou por não ter as boas graças dos colegas, visto não ser professor de carreira, ou por ter tentado levantar os alunos contra o Provisor (Reitor) do Liceu, — um cura duma paróquia da cidade que tinha dispensado os seus serviços oratórios por inconvenientes (*Moniteur Universel*), — foi, em 1812, transferido para a Academia de Nîmes na qualidade de professor suplementar.

A vida do padre Faria é um rosário de sucessos e de desastres. Esta transferência representa uma desqualificação que o seu temperamento não podia suportar. Além disso, Nîmes era uma pequena cidade. Faltava-lhe a atmosfera e a liberdade de um grande centro. Sentia-se enclausurado adentro de uma bisbilhotice deprimente. Não faltaram insinuações malévolas. A duas delas fez mais tarde referência o *Moniteur* no artigo a que nos vimos referindo e em que há um acentuado desejo de deprimir a memória de Faria. Assim, informa que o padre goense, logo que chegou a Nîmes, montara em sua casa uma tina magnética que, pela designação, considera idêntica à de Mesmer, onde exercia as suas práticas entre os que o procuravam.

É certo que ele continuou em Nîmes a exercer o magnetismo, mas não devia ter empregado a técnica mesmeriana. Chegou mesmo a afirmar-se que tendo consultado um sonâmbulo, à maneira de Puységur, sobre a doença de uma mulher, ministrara um medicamento que tendo provocado um aborto lhe ocasionara a morte. Basta esta narrativa, que escrupulosamente trasladamos do *Moniteur*, para não merecer crédito.

Contudo, alguns malefícios atribuíram às suas práticas porque a polícia acabou por as proibir. Mas se acaso o padre Faria tivesse sido a causa de uma morte, não se limitariam a tão discreto procedimento: teriam tido para com ele o rigor que o caso reclamava.

Relata o mesmo artigo um facto ainda menos verosímil. Vagou uma paróquia nas proximidades da cidade e, diz o *Moniteur*, o padre Faria tomou de assalto o lugar do seu antecessor e, sem a permissão do bispo de Avignon, começou a prégar, a confessar e a magnetizar.

Informa Dalgado que não há na Biblioteca do museu Calvet, em Avignon, onde estão guardados todos os documentos do bispado, do tempo do Império, notícia alguma sobre o padre Faria. Nem é crível que um doutor em teologia ousasse tal cometimento nem, se o tivesse praticado, se reduziria o castigo a expulsarem-no do posto usurpado, como informa o articulista. Não faltaria o processo respectivo, embora ele tivesse ganho grande prestígio entre os paroquianos que, no dizer do *Moniteur*, o consideravam já como um profeta ou um santo.

Devemos notar que o referido artigo foi escrito depois da morte do padre português, numa época em que o seu nome ecoava como o de um charlatão aos ouvidos dos críticos de Paris, e sem que houvesse o menor cuidado em escrupulizar na averiguação dos factos que se produziram em torno do célebre magnetizador.

Desde o início das suas práticas magnéticas que lhe atribuíram os factos mais inverosímeis, apresentando-o ora como um iluminado, ora como um impostor. A sua memória foi assim envolvida numa misteriosa penumbra que lhe abriu as portas da lenda. Foi a essas e outras reminiscências que Alexandre Dumas, pai, o foi buscar para o romance *O Conde de Monte Cristo*, o que não pouco concorreu para aumentar a confusão no estudo exacto da sua personalidade, tantas vezes alterada em muitos dos seus contornos.

Faria não pode continuar em Nîmes. Acostumado à vida rasgada de uma grande capital, desgostoso pela situação oficial a que o reduziram, voltou a Paris em 1813, disposto a tentar fortuna. Apresentou-se então como professor livre, abrindo um curso público sobre o *sono lúcido* que, como dissemos, era a designação que dava ao sonambulismo provocado.

VII

AS SESSÕES DA RUA CLICHY

Faria começou o seu curso sobre o magnetismo em Paris, a 11 de Agosto de 1813. Alcançou para isso as necessárias licenças ao prefeito da polícia e obteve de Butet de Sarte, professor primário, uma sala na sua escola da rua de Clichy, n.º 49, junto ao antigo jardim de Tivoli.

As conferências realizavam-se às quintas-feiras e a admissão custava 5 francos. O salão abrigava uma grande quantidade de senhoras e alguns homens. Uns vinham no propósito de alcançar a cura dos seus males, muitos à busca de sensações novas ou atraídos pela curiosidade das práticas magnéticas, e ainda outros para arranjar pretextos de troça e ditos de espírito tão peculiares ao feitio gaulês.

Em breve a sua notoriedade foi enorme em Paris. O curso tornou-se um verdadeiro acontecimento mundano, como, anos antes, o foram as sessões de Mesmer. Os jornais fizeram-lhe a divulgação do nome, embora nem sempre lhe fossem favoráveis. A *Gazette de France*, de 21 de Agosto de 1813, dedica-lhe um longo artigo assinado por *L'Hermite de la Chaussée d'Antin* (1), que merece ser recordado neste momento. Intitulava-se *O sonam-*

(1) Pseudónimo de Victor-Joseph-Etienne de Jony, D. G. Dalgado — *Mémoire sur la vie de l'abbé Faria*, Paris, 1906.

bulismo e o padre Faria e é uma reportagem e uma crítica às cenas presenciadas.

Começa o articulista por se insurgir contra os charlatães estrangeiros, que encontram sempre auditório em Paris no propósito de fazer fortuna, imputação injusta pelo que respeita ao padre português. E recorda o escocês Law, Willars, Bletton, Mesmer... E enfileira a seu lado o nome de Faria.

Trata primeiro da assistência, que «era brilhante, numerosa, composta, na maior parte, de mulheres na flor da idade. A maioria delas trazia as mais favoráveis disposições à nova doutrina». «Sentei-me ao lado de Mme. Maur» — continua o jornalista — «e pude ver através da sua atraente fisionomia as diferentes modificações que lhe imprimiam a credulidade, a confiança e a persuasão. O padre Faria, acompanhado de cinco ou seis raparigas, aparecia no recinto que lhe era reservado, numa das extremidades da sala.»

Depois, descrevendo o magnetizador, diz que a sua tez, escurecida pelo sol de Goa, não prejudicava a regularidade dos traços fisionómicos e, querendo fazer espírito e insinuar razões ocultas do seu sucesso sobre a assistência feminina, chega a afirmar que «as suas ouvintes não tinham mais prejuízos que a doce Desdémona».

Nada consta, porém, na vida do padre Faria, no capítulo das tentações amorosas. Se foi dado a devaneios, não deram tanto nas vistas que deles ficassem vestígios. A sua cor estranha, a expressão fisionómica, os poderes ocultos que lhe atribuíam podiam ter impressionado favoravelmente as frequentadoras da *rue Clichy*; mas, ou por apêgo a princípios religiosos ou ainda pelo peso dos sessenta, que se avizinhavam, não esquadrinhámos na sua vida episódio que o coloque mal em matéria pecadora.

A referência vaga do eremita da *Chaussée-d'Antin* é a única que encontrámos nos documentos compulsados.

Que ao menos a memória de Faria fique isenta de culpa, ou pelo menos afastada da crítica, sob este aspecto particular.

A sessão principiava por uma conferência em que, no dizer do articulista, «era tão grotesco pelo estilo que, se não viesse dum

estrangeiro, seria interrompida às gargalhadas». Deve haver exagero nesta apreciação. O padre Faria não conhecia a fundo a língua francesa, mas praticava-a de há muito e escrevi-a com uma certa facilidade.

Não tinha elegância na exposição, por vezes era obscuro, como pode reconhecer-se no seu livro; contudo, o seu estilo estrangeirado não chegava a ser ridículo. Era, porém, pouco agradável na sua exposição. Não interessava, não conseguia prender o auditório. Este não o acompanhava nas suas divagações filosóficas.

O jornalista faz, todavia, uma apreciação inexacta das suas doutrinas, atribuindo-lhe a afirmação de que considerava o magnetismo a base de toda a instrução, o fundamento de todas as ciências, a chave de todos os conhecimentos humanos.

E acrescenta: «Antes de ter ouvido este filósofo da Costa do Malabar, quem poderia imaginar que o magnetismo não só nos pode revelar os segredos da medicina, a causa, a sede e o remédio de todas as doenças, mas ainda fazer-nos conhecer a configuração, a matéria, o movimento dos astros e a natureza dos seus habitantes? Devemos, por isso, ficar tranquilos sobre os progressos futuros da medicina e da astronomia. Mais: a moral é, por sua vez, esclarecida pelo magnetismo: todas as virtudes e todas as verdades dele derivam; a própria política está submetida à sua acção.»

Esta apreciação está em desacordo com a maioria das opiniões expendidas por Faria na sua obra. Alguns erros e exageros devia apregoar; mas a seu tempo demonstraremos que não eram tantos quantos lhes são atribuídos neste artigo, em que havia mais o propósito de fazer espírito do que crítica. Assim, conta que o padre dissera, a respeito duma das suas alunas: *Elle a le don tout particulier de lire en dormant, par cette partie du corps humain que le premier homme et la première femme ont dû, seuls, ne pas apporter au monde.* Infelizmente, acrescenta, a prova não era de molde a fazer-se em público.

Mesmer tinha deixado atrás de si a descrença dos fenómenos chamados magnéticos; não admira, por isso, que o padre Faria,

logo no início das suas conferências, fosse atacado desta maneira. Havia o propósito de o atingir pelo sarcasmo, destacando, ampliando e comentando as afirmações susceptíveis de o expor à irrisão pública.

A *Gazette de France* descreve, em seguida, as suas experiências, sobre que faz incidir uma crítica igualmente parcial e exagerada. Interessa-nos pouco essa descrição, visto que podemos colher os factos e a sua interpretação no relato escrito pelo próprio magnetizador. O que hoje conhecemos sobre o hipnotismo deixa-nos absolutamente garantidos da veracidade das práticas de Faria, tal como ele no-las expõe, àparte alguns exageros de interpretação, muitos dos quais foi corrigindo através das suas repetidas e cuidadas observações.

As apreciações dos jornais, que se intensificaram mais tarde, chegando à agressão pessoal, incomodaram o padre pela injustiça que representavam e, sobretudo, pela forma incorrecta e grosseira por que eram dirigidas. No prefácio do seu livro responde-lhes da seguinte forma:

«A publicação duma produção científica» — diz o padre Faria — «supõe sempre no autor a intenção ou de descobrir verdades novas ou de corrigir as que como verdades são consideradas. Se juntamente aspiram a alcançar a glória do autor, lastimo-o sinceramente. A esperança da celebridade neste campo é sempre misturada de amargura.»

Declara que não o animou esta pretensão; mas a fase inicial do seu trabalho está um pouco em contradição com esta pretensa modéstia. A sua obra foi escrita nos últimos anos da sua existência quando, batido pela adversidade, não tendo criado adeptos, exposto ao ridículo nos jornais e no teatro, pobre e abandonado, recolheu a um pensionato de religiosas, onde pôde entrar como capelão para alcançar os meios indispensáveis à sua subsistência.

Nesse canto de Paris, *rue des Orties*, n.º 4 (1), decidiu-se a escrever uma obra que destinava a ter três ou quatro volumes.

(1) Segundo informa Dalgado, essa casa corresponde hoje ao n.º 9 da Avenida da Ópera, onde está instalado o *Je sais tout*.

Parece que só (1) o primeiro viu a luz da publicidade. A morte surpreendeu-o, durante a impressão, a 20 de Setembro de 1819, aos 63 anos de idade.

Se não fosse este final de vida, ficariam para sempre desconhecidas as suas doutrinas. O seu nome passaria ignorado ou, o que seria pior, a história, tantas vezes injusta nas suas apreciações, registá-lo-ia como o de um charlatão. E ele próprio que o confessa: «Há males que fazem muito bem aos que sabem conhecer-lhes a utilidade.»

E noutra passagem: «Sem este aguilhão, que feriu vivamente a minha honra, condenar-me-ia a ficar calado sobre a causa do sono lúcido, persuadido que nada tinha a ensinar num cidade em que tudo tenho a aprender.»

Assim, espicaçado pelas agressões recebidas, servido por uma vontade firme, convencido das verdades que apregoava, deitou-se ao trabalho da exposição das suas doutrinas, para o que contribuíram os manuscritos das conferências feitas nas célebres sessões da *rue de Clichy*, e que devem ter sido largamente refundidos e acrescentados.

Pretendia esclarecer várias classes de pessoas: «as que não viram na sua conduta senão temeridade, as que apreciaram o seu prestígio, as que apenas viram futilidade na sua obra e as que o supuseram dado a feitiçarias.»

E acrescentava:

«Os que se qualificam de magnetizadores acreditam que as minhas tentativas são menos úteis que perniciosas. Os jornalistas pronunciam-se categoricamente contra mim, dizendo que tudo o que faço é ilusório e pouco digno de uma atenção séria; outros espíritos, ainda que dotados de conhecimentos profundos, examinam superficialmente o estado do sono lúcido, declarando que é apenas um divertimento pueril; membros do clero só o apreciam como o resultado da interferência dos génios malfazejos sempre ocupados em prejudicar a espécie humana.»

---

(1) Adiante nos ocuparemos mais pormenorizadamente deste assunto.

O padre Faria mantém-se, através da sua vida, inabalável nas crenças católicas. Por isso, ao lado das críticas gerais, ferem-no muito particularmente as desarrazoadas insinuações dos colegas que, ou por convicção ou por maledicência, o supõem em pacto com o diabo. Acusa-os de fazerem coro com o relato dos jornais, deixando-se desnortear pela propaganda dos seus detratores. E observa que melhor seria abandonarem uma timidez injustificada, indo observar os fenómenos tais como eles são, para verificarem que «aquilo que parece sair da ordem constante da natureza em nada a ultrapassa».

Caminhando nesta ordem de ideias, pretende demonstrar que, ao contrário das acusações que o clero lhe fazia, o sono lúcido vinha, mais uma vez, demonstrar «a existência da primeira causa», lançando por terra «a monstruosa quimera do ateismo»; punha em evidência a «espiritualidade da alma humana», confundindo assim o «materialismo presunçoso»; explicava dogmas que pareciam inacessíveis à inteligência e lançava uma luz inesperada sobre verdades físicas até então indecifráveis.

Não acompanhamos o padre Faria na sua digressão pelo campo teológico. Teríamos de seguir uma dialéctica a que não sabemos ajustar-nos, acostumados, como estamos, à investigação das verdades palpáveis.

Mas é justo reconhecer que Faria condenava a facilidade com que, ao tempo, se abusava, no grémio da Igreja, de tudo submeter à influência dos espíritos maléficos. São dignas de registo estas suas palavras:

«Ah! Se tudo o que não pode ser explicado pelos efeitos da natureza deve ser sempre relegado a causas sobrenaturais, o que resta ao homem em apanágio dos seus conhecimentos?»

E num momento de maior independência, nota que os magnetizadores, em geral, não acreditam na magia e feitiçaria, ou, quando muito, as consideram problemas a discutir. E termina dizendo:

«Os espíritos piedosos e timoratos nada têm a recear da conduta dos que se ocupam do estudo do sono lúcido, porque os

génios das trevas de ordinário não se associam a quem os não procura e menos ainda aos que nem sequer acreditam na sua existência.»

O padre Faria não pertence a este número; mas, entre os chamados casos de *possessos*, em que julga certa a sua intervenção, e os de sonambulismo lúcido, sustenta haver diferenças essenciais.

Acreditava-se, nessa época, que, por meio do sonambulismo, podiam desvendar-se os segredos e os mistérios do futuro. Faria, a este propósito, ousa colocar-se ao lado daqueles que nas revelações de Santa Tereza e de Joana d'Arc não vêem senão manifestações do sono lúcido; mas já não dá igual interpretação às profecias, que atribui a inspiração divina, de acordo com os livros da Igreja. Estas são para ele verdades incontestáveis.

Colocando-se sempre adentro do ponto religioso, e desprezando todas as insinuações e ataques, declara que só quer estar a bem com a sua consciência, e só ela lhe dirige a conduta.

Sobre as profecias dos sonâmbulos, declara Faria, peremptoriamente: «Há certas verdades nos seus anúncios; mas verdades que têm necessidade de ser interpretadas com indulgência, submetidas a provas rigorosas, expungidas de erros com habilidade.»

Noutra passagem esclarece, com maior precisão: «As suas previsões são tão vagas que não oferecem mais do que probabilidades dos acontecimentos, sob condições requeridas, e ainda submetidas a erros grosseiros.»

Faria não confiava inteiramente na inspiração dos sonâmbulos; e tanto que, após uma larga experiência de magnetizador, talvez corrigindo ideias iniciais, põe tais restrições, exprime-se de tal maneira que a dúvida quase se transforma em negativa formal. Revela-se, nesta passagem da sua obra, um observador de fino tato, tanto mais de apreciar porque é certo que as ideias do sobrenatural dominavam os espíritos dessa época, dando fácil explicação a todos os fenómenos. Manifestar-se contra a crença geral da previsão do futuro pelos sonâmbulos, embora um pouco veladamente, é brasão de honra para a sua memória.

Bem razão tinha quando escreveu que a sua «maneira de pensar, que deve parecer paradoxal a muita gente, também o teria parecido, a ele próprio, dez anos antes».

Mas voltemos às sessões da rua de Clichy, que abandonámos para fazer uma digressão através das primeiras críticas contra o padre Faria e que procuravam feri-lo pelo anátema e sobretudo pelo ridículo, arma demolidora, especialmente em França, quando é servida por uma pena experimentada.

Em seguida a uma longa prelecção, iniciava as experiências fazendo adormecer as pessoas sobre que já tinha praticado o sonambulismo. Faria foi o primeiro a sustentar que nem todos os indivíduos eram hipnotizáveis. Isso mesmo dizia nas conferências, desafiando todos os magnetizadores a adormecer aqueles que não tenham nem as disposições requeridas nem as causas predisponentes a que ligava importância e que dentro em breve apreciaremos. Era necessário, além disso, que os epoptas (de'Επoπτεια(η) — o mais alto grau de iniciação), assim denominava os sonâmbulos, quisessem deixar-se adormecer. E assim substituiu os nomes de magnetizador e magnetizado pelos de concentrador e concentrado.

O sonambulismo (sono lúcido de Faria) que Puységur tinha individualizado, ligando-o contudo à influência de fluidos, passava a ter uma nova interpretação.

Com uma grande clarividência, o padre Faria foi o primeiro a proclamar a doutrina da sugestão. É esse o seu grande mérito, a sua glória máxima.

Até ele a grande maioria perdia-se em conjecturas sobre os fluidos dos magnetizadores. Alguns, com Barbarin à frente, davam-lhe uma interpretação mais vaga e imprecisa: o sonambulismo era apenas uma manifestação do poder da alma sobre a matéria (escola espiritualista). Mas ninguém ousara dar aos fenómenos observados a interpretação simples a que Faria chegou, desfazendo erros à custa de um exame meticuloso, de um grande poder de síntese e de uma precisa visão dos factos.

Recordemos as suas palavras: «Eu não posso conceber» — — diz ele (1) — «como a espécie humana foi procurar a causa deste fenómeno à tina de Mesmer, a uma vontade externa, a um fluido magnético, ao calor animal ou a mil outras extravagâncias ridículas deste género.»

Faria pisava o bom terreno.

(1) Obra cit., pág. 33.

VIII

AS DOUTRINAS DO PADRE FARIA

Consegue Faria desempoeirar-se das doutrinas do seu tempo sobre o magnetismo, afrontar a opinião severa de clerezia, que condenava *in limine* as suas experiências, foge ao cómodo expediente do sobrenatural, que tudo podia explicar e solucionar, e chega a uma interpretação lógica dos fenómenos observados.

Carecemos de reportar-nos a essa época, aos seus preconceitos religiosos e científicos, uns apodando tais práticas de criminosas, outros negando os factos mais evidentes como sendo obra de charlatães, para bem avaliarmos a acção desse desconhecido português que em terras estrangeiras lutou pela verdade sem se deixar subjugar pelos adversários nem pela indigência, que o levou a pedir asilo a uma casa de religiosas, para não morrer de fome.

Os relatórios de alguns médicos e homens de ciência que se deram ao estudo dos trabalhos de Mesmer fizeram-nos dependentes da imaginação. Faria combate esse modo de ver com palavras que ainda na hora presente têm plena actualidade: «Os médicos deduzem da imaginação todas as doenças que não conhecem, como os naturalistas atribuem a um fluido todo o efeito que não cai sobre as leis ordinárias (1)».

(1) Abbé Faria. — Obr. cit., 2.ª ed., pág. 285.

Depois disserta sobre a imaginação, citando a definição imperfeita de Wolf.

Para o padre Faria, «a memória pode existir sem a imaginação, mas nunca a imaginação sem a memória», o que, não entrando em consideração com a interdependência de todo o aparelho psíquico, se não afasta muito da realidade dos factos.

Referindo-se às quimeras e aos fantasmas, considera as primeiras ficções inanimadas e os segundos ficções animadas. Junta-lhes os espectros, que para ele são as ideias das imagens dos mortos. E, em crítica a este propósito, acrescenta: «Os antigos fizeram da quimera um ser natural e feroz combatido pelo Belérofon. O vulgo faz dos fantasmas seres reais, e os físicos do espectro (1) uma imagem corada que projectam sobre uma parede quando cortam os raios solares por meio do prisma.»

Esta passagem é acompanhada de uma enfadonha dissertação, com história de fantasmas à mistura, para combater a doutrina da imaginação. Destacamos as frases que constituem o seu principal argumento: «Guarda-se a memória do que se imagina; mas durante o sono lúcido, especialmente quando ele é profundo, não se guarda memória de tudo o que se passou. Daí se conclui que o sonambulismo provocado não pode ser devido à imaginação.»

Faria afirma que o concentrador ou hignotizador não tem fluido ou poder algum especial. O concentrado ou o hipnotizado é o único agente activo. «Não se fazem epoptas sempre que se queira, mas somente quando se encontrem epoptas naturais.» Por outras palavras: só se podem hipnotizar as pessoas predispostas a sê-lo.

O concentrador é, para Faria, uma causa meramente ocasional.

Demonstrou nas suas sessões que «crianças podiam adormecer adultos com a simples apresentação da mão».

Colocou um certo número de epoptas debaixo de uma árvore que previamente tinha magnetizado segundo os processos de Mesmer e Puységur. Nada sentiram. Em seguida levou-os junto de

(1) É curioso este trocadilho de significado a propósito da palavra «espectro».

outra árvore. Afirmou-lhes que estava magnetizada, sem o estar, e a maior parte dos observados caiu em sonambulismo.

Estas concludentes experiências jugulavam de vez a teoria fluídica.

O padre português viu o problema da hipnose nos seus fundamentos com toda a precisão e clareza. Foi ele quem primeiro lhe marcou os limites naturais. A sua opinião é firme e inabalável: «Nada se desenvolve no sono lúcido que saia fora da esfera natural.»

E, querendo ir mais longe, sentindo-se bem na posse do assunto, afora um ou outro pequeno exagero, escreve: «Faremos ver que nada há neste fenómeno que ultrapasse os limites da razão humana e que tudo é concebível por pouco que o homem queira dar-se, de boa-fé, à investigação da verdade.»

Faria não só observou bem os factos: procurou indagar as causas e perscrutar as razões da diferença de conduta dos indivíduos em face das práticas hipnóticas: uns adormecendo logo, outros sendo completamente refractários.

A obra de Faria não passou além de um volume, tendo prometido mais dois ou três (1). Devia, ao iniciar o seu trabalho, dividir os assuntos pelos diversos tomos. Muito do que escreveu é nebuloso e pouco preciso. Tinha sempre a preocupação filosófica e prendia-se em conjecturas metafísicas e religiosas sem importância e por vezes quase estranhas ao objectivo em vista. Mas assim como no primeiro volume publicado há muito de aproveitável, assim nos que se lhe seguissem devia respigar-se matéria interessante derivada de uma observação persistente e bem orientada. O general Noizet, discípulo de Faria, dirigiu em 1820 à Academia real de Berlim uma *Memória* sobre o sonambulismo e magnetismo animal, que foi, mais tarde, publicada, em 1854 (2), e em que as ideias do mestre são claramente expostas.

(1) Dalgado informa que a obra seria dividida em quatro volumes.

(2) *Mémoire sur les somnambulisme et le magnétisme animal,* adressé en 1820 à l'Académie royale de Berlim. Paris, 1854.

Do renome do padre português, da glória e triunfos passados, só ficou este trabalho a recordá-no nos primeiros 50 anos que se seguiram à sua morte. Foi este discípulo o único que, com uma rara honestidade, falou da obra do mestre.

Seguindo-o de perto nas experiências e na exposição das suas doutrinas, escrevendo com uma probidade que o honra, cita sempre Faria a propósito das doutrinas que defendia. De algumas delas só tomamos conhecimento através da sua exposição. A sua *Memória* é, em parte, como que um resumo, embora muito sucinto, do que Faria pensava explanar nos volumes que não vieram a lume.

Assim teremos de nos socorrer do testemunho insuspeito de Noizet para fazer uma ideia exacta das causas a que Faria atribuía o hipnotismo.

Dividia-as em predisponentes, imediatas e ocasionais.

Entre as primeiras, dá Faria o primeiro lugar à fluidez do sangue (1), mas também considera causa predisponente importante a impressionabilidade psíquica, designação vaga, mas que ainda hoje pode transitar em julgado sem oposição dos que se dedicam a estes assuntos.

Noizet atribui a Faria as seguintes conclusões tiradas da sua experiência:

«Todas as pessoas cujo sono é fácil, que transpiram muito e que são muito impressionáveis, são ordinariamente susceptíveis de sonambulismo.»

Faria apartava, portanto, uma classe de impressionáveis aptos às práticas sonambúlicas.

A fluidez do sangue era, porém, a causa a que ligava maior importância e julgava-a fundamentada em factos:

«A experiência fez-me ver» — diz o padre Faria — «que a extracção duma certa quantidade de sangue tornava apoptas em 24 horas pessoas que não tinham disposição alguma anterior (2).»

---

(1) «*La liquidité du sangue*».

(2) Abbé de Faria — *De la cause du sommeil lucide*, 2.ª ed. 1919 — — Paris, Henri Gouve, éditeur, pág. 35.

Noutra passagem do seu livro afirma que a fluidez do sangue contribui não somente para o sono ser mais profundo, mas ainda para aumentar a receptividade hipnótica.

Embora numa ou noutra passagem da sua obra exprima opiniões vagas, mesmo para essa época, sobre a circulação do sangue, é certo que a sua observação é perfeita. Notara a anemia na maior parte dos seus sonâmbulos; o sangue com menos hemoglobina era, na sua frase, mais fluido do que o sangue rico em glóbulos rubros dos indivíduos robustos, o que levou Gilles de la Tourette a dizer que Faria não andava longe da verdade desde que não se dê à sua frase uma interpretação literal.

Este aspecto organicista do hipnotismo não foi retomado por nenhum dos seus continuadores. E parece-nos bem digno de ser considerado por poder trazer aspectos novos à solução do complicado problema.

Toda esta exposição do padre Faria leva-nos ainda ao convencimento de que ele sangrou alguns dos seus observados. Não foi médico; mas foi, pelo menos, um sangrador.

Pena é que, a propósito da exposição da doutrina da fluidez do sangue, se emaranhe em complexas hipóteses sobre as relações da alma com as diversas partes do organismo e parecidas cogitações.

Outro facto posto em destaque por Faria, e que já devia ser do conhecimento dos primitivos magnetizadores, era a particular tendência das mulheres para a hipnose.

Isso mesmo devia radicar no seu espírito a hipótese da fluidez do sangue por haver entre elas maior número de anémicas.

Também foi Faria quem pôs em evidência o facto da educação do epoptas. Todos nós sabemos que é, em geral, mais fácil hipnotizar as pessoas já habituadas a essas práticas.

Considera Faria como causa imediata do sono lúcido a *concentração dos sentidos*, o que ele exprime nestas palavras:

«Não se consegue o sonambulismo quando o espírito está preocupado quer pela agitação do sangue, quer por inquietações ou preocupações.»

Ainda hoje todos os que hipnotizam reconhecem o valor desta indicação.

O abandono de si próprio, no desejo de ser hipnotizado, é condição a exigir àqueles que não caiem imediatamente à intimação clássica *durma!*

Como *causa ocasional* classifica Faria a ordem dada pelos concentradores, pois para ele, sem haver a causa real, a *predisposição*, o indivíduo não cai em sonambulismo.

Todas estas interpretações patenteiam a sua perspicácia analítica.

O seu livro, tirando a parte filosófica, é ainda hoje um compêndio de preciosas indicações sobre o hipnotismo. E não se critique o padre por tanto divagar sobre teorias mais ou menos nebulosas. Era o produto da sua educação teológica. Quando entra nesse campo torna-se excessivamente obscuro; mas esta falta de clareza é pecha dos filósofos de todas as épocas; como o caducarem rapidamente as suas doutrinas, é sestro de todas as filosofias.

Além disso era padre e, através da sua obra, há, como dissemos, o desejo de se defender do clero intolerante que o acoimava de pactuar com o diabo.

Ao apreciarmos as experiências e os factos por ele descobertos, não devemos esquecer que as correntes dominantes arrastavam os magnetizadores para a concepção das forças-fluídicas, o que lisonjeava a sua vaidade tornando-os seres raros e excepcionais. Por isso o padre Faria teve ainda que contar com a oposição dos colegas. A nova doutrina, francamente demolidora, vinha atingi-los nas suas prosápias e pretendidas virtudes. Ele era categórico e formal: só havia a contar com as qualidades dos epoptas, de nada servindo as pretensas qualidades que atribuíam aos hipnotizadores. Por isso os seus processos de provocar o sono lúcido eram simples. Nem a tina de Mesmer, nem os passes e a acção da vontade externa de Puységur e de Deleuze!

Faria sentava comodamente a pessoa que queria adormecer, pedia-lhe para fechar os olhos e concentrar a atenção, pensando que ia dormir. Quando a julgava bem tranquila, dizia-lhe: *durma!*,

e muitas vezes caía logo em sono lúcido. Se não dava resultado, repetia a operação umas quatro vezes e, no caso de insucesso, declarava-a refractária ou ensaiava outros processos.

Umas vezes, quando não obtinha o resultado desejado, mostrava-lhes a mão aberta à distância, pedindo que a olhassem fixamente; depois aproximava-a lentamente a alguns dedos dos olhos. Por vezes os seus observados entravam em sono lúcido.

Ainda recorria a um outro método: tocava ligeiramente as pessoas nas duas fontes, na raiz do nariz, na região precordial, à altura do diafragma, nos dois joelhos ou nos dois pés.

«A experiência demonstrou-me» — diz o padre Faria — «que uma ligeira pressão destas partes provoca sempre uma concentração suficiente à abstracção dos sentidos.»

Em todos estes processos é a sugestão que ocupa o primeiro lugar.

Juntava-lhe, num ou noutro caso, pressões com o propósito de lhes prender a atenção ou auxiliar a sonolência. São práticas ainda hoje usadas, com pequenas variantes.

Faria tinha assim descoberto a sugestão hipnótica. Abria novos horizontes. O chamado sono magnético, a que ele deu a designação de *sono lúcido*, desembaraçava-se de todas as influências a que o julgavam submetido, para ser um fenómeno natural, apenas dependente das qualidades do concentrado, cuja classificação havia de vir a ser feita no campo patológico.

É o momento de fazermos justiça à grande maioria dos autores franceses contemporâneos, que dão hoje a Faria o lugar que ele merece como criador da doutrina da sugestão no hipnotismo que todos hoje professamos. Já assim não procedem os autores ingleses e americanos, que atribuem a Braid a descoberta que pertence ao padre português.

Braid publicou em 1843 o seu tratado sobre *Neurypnologia: Tratado do sonambulismo nervoso e hipnótico*, onde descreve o seu processo de hipnotização por meio de um objecto brilhante colocado de 25 a 45 centímetros dos olhos, numa posição tal, acima da fronte, que a pessoa tenha de fazer o máximo esforço dos mús-

culos dos olhos e das pálpebras para o fixar. Insiste com o observado para que prenda a atenção ao objecto. «Em pouco tempo» — diz Braid — «as pálpebras fecham-se involuntariamente com movimentos vibratórios (1) e cai em sono hipnótico.»

Como se vê, este processo físico, como o designa Pitres, embora o não seja inteiramente, pois Braid impõe ao observado o fixar a sua atenção num objecto, pouco difere do processo da mão, que Faria descrevera e executara trinta anos antes. Mais: Braid adoptou, por fim, o processo da simples sugestão, ao comando, tal como o descreveu Faria.

Inquestionavelmente, deve-se ao padre português a descoberta do processo sugestivo da hipnose. Cabe-lhe ainda a glória de descrever manobras físicas adjuvantes, que depois dele foram empregadas com pequenas alterações.

Para acordar os seus sonâmbulos, servia-se Faria do mesmo processo sugestivo. À voz de «desperte!», os seus epoptas acordavam. Outras vezes passava a mão diante dos olhos, com o mesmo fim. Braid dava-lhes uma palmada, o que também não foi desconhecido do padre português.

Pode dizer-se com inteira verdade que a prática hipnótica está hoje onde Faria a deixou.

Faria aproxima, no seu trabalho, o sono hipnótico (sono lúcido) do sono natural. Vai mesmo até à afirmação de que todas as observações depõem em favor de serem «o sono lúcido e o sono natural profundo uma e a mesma coisa».

Não mantém constantemente esta maneira de ver. Noutra passagem da sua obra, escreve: «Ainda que o sono lúcido seja uma doença (como a catalepsia), todavia é uma doença que entra na categoria das que são inseparáveis da condição humana.»

Faria, nestas passagens, deambula entre as duas interpretações que mais tarde foram os estandartes das escolas de Nancy

(1) Já Faria notara esses movimentos vibratórios das pálpebras. Noizet diz, na sua *Memória: «Un autre caractère qui semble commum à tous les somnambules, est un battement rapide et continu dans les paupières lorsque les yeux sont legèrement fermés.»*

Esta observação vinha da prática adquirida nas sessões da rua Clichy.

e da Salpêtrière, que se degladiaram numa arrastada controvérsia de que todos ainda se recordam.

A escola da Salpêtrière, com Charcot, liga o hipnotismo sempre à histeria; a de Nancy, com Liébault, Bernheim e outros considera-o um fenómeno fisiológico. Não sabemos se, ainda hoje, a escola de Nancy tem muitos adeptos; a interpretação de Charcot, que julgamos firmada em factos incontroversos, é, por certo, a mais seguida.

Faria relacionava mais particularmente o sono lúcido com o sonambulismo natural. Já em épocas anteriores este tomara um lugar especial na interpretação dos fenómenos psíquicos pelo seu aspecto maravilhoso. Basta recordar a cena da *Macbeth*, de Shakespeare, em que o sonambulismo natural é relegado para uma esfera superior à ciência da época. Lady Macbeth fala, dormindo. O médico comenta: «Esta doença está acima da minha arte.»

Não admira que Faria aproximasse os dois estados. É mais uma demonstração da sua perspicácia de observador cuidadoso.

Ultimamente, em 1910, Babinski veio lançar o pregão de uma dúvida (1): «se o hipnotismo constitui bem uma realidade.»

Num trabalho (2) que publicámos a esse respeito, enfileirámos ao lado dos que o consideram como uma realidade insofismável.

O argumento de que a hipnose pode ser simulada, nada depõe contra o facto em si. Foi uma dessas mistificações que levou o padre Faria ao tablado do teatro, numa troça escandalosa. As doutrinas de Babinski, que aliás não são inteiramente categóricas, e em que transparece o seu cauteloso espírito analítico, que poucos excederam no campo da patologia médica, não criaram adeptos. Seria mais uma escola, a negativista, a colocar o lado das orientações da Salpêtrière e de Nancy.

Deixemos as teorias de Faria sobre a natureza íntima da hipnose. Como espiritualista, toda a sua doutrina se apoia nas relações da alma com a matéria. Durante três longos capítulos, disserta

(1) *Semaine médicale*, 27 juillet 1910.

(2) Egas Moniz — *As novas ideias sobre o hipnotismo — Aspectos médico-legais* — Lisboa, 1914, pág. 16.

sobre este tema nas bases da filosofia escolástica em que se educou em Roma, e que cultivou pela vida fora. O sono lúcido seria «um estado intermediário entre o homem sensitivo e o puro espírito». Este não se separa inteiramente da matéria mas perde alguns contactos. Por isso não tem a intuição completa, porque, para o padre Faria, se tal sucedesse, se a alma se libertasse da matéria, ela «descobriria o presente, o passado e o futuro».

Nota curiosa: generalizando, considera «os homens de génio vivendo em estado comparável ao do sonambulismo».

Assim, os sonâmbulos têm, para Faria, uma intuição mixta: as suas previsões podem ser verdadeiras ou *falsas*. É o que lhe ensina a observação, pondo assim restrições à boa-fé de Puységur, embora lhe desse certo crédito a propósito da cura das doenças.

Se Faria tivesse publicado os anunciados volumes e continuasse os seus estudos, talvez mesmo estas últimas ilusões se sumissem de todo perante a realidade dos factos.

IX

A SINTOMATOLOGIA DO SONAMBULISMO

Um dos mais importantes assuntos da obra de Faria é o estudo da sintomatologia do sonambulismo tal como ele a verificou através da sua larga experiência. Trabalho esparso por todo o livro, carece de ser condensado a fim de fazer ressaltar todo o seu valor. A propósito iremos fazendo referências a trabalhos posteriores, de sorte a dar o relevo devido ao que, em primeira mão, foi descrito pelo padre português.

Foi Faria, diz Pitres, nas suas *Lições clínicas sobre a histeria e hipnotismo*, o primeiro observador que realizou experiências precisas sobre as sugestões hipnóticas (1). Pitres parece que não leu o livro do padre português. A primeira edição era muito rara e a segunda, cuja publicação se deve ao esforço de D. G. Dalgado, que lhe juntou um bem documentado prefácio, apareceu cinco anos depois da obra do mestre bordalês. Por isso firma a sua opinião na *Memória* do general Noizet, que os leitores já conhecem, discípulo entusiasta de Faria; mas não chega essa exposição para dar às opiniões do nosso compatriota o relevo que merecem.

---

(1) A. Pitres — *Leçons cliniques sur l'hysterie et l'hypnotisme faites à l'hôpital Saint André de Bordeaux* — Ouvrage précédé d'une Lettre — Préface de M. le Professeur J. M. Charcot, Paris 1809, vol. II, pág. 114.

Se Noizet enumera uma grande parte das suas experiências, esquece outras, e algumas delas muito importantes.

O padre português provocava nos sonâmbulos todas as perturbações motoras que mais tarde foram postas em relevo por Charcot. Sugestionava-os a ficarem paralisados de um braço ou de uma perna, dos músculos dos olhos, da língua, etc., e as suas ordens eram obedecidas.

Pelo mesmo processo sugestivo os restituía à integridade das suas funções motoras.

Neste campo nada mais se acrescentou, e veremos daqui a pouco, a propósito das sugestões em vigília, quanto ele se aproximou dos processos ainda hoje adoptados, com mais ou menos cenário, nas curas imediatas das paralisias histéricas.

Saindo das perturbações motoras para as da esfera sensitiva, as suas experiências não foram menos concludentes. Noizet põe o facto em destaque na sua citada *Memória*. Faria, diz o discípulo, fazia experimentar aos seus observados as mais diversas sensações. Ora tremiam de frio, ora se afogueavam em calor, ora as sensações se limitavam a uma parte do corpo.

Também as experiências posteriores só vieram corroborar o que ele tinha verificado.

No campo das sugestões sensoriais, as suas experiências foram concludentes. Assim, perguntava aos seus epoptas, durante o sono, se desejavam tomar algum refresco ou medicamento e dava-lhes, em seguida, um copo de água em que eles descobriam o paladar da substância indicada, fazendo obedecer as sensações gustativas à sua vontade e imposição.

Oferecia-lhes rapé e em seu lugar obrigava-os a sorver uma substância qualquer, ou mesmo a cheirar um líquido inodoro, e os sonâmbulos tinham a impressão da clássica pitada.

Sugestionou a um dos seus sonâmbulos que ia cheirar amoníaco e ele não pôde suportar que lhe aproximasse do nariz um frasco completamente vazio. As sugestões olfativas foram, pois, postas em evidência por Faria.

«A outros» — conta Noizet — «perguntava se desejavam ver pessoas ausentes. Designada a pessoa, Faria ordenava-lhes que a vissem e logo eles tinham a impressão de a terem na sua presença. Mais: dizia-lhes para fixarem na memória a imagem dessa pessoa, mesmo depois de acordar, até que, a um sinal seu, desaparecesse a ilusão. Despertavam, e a imagem ficava até que Faria fizesse o sinal convencionado (sugestão post-hipnótica). «Recorda-me» — acrescenta Noizet — «de ter visto fazer esta experiência com um oficial russo desejoso de ver a mulher que tinha ficado no seu país. A ilusão deu lugar a uma cena de lágrimas».

Não encontrámos referências, neste relato, e só ao de leve as vemos notadas no livro de Faria, às sugestões auditivas. Bem entendido que umas há que ele não podia deixar de notar: as derivadas de ordens dadas aos seus sonâmbulos. Não é crível, porém, que Faria deixasse de experimentar a influência da música sobre os hipnotizados, muito sensíveis, em geral, à sua audição.

Já Mesmer se servia da música para, segundo a sua interpretação, difundir, com mais facilidade, os imaginários fluidos pela assistência.

Faria não relata que fizesse ouvir aos seus sonâmbulos o ruído de tiros, dos sinos das torres, de um órgão de catedral; mas se não realizou essas experiências, outras fez, pois diz em certa passagem que «se é certo que os epoptas podem ouvir o que se diz, outras vezes ouvem o que se não diz». Somente passa de leve sobre este assunto.

O padre goense notou os fenómenos da variação da personalidade dos hipnotizados. Neste campo, além da constatação do facto, o seu estudo não foi tão longe como em outros aspectos sintomatológicos.

Assim, parece não ter notado os estados hipnóticos em que os sonâmbulos começam por falar na terceira pessoa, ou aqueles em que, por sugestão, se lhes impõe que sejam uma outra individualidade: um general, uma religiosa, um mendigo, etc. Pelo menos não aparecem estes factos citados no primeiro volume da sua obra.

Há também outros fenómenos que Faria julgou demonstrados e em que foi induzido em erro. Supôs, por exemplo, que os sonâmbulos podiam responder na sua língua a questões expostas em idiomas estrangeiros. Acrescenta que eles os podiam falar ou, pelo menos, repetir com correcção frases completas que lhes fossem ditas pela primeira vez. Faria foi iludido. Devemos dizer, em abono da verdade, que ele julgava estes casos raros e inconstantes. O que quer dizer que tais facots deviam produzir-se em pessoas que falavam ou tinham alguns conhecimentos dessas línguas.

Já nos referimos à opinião de Faria sobre a qualidade, que outros atribuíam aos sonâmbulos, de poderem prever o futuro ou esclarecer situações mórbidas. Se acreditou nessa fantasia, se julgou, com o Marquês de Puységur, que eles podiam indicar a maneira de curar as doenças próprias ou alheias, a experiência trouxe-lhe a dúvida, que exprime da maneira mais categórica: «Os epoptas podem dizer verdades; *mas também podem fazer afirmações falsas*».

Citemos outras passagens não menos elucidativas: «Aqueles que esperam encontrar nos seus anúncios uma certeza sem mistura de erros embalam-se numa esperança vã que nunca se realiza».

«Há certas verdades nos seus anúncios, mas verdades que têm necessidade de serem interpretadas com indulgência, submetidas a provas rigorosas, expungidas de erros com habilidade.»

«As suas previsões são tão vagas que não oferecem mais do que probabilidades dos acontecimentos, sob condições requeridas e ainda sujeitas a erros grosseiros.»

As hesitações que se deduzem destas frases representam já um grande progresso e mostram a sua alta envergadura de observador. Faria seguira, a princípio, as pisadas de Puységur, a quem, como dissemos, dedicou o seu livro. As suas doutrinas eram formais a este propósito; dominavam inteiramente no campo dos magnetizadores; eram a justificação filantrópica das práticas sonambúlicas. O padre português foi-se pouco a pouco convencendo da sua inanidade. Só não ousou romper de todo os liames que o prendiam à convicção que trouxe da convivência com o

Marquês. Este acreditava nas qualidades proféticas dos hipnotizados como num dogma.

A Faria não escaparam as sugestões post-hipnóticas. Não fez um estudo completo desta sintomatologia, mas marcou-a bem nitidamente.

Assim, refere-se ao sono que pode provocar-se longe «do concentrador, a uma hora fixa ou a um sinal dado», o que mostra que fez a experiência de sugestionar o paciente, durante o sono, a fim de executar ordens tardias quando acordado.

Na página 96 citámos um outro facto de sugestão post-hipnótica por ele posto em destaque. Mantinha, após o despertar dos seus epoptas, a ilusão da presença de pessoas que ali não estavam e estes procediam como se estivessem junto deles.

Noizet refere-se longamente ao assunto, na sua *Memória*, juntando-lhe factos próprios.

Sobre estas sugestões post-hipnóticas recaíram, mais tarde, as críticas de Richet, Charcot, Féré, Bernheim, Liégeois, Pitres, etc.

Nem todos estão de acordo sobre este ponto. Alguns experimentadores não acreditam na sua existência. Por nossa parte, julgamo-las comprovadas não só por experiência de outros, mas por factos da nossa observação directa, aliás de fácil constatação. Não são, porém, constantes em todos os sonâmbulos nem têm a extensão — na execução à distância — que muitos atribuem a esta espécie de sugestões. E, como observou o padre português, conseguem-se mais facilmente nos indivíduos habituados às práticas sonambúlicas do que nos indivíduos hipnotizados pela primeira vez.

Com estas restrições podemos afirmar que estes factos constatados por Faria foram ainda mais uma aquisição para a ciência.

Liga-se este problema com o da memória dos sonâmbulos. Faria notou que os hipnotizados recordavam os actos anteriores, passados em outras sessões de sonambulismo; mas averiguou que não conservavam, em geral, ao acordar, nenhuma recordação do que se passa durante o sono hipnótico, desde que se lhes não imponha esse mandato.

A escola clássica, e com ela os experimentadores que se lhe seguiram, considera a amnésia do hipnotizado como um facto inquestionável. Faria põe, porém, algumas restrições. Assim, diz:

«Todas as vezes que se grava na memória dos epoptas o que se passa no sono, eles referem-no ao despertar como um sonho que lhes representasse uma cena.»

Em outra altura do livro, escreve:

«Durante o sono lúcido, especialmente quando ele é profundo, não se guarda memória de tudo o que se passou.»

E noutra passagem:

«Os sonâmbulos guardam a memória de tudo o que se lhes impõe durante o sono *desde que se chame a sua atenção para que disso se recordem ao despertar.*» E acrescenta: «estas experiências, em geral, não são positivas com os novos epoptas.»

Estas transcriçõeõs, que denotam um raro poder de observação, caíram no olvido. Ninguém as foi rebuscar no esquecido trabalho do padre goense, tanto mais que as escolas onde se praticava o hipnotismo tinham como facto assente a amnésia hipnótica, com exclusão das sugestões post-hipnóticas em que, ainda assim,nem todos acreditavam.

Babinski retomou a questão num sentido mais amplo, sintetizando-a nesta pergunta: «O hipnotizado esquece, ao acordar, tudo o que se passou durante o sono?»

Era um grito de revolta contra a crença geral, afirmando, em resposta, que o hipnotizado não esquece completamente os factos ocorridos durante a hipnose.

«Se lhe sugerirmos» — diz Babinski — «que esqueça tudo o que se passou na sessão hipnótica, o sonâmbulo defende-se de lhe fazer referências, mesmo que seja interrogado minuciosamente; mas, procedendo com perspicácia, à maneira de um hábil juiz de instrução, verifica-se que a amnésia não foi total.»

A este propósito escrevemos, em 1914, no nosso trabalho *As novas ideias sobre o hipnotismo:*

«Por um lado, tendo realizado estas investigações, verifiquei ser absolutamente exacto este modo de ver, fazendo-as, especial-

mente, *nos dias imediatos às sessões* e chamando a atenção do observado para os factos mais importantes decorridos durante a hipnose. Mas devo acentuar que nunca obtive, a não ser em sonos muito ligeiros, verdadeiros estados pré-hipnóticos, a confissão exacta de tudo o que ocorreu durante o sono. O que tenho conseguido é a demonstração cabal de que alguma coisa permanece na memória do observado e que revela facilmente por qualquer processo habilidoso.

«Babinski serve-se muitas vezes do seguinte artifício: diz ao hipnotizado a tradução de uma palavra da sua língua numa língua estrangeira, desconhecida para ele. Ao acordar cita-lhe essa palavra, pedindo-lhe o significado, e a experiência, depois de larga insistência, dá quase sempre resultado positivo, o que eu também tenho verificado.

«Em resumo, o hipnotizado não sofre, durante a hipnose, uma amnésia total e completa; mas também não pode fazer um relato perfeito do que se passou durante o sono. Há uma nubilação que não é total, e aquilo que mais o feriu na imposição sugestiva do hipnotizador, ou o que mais facilmente pode ser recordado por palavras ou actos subsequentes, é, por ele, confessado.»

Esta doutrina, que vem abalar a velha concepção da amnésia hipnótica, pelo menos no rigor etimológico da expressão, foi prevista pelo padre Faria nas suas investigações.

Ele notara que alguns hipnotizados, ao despertarem, continuavam, por algum tempo, com as sugestões sensoriais impostas que, a breve trecho, se desvaneciam. Notou ainda que os factos que se lhes gravavam na memória persistiam como um sonho. Não aceitou sem restrições a amnésia total e completa dos epoptas, o que concorda com as observações de Babinski. Ao menos na maioria dos hipnotizados, desde que se proceda a rigorosas investigações, e especialmente a distância, pode descobrir-se uma ou outra reminiscência.

Faria, como meticuloso observador, viu o problema da sugestão sob os mais variados aspectos, procurando os seus efeitos não só em epoptas adormecidos, mas ainda no estado de vigília.

Todos os efeitos de sugestão, diz ele, manifestam-se não somente durante o sono lúcido, mas também nos epoptas acordados, quando tenham sido, pelo menos, uma vez adormecidos.

O padre Faria, desde que demos ao epopta o significado *histérico*, como que esboça, em toda a sua vastidão, a doutrina que mais tarde irradiou da Salpêtrière sob o impulso de Charcot e até um pouco as novas noções de Babinski, que reduziu a histeria a um estado psíquico especial (pitiatismo) caracterizado por perturbações que a sugestão pode produzir ou fazer desaparecer.

Referindo-se às paralisias provocáveis nos epoptas que no estado de concentração ocasional estão aptos a receber a *intuição* ou, para nos servirmos da sua definição, *à maîtriser tout mouvement nécessaire du corps à la volonté du concentrateur*, não só as obtém no estado do sono lúcido, mas ainda as consegue em vigília naqueles que já adormeceram pelo menos uma vez, supondo que esta circunstância torna as pessoas mais aptas a receber a sugestão, facto exacto nas condições em que operava, não só por ser ele o hipnotizador, mas ainda pelo seu prestígio pessoal.

Observa que «este exercício em vigília não é, todavia, tão completo como durante o sono, quer no que respeita à intuição, quer no que se refere ao império sobre o movimento do corpo».

Faria insiste em que todas estas práticas se facilitam durante o sono e que elas «mais se consolidam pela repetição dos actos.»

Noizet, que tantas vezes temos citado, diz que Faria executava sobre sonâmbulos, quando estavam acordados, e até sobre outras pessoas, diferentes experiências desta natureza.

«Ao seu comando» — escreve o general — «paralisava um braço, uma perna, os olhos, a boca ou os ouvidos. Esta experiência nunca falhava sobre os bons sonâmbulos.»

E acrescenta: «Chegou a provocar estas paralisias em pessoas que nunca tinham adormecido.»

Note-se como isto quadra perfeitamente ao que hoje sabemos sobre a histeria!

Noizet informa que ele próprio se submetera às experiências de Faria.

Eis o seu depoimento:

«Faria conseguira à sua vontade que eu sentisse um tal peso sobre as pálpebras que eu não podia abri-las. Mas nunca pôde obter sobre mim mais do que a paralisia das pálpebras.»

A própria auto-sugestão não foi fenómeno que passasse sem reparo nas investigações e trabalhos do nosso compatriota. Basta, para o provar, que registemos estas concludentes frases:

«Será um paradoxo dizer que se pode influir sobre as próprias acções e que se ignore a sua própria influência? Não, É uma verdade de facto, mas pouco notada pelos fisiologistas e pelos filósofos.»

Como acabamos de demonstrar, a sintomatologia do hipnotismo pouco foi acrescentada em estudos ulteriores. A obra de Faria não se reduz à interpretação do magnetismo, que despiu de todo o mistério que o obscurecia; é também a observação metódica e completa das suas manifestações e até de fenómenos similares observados em vigília e mais ou menos em correlação com o sonambulismo.

X

PROCESSOS TERAPÊUTICOS E ERROS DE INTERPRETAÇÃO

Passando da sintomatologia do sonambulismo às suas aplicações terapêuticas, podemos ir buscar à prática de Faria muito do que se fez em tratamentos sugestivos à sombra do sono hipnótico durante o período em que dele se serviram correntemente na clínica.

Quando iniciámos os nossos estudos neurológicos, há uns 25 anos, ainda ele se praticava diariamente em alguns hospitais que frequentámos. Mas, a breve trecho, foi abandonado como mais prejudicial do que útil. A psicoterapia e, mais tarde, a psico-análise de Freud vieram desvendar novos horizontes à terapêutica psíquica. Na histeria, a psicoterápia, auxiliada da electroterápia em casos renitentes, dá curas quase sempre instantâneas. No campo das obsessões e da neurose de ansiedade, por exemplo, onde o hipnotismo falhou, a psico-análise obtém, por vezes, resultados apreciáveis. Por isso a hipnose foi quase relegada para o arsenal das terapêuticas obsoletas.

Há casos, porém, em que pode ainda ser aproveitada, como, por exemplo, nas histéricas pouco inteligentes, em que a psicoterapia não atinge o seu fim ou só muito morosamente consegue influenciá-las.

Faria, que teve uma experiência de mais de cinco mil casos, procurou obter resultados terapêuticos e alguns alcançou; mas caiu em excessos, como daqui a pouco relataremos, por não conseguir desempoeirar-se, por completo, das ideias dominantes do seu tempo.

Mesmer proclamava o valor do fluido magnético como elemento de cura, dispensando-o largamente à humanidade enferma. E se é certo que alguns neuropatas se curaram sob a suposta influência dessa hipotética acção, outros, a grande maioria dos que frequentavam as suas sessões, ficaram doentes como eram.

O magnetismo conquistara a numerosa clientela que ainda hoje corre atrás do maravilhoso.

A seguir a Mesmer, o seu discípulo Puységur descobre, como dissemos, o sonambulismo, a que atribui virtudes ainda mais extraordinárias. Convenceu-se de que os hipnotizados eram dotados de uma lucidez especial que os levava a ver nos órgãos ocultos do próprio corpo e nos das outras pessoas as lesões e desordens de que enfermavam.

Acompanhando-os na mesma esteira terapêutica, escreveram Dupotet, Teste, etc. Médicos de valor, como o citado Foissac, para apenas darmos um exemplo, partilhavam da mesma crença. Numa memória que ele dirigiu à Academia de Medicina, em 1825, escrevia estas palavras:

«Colocando sucessivamente a mão sobre a cabeça, o peito e o abdómen de um desconhecido, os meus sonâmbulos descobrem logo as doenças, as dores e as diversas alterações que ocasionam. Indicam, além disso, se a cura é possível, fácil ou afastada, e quais os meios que devem ser empregados para atingir este resultado pela via mais pronta e mais segura. Neste exame eles nunca se afastam dos bons princípios médicos e as suas inspirações possuem o génio que animava Hipócrates.»

Deleuze não é menos concludente.

Se assim escreviam médicos ilustres, não seria extraordinário que os leigos se deixassem vencer pela corrente dominante.

O padre Faria adoptou designações que revelam a sua maneira de pensar, ao menos quando começou as suas conferências. *Sono lúcido, epoptas* (iniciados), são palavras que o comprometem. A princípio ele devia pretender ver nos sonâmbulos qualidades iguais às que erradamente lhes atribuiu Puységur. A reflexão e a observação trouxeram-lhe, anos depois, dúvidas, que transparecem claramente da sua obra.

Concorda ainda que os sonâmbulos são admiráveis pelos conhecimentos profundos que revelam em todos os ramos do saber humano, sem nunca os terem adquirido pelo estudo ou meditação Eles lêem com os olhos fechados, eles revelam os pensamentos estranhos, etc. Mas acrescenta, como já dissemos, dirigindo-se aos crédulos sem reservas: aqueles que «*esperam encontrar nos seus anúncios uma certeza sem mistura de erros, embalam-se numa esperança vã que nunca se realiza*».

Esta passagem é mais que dúvida: é quase um grito de revolta. Por isso insistimos mais uma vez em que, se a sua observação fosse mais longa, era provável que a hesitação se transformasse em negativa formal.

Faria escrevia isto em 1819, e todos os continuadores das práticas magnéticas defenderam durante muitos anos não só a teoria dos fluidos, mas a doutrina da absoluta clarividência dos sonâmbulos, da veracidade das suas profecias, do seu misterioso engenho médico.

A obra do padre português caíra, em risos e troças, no tablado do teatro das *Variétés*. Ninguém o lera, ninguém estudara as suas hesitações nos pontos mais delicados, ninguém apreciara as suas precisas observações, que marcaram os limites exactos da sintomatologia da hipnose.

Vem agora a propósito perguntar: porque dominaram por tanto tempo estes preconceitos?

É que estas ideias absurdas tinham um fundo de verdade. Nem de outra maneira se concebe que elas perdurassem por tão largo período. São, como diz Pitres, a interpretação errada de

factos reais, de que é fácil compreender hoje o verdadeiro significado.

Apreciemos, de perto, alguns fenómenos que nessa época foram considerados como atingindo os limites do sobrenatural.

Assim, a chamada dupla-vista magnética, que foi o facto culminante da ilusão da lucidez sonambúlica, é apenas a consequência de alucinaçõeõs sugeridas. Por isso, se dissermos a um hipnotizado que está numa igreja, ele coloca-se dentro dum templo do seu conhecimento. Não faz uma abstracção: sente-se em lugar conhecido, de que descreve todas as particularidades: os altares, os lampadários, as imagens, os azulejos, etc. Exterioriza a alucinação sugerida muito sinceramente, tal como a vê.

Mas se dissermos a um sonâmbulo que ele se encontra numa rua de Constantinopla, onde nunca esteve, descreve-a com as cores que lhe dá uma representação sensorial alucinatória que se representa através dos conhecimentos anteriormente adquiridos. Por menos noções que tenha dos costumes turcos e da vida oriental, ele descreverá como estão vestidas as pessoas nas ruas, se há igrejas ou mesquitas, aproveitando o que sabe a tal respeito. Mas se o hipnotizado desce a maiores minúcias, fala de acontecimentos que nunca existiram, deslocando-os de outras reminiscências, alterando-os mesmo. O observador pouco prevenido pode supor que o hipnotizado vê efectivamente o que descreve. Daí a crença da dupla visão.

A chamada *intuição*, que daria aos sonâmbulos a faculdade de poderem ver os órgãos internos e descobrir-lhes as lesões, pertence ainda à série das alucinações sugeridas. Se dissermos a um hipnotizado que observe, que veja o seu estômago, descreverá este órgão, não como o vê na realidade, mas tal como imagina que ele deve ser, ou antes tal como a alucinação provocada lho mostra em imagem.

A *previsão interior*, isto é, a faculdade que teriam os sonâmbulos de prever as crises das doenças, é ainda a consequência de sugestões inconscientes sobre que eles firmam as suas divagações alucinatórias.

Os casos que mais impressionaram os antigos magnetizadores estão todos ligados à histeria. Nem vale a pena exumá-los do merecido esquecimento em que os deixaram os patologistas modernos, para quem esta neurose se apresenta hoje sob um aspecto inteiramente diverso do que tinha nessa época e sem a importância excessiva que lhe deu Charcot.

Babinski conseguiu reduzi-la, como já dissemos, a justas proporções. Os que não caminham nas águas do emérito neurologista, ou se afastam apenas em gradações do valor dado à sugestão, ou pensam em lesões anatómicas. A admitirem-se estas, têm de considerar-se bem fugazes e variáveis, pois são quase sempre efémeras as suas exteriorizações mais ruidosas e mais graves. Além disso, desenvolvem-se nos departamentos mais diversos da vida orgânica e psíquica, devendo portanto ter as mais variadas localizações.

Um outro grupo de fenómenos que podemos designar de *previsões exteriores*, a que todos os magnetizadores deram um crédito exagerado, só o aceitou Faria, como dissemos, com grandes restrições. Era a doutrina, especialmente proclamada por Puységur, dos sonâmbulos poderem descrever, com uma certeza surpreendente, as doenças das pessoas que os cercavam, indicando o tratamento e anunciando as crises. Por vezes algumas destas perturbações se produziam. Eram ainda a consequência de sugestões impostas inconscientemente.

Por um mecanismo análogo, os medicamentos receitados pelos sonâmbulos conseguiam resultados inesperados. Este instinto dos epoptas, que o próprio padre Faria admitiu, embora sem lhe dar foros de infalibilidade, como lhe concederam os seus antecessores e muitos dos continuadores, não passava ainda de um fenómeno de sugestão operado pelos sonâmbulos sobre certos neuróticos. É por um mecanismo idêntico, como nota Pitres, que se curam alguns histéricos «com pílulas de *mica panis* ou com a água de Lourdes».

O padre goense sentiu-se dominado pelos sucessos alcançados e embora, como vai ver-se, os fizesse depender de acções sugestivas, caíu em excessos dando algum crédito à clarividência dos

epoptas e exagerando o valor das suas indicações terapêuticas.

«Eu vi» — dizo general Noizet — «em casa do padre Faria vários doentes ordenarem a si próprios tratamentos, seguirem-nos e curarem-se. Um deles, M. B.... capitão de cavalaria, tinha sido condenado por vários médicos, que o diziam atacado de uma úlcera no pulmão. Vi-o muito doente. Seguiu um tratamento que ele próprio tinha prescrito e, em menos de três semanas, ficou curado».

Como se deduz desta exposição, era ainda a acção sugestiva que dava aos medicamentos, por certo inofensivos, todo o valor e poder curativo.

Faria conhecia estes efeitos. Expõe-nos de uma maneira clara e positiva:

«Muitas vezes, diz ele, simples indiferentes, mas tomados com confiança, produzem efeitos mais salutares do que simples reconhecidos como sendo os mais eficazes.»

E acrescenta, precisando ainda mais a sua doutrina:

«É que a convicção íntima, que cria a mais alta confiança, regula os sucos internos, em virtude da grande fluidez do sangue, do que todos os meios farmacêuticos. É o império da natureza individual quando a máquina está disposta a obedecer-lhe sem resistência (1).»

Vai, porém, longe de mais e chega ao exagero, defendido pelos magnetizadores do seu tempo, quando diz que «nenhum epopta, por mais grave que seja a sua doença, tem precisão de medicamentos ou receitas». Basta que ele prescreva a si próprio, quer durante o sono, quer nas suas «disposições para o sono», tudo o que é necessário ao seu restabelecimento.

O padre deixara-se deslumbrar por alguns resultados obtidos e fez uma falsa generalização.

O hipnotismo pode, como dissemos, servir de elemento terapêutico por colocar o indivíduo em condições de bem receber as sugestões impostas. Faria define-o numa frase perfeita:

«A uma única palavra» — escreve ele — «podem tornar-se doentes os epoptas sadios e tornar-se sadios os epoptas doentes.»

(1) Obra citada, pág. 276.

A doença de que se trata é sempre a mesma, a histeria; e, em vigília, obteve o padre Faria parecidos resultados, como atrás dissemos.

Andou ele em torno da verdade. Por vezes surpreendeu-a em acertos que ainda hoje são de perfeita actualidade; mas resvalou de quando em vez nos prejuízos do seu tempo.

Exagerou, por exemplo, o resultado das sugestões medicamentosas.

«Assim» — diz Faria — «um copo de água tomada na ideia de ser um purgativo provoca os mesmos resultados como se o fora; na ideia de um emético, determina vómitos sem esforço e sem sofrimento.»

Ora nem sempre se alcançam tais resultados.

Vem aqui a propósito dizer que foi Faria o primeiro que reconheceu a importância do sonambulismo nas operações cirúrgicas.

«Alguns epoptas» — diz ele — «são inacessíveis às mais ligeiras sensações nas graves incisões, feridas e amputações (1). Mas estes defeitos tornam-se gerais e comuns a todos os epoptas desde que se tome a preocupação de paralisar o membro ou a parte do corpo que vai ser sujeita a uma operação dolorosa. Esta medida torna-os inteiramente insensíveis e afasta-os, por vezes, depois de despertarem, da ideia da operação sofrida.»

Há verdade nesta doutrina. Infelizmente não pôde generalizar-se a prática. Daqui a pouco voltaremos ao assunto.

Pelo que respeita a sugestões post-hipnóticas e *mesmo no estado de vigília*, já dissemos o bastante para se concluir que Faria as notou e aproveitou. Umas e outras se podem orientar num sentido terapêutico.

A psicoterapia assenta sobre a base da sugestão em vigília e todos sabem, quando bem praticada, os benefícios que traz aos doentes.

---

(1) É possível que alguma operação ou tentativa operatória se fizesse nessa época, tal é a certeza desta afirmação. Mas nada pudemos averiguar, de positivo, sobre o assunto.

Faria não deixa de reconhecer alguns inconvenientes ao sonambulismo. Assim, observa:

«Dizer que o magnetismo só produz bem-estar é um aforismo imprudente; com as melhores intenções podem produzir-se consequências funestas.»

Faria não enumera os malefícios, mas reconhece-os.

Inquestionavelmente o hipnotismo não é indiferente e, embora se possa aceitar a doutrina corrente de um ecletismo razoável entre as opiniões extremistas daqueles que o consideram causa de grandes males e dos que o classificam de inteiramente inofensivo, a opinião de que «não é isento de perigos» tem ainda hoje toda a actualidade.

As práticas hipnóticas são quase sempre inofensivas quando dirigidas por médicos experimentados e quando aplicadas a indivíduos sem taras neuropáticas acentuadas. Sendo, porém, levadas a efeito por pessoas imprudentes e desconhecedoras dos mais rudimentares preceitos da neuropatologia, o hipnotismo pode trazer inconveniente.

Sobretudo não é recomendável como distracção ou divertimento. Muito se abusou dele há uns anos atrás. Felizmente que a moda passou e até nas clínicas, como dissemos, se preferem outros processos sugestivos.

Sem querermos enumerar os inconvenientes da hipnose, basta lembrar que a sua prática repetida pode levar a graves desordens psíquicas. Em pessoas impressionáveis e, portanto, predispostas, podem surgir perturbações em seguida ao primeiro sono ou mesmo depois de assistirem a uma sessão de hipnotismo.

Um acidente verificado em pessoas muitas vezes sujeitas ao sonambulismo provocado, é uma tão forte exacerbação da sensibilidade às manobras hipnogénicas que basta uma palavra, um gesto, um olhar, para adormecerem bruscamente. Recorda-nos ter examinado uma senhora que veio à nossa consulta por acidentes histéricos de certa importância. Tinham procurado curá-la pela hipnose, que lhe praticavam diariamente. Durante a sua exposição

caíu em sono e, desde então, bastava ouvir-nos a voz, mesmo quando estava na sala-de-espera, para ficar a dormir.

As hipnotizações repetidas também conseguem exagerar de tal forma a sugestionabilidade no estado de vigília que esta se torna inconveniente. Pode mesmo afirmar-se que, tratando-se da grande hietsria, se produz, em geral, um agravamento do mal. Não poucas vezes os ataques aparecem em seguida às primeiras práticas hipnóticas.

Faria e, antes dele, outros magnetizadores, com Mesmer à frente, notaram (1) as crises convulsivas.

Fazer da hipnose um objecto de distracção é um erro grave. As sessões públicas de hipnotismo são sempre prejudiciais. Por isso não são permitidas na grande maioria dos países.

Em Portugal foram proíbidas por portaria de 11 de Abril de 1890, de José Luciano de Castro. Contudo, ainda há pouco presenciámos alguns desses espectáculos que, com muita prestidigitação à mistura, não deixaram de impressionar e exaltar alguns neuropatas na sua natural tendência para o maravilhoso.

Conta Charcot que, em 1887, um magnetizador de profissão deu um espectáculo no teatro da pequena cidade de Chaumont-en-Bassigny que emocionou profundamente a população, determinou alguns acidentes nervosos e provocou especialmente uma espécie de mania hipnótica que atingiu os colégios da cidade, onde se deram cenas menos edificantes.

Faria devia ter observado estes ou parecidos inconvenientes para os salientar na frase citada.

Sob o aspecto médico-legal da hipnose,nada se encontra na obra de Faria. O assunto está hoje relegado para um plano muito secundário, pois é opinião geral que os hipnotizados só obedecem às sugestões que não brigam profundamente com os seus princípios morais, oferecendo uma resistência invencível à realização de actos que os ofendem. Embora seja questão ainda hoje debatida, de há muito firmámos a nossa opinião no sentido apresentado (2).

(1) Vidè cap. II, pág. 20.

(2) Egas Moniz — *As novas ideias sobre o hipnotismo*. Lisboa, 1914.

Os trabalhos dos magnetizadores que se seguiram a Faria também não abordam claramente o assunto.

Podíamos aproximar do simbolismo dos sonhos, de Freud, algumas passagens da obra do célebre hipnotizador, visto ele colocar, por vezes, o sonambulismo ao lado do sono natural, entrando em conta com os sonhos, tudo derivando, segundo a sua interpretação, de gradações do sono mais ou menos profundo. Não nos deteremos nesta passagem que, aliás, nos levaria longe.

O que anunciámos e provámos à luz das citações feitas é já bastante eloquente para pôr em relevo a sua personalidade no campo médico, como o primeiro e mais completo intérprete do hipnotismo.

Os seus erros, que pusemos em relevo com a mesma imparcialidade crítica com que comentámos as suas asserções verdadeiras, são, em grande parte, justificáveis. Mas, que o não sejam, ainda a sua individualidade científica merece o nosso respeito pelo muito que fez em prol da verdade.

XI

O HIPNOTISMO APÓS A MORTE DE FARIA

No ano imediato à morte de Faria, em 1820, o magnetismo ultrapassa, pela primeira vez, a porta de um hospital. Husson abre-lhe o seu serviço no Hotel Dieu, de Paris. Pouco depois Rostan e Georget repetem sobre os doentes da Salpetrière as experiências que o barão Dupolet realizara no Hotel Dieu e que Bertrand, antigo aluno da Escola Politécnica, vulgarizara em cursos públicos. Em torno do magnetismo continuava a mesma atmosfera de maravilhoso que tinha ensombrado os seus primeiros passos desviando-o do caminho científico que só mais tarde lhe foi definitivamente traçado.

Os fenómenos não foram vistos com placidez, no propósito de chegar a uma rigorosa constatação de factos, o que, salvo pequenos exageros, Faria tinha conseguido. Os seus continuadores, apesar de médicos, não estudaram os sintomas do sonambulismo como os de qualquer doença, pelo que foram arrastados para investigações despropositadas, caindo em erros por auto-sugestão ou deduzidos de conscientes ou involuntárias fraudes dos sonâmbulos. E assim começam a pretender verificar a transposição dos sentidos, a dupla vista, a presciência e o chamado poder profético dos hipnotizados. Espalhou-se a notícia pelo Hospital, passou ao conhecimento do Conselho Geral dos Hospícios que, mal impres-

sionado com tal orientação, proibiu, honra lhe seja, a continuação das experiências.

A Academia de Medicina e a Academia das Ciências de Paris voltaram, em 1825, a ser assediadas pela questão do magnetismo. O nosso conhecido dr. Foissac dirigiu-lhe uma nota, de que já transcrevemos uma parte, em que se mostra dominado pelo aspecto inexacto e maravilhoso do sonambulismo.

Em face desta exposição, a Academia de Medicina de Paris, apegando-se à doutrina do seu relatório de 1784, a que fizemos referência noutra passagem deste trabalho, não lhe deu resposta alguma.

A Academia das Ciências procedeu mais generosamente. Cuvier, em seu nome, acusou a recepção, mas não deu andamento à exposição apresentada.

Foissac não desanimou e, meses depois, voltou a insistir, pedindo que recomeçasse o exame do magnetismo animal. Em 28 de Fevereiro de 1826 foi o assunto posto à discussão, divergindo as opiniões. Depois de um acalorado debate, decidiu-se a nomeação de uma comissão que o estudasse. Dela fizeram parte Leroux, Double, Bourdois, Magendie, Guersant, Laënnec, Tillaye, Marc Fourquier, Guéneau de Mussy, Itard e Husson, aquele médico que abriu as portas do Hotel Dieu às experiências sonambúlicas e que foi escolhido para relator. Só em 1831, cinco anos depois, o relatório foi apresentado; mas a maioria dos comissionados rejeitou a sua doutrina e conclusões, recusando-lhe mesmo as honras de impressão. Alguns dos seus trinta parágrafos contêm doutrina exacta, mas outros sobem às regiões da mais exaltada fantasia.

Entre os primeiros repetem-se algumas das esquecidas doutrinas de Faria. Assim conclui o relatório que as fricções, gestos e passes não são sempre necessários à produção do sonambulismo.

Faria tinha-o reconhecido e proclamado na sua obra ainda com maior precisão.

«A vontade e a fixidez do olhar» — diz o relator — «chegam muitas vezes a produzir o sonambulismo depois de um tempo variável, que vai de um minuto a uma meia hora.»

Faria, na descrição dos processos da hipnose, coloca-se, como vimos, dentro desta doutrina, que quinze anos depois pretendem apresentar como novidade.

«Em certos indivíduos» — continua o relatório — «os efeitos são insignificantes, fugazes, e bastaria para os explicar reportá-los à imaginação; noutros, operam-se nas percepções e faculdades mudanças mais ou menos notáveis.»

Faria foi mais claro e explícito. Não só definiu o sonambulismo pelos sintomas observados, da maneira mais perfeita e completa, mas constatou que havia indivíduos não susceptíveis de entrar em sonambulismo mesmo fugaz e passageiro, o que corresponde à realidade dos factos.

Enquanto dura o sonambulismo, diz ainda o relator, os magnetizados são insensíveis aos ruídos, à luz, ao cheiro e às excitações da pele e mucosas. Enfim uma das sonâmbulas foi submetida a uma dolorosa operação de cirurgia sem que a mímica, o pulso e a respiração denotassem a menor emoção.

Faz-se alusão à ablação de um cancro do seio, praticada em 1829 pelo cirurgião Cloquet, que a pôde levar a termo sem reacção dolorosa por parte da doente.

Esta analgesia sonambúlica tinha já sido posta em evidência pelo padre português, como demonstrámos à face do texto da sua obra.

Outro facto a que o relatório dá importância e que Faria tinha descrito com precisão, e até com restrições que pusemos em destaque, refere-se à memória dos hipnotizados. Os sonâmbulos conservariam as faculdades que possuem em estado de vigília. A sua memória seria até mais fiel e mais extensa, pois recordariam o que se passou durante todo o tempo da hipnose e todas as vezes que entraram em sonambulismo. Ao despertar, porém, continua o relator, esqueceriam por completo os factos decorridos no estado sonambúlico, para nunca mais deles se recordarem.

Ao lado destas constatações, o relatório, indo muito além do que afirma Faria, que, como fizemos notar, em várias passagens

da sua obra põe restrições às previsões dos sonâmbulos, dizendo que «se eles dizem verdades», também caiem em erros, insiste nas seguintes conclusões: os sonâmbulos podem ler através dos corpos opacos, prever acontecimentos futuros, descobrir a sede das doenças e indicar os remédios que lhes são necessários.

Foi devido a estas afirmações que a comissão se pôs em defesa, não admitindo sequer a conclusão geral de Husson, que bem poderia ser considerada: «A Academia deveria encorajar as investigações sobre o magnetismo como um ramo muito curioso da filosofia e da história natural.»

Pouco depois, em 14 de Fevereiro de 1837, um outro magnetizador, o dr. Berna, pôs à disposição da Academia dois indivíduos em que era fácil provocar o sonambulismo e que considerava em excelentes condições para o prosseguimento do estudo do magnetismo. Uma nova comissão foi nomeada.

Dubois (d'Amiens), um dos médicos incumbidos de seguir as experiências, declarou em seu nome que elas não tinham fornecido resultados peremptórios e que o hipnotismo não passa de uma quimera. Dubois insistiu na verificação dos factos que se referiam à cura das doenças, à dupla visão, etc., e como eram pura fantasia, concluiu que todos os outros fenómenos referentes ao sonambulismo eram igualmente falsos.

Husson, sempre apegado às suas doutrinas, contestou as conclusões de Dubois, mas a Academia adoptou-as sem discussão.

O assunto continuava a interessar o público e as decisões da Academia eram objecto de críticas mais ou menos apaixonadas. Os factos que uns negavam e outros apregoavam como certos, e que pairavam no domínio do profetismo, eram a grande preocupação dos que ao tempo se dedicavam a estes estudos. Tudo aquilo que se referia ao sonambulismo na sua sintomatologia real passara a um segundo plano. Derrubado o maravilhoso atribuído ao sono hipnótico, tudo o mais caía com ele. Eram aspectos secundários sobre que ninguém insistia. Foi assim que, em 1840, Burdin *aîné*, membro da Academia decidiu entregar do seu bolso 3000 francos a quem em sono hipnótico conseguisse ler um escrito

qualquer não o vendo nem o tocando. Não faltaram pretendentes; mas é inútil dizer que ninguém conseguiu ganhar o prémio prometido.

A Academia das Ciências obtinha um triunfo; mas exagerando e seguindo as pisadas da sua congénere de Medicina, decidiu, em 1 de Outubro de 1840, que nunca mais responderia às comunicações relativas a tal assunto.

A obra de Faria, que ninguém citara nestas contendas, tinha ficado ignorada ou foi propositadamente esquecida.

Nessa época, ao mesmo tempo que a Academia de Ciências de Paris lançava o seu anátema sobre as experiências do sonambulismo, um modesto prático de Manchester, o dr. Braid, inicia uma série de experiências mais ou menos idênticas às realizadas por Faria, levantando de novo a questão e marcando-lhe o lugar que devia ocupar no campo científico.

A obra de Braid é a reprodução da de Faria, salvo pequenas diferenças, que convém assinalar. Braid também não era claro na exposição. Sofreu-lhe portanto as consequências: a sua obra permaneceu esquecida durante uns vinte anos. Depois foi elevada a uma altura imerecida e o *braidismo* proclamado como a doutrina da sugestão na hipnose.

Nada mais injusto, e ainda bem que os autores franceses desse tempo, aceitando embora na sua maioria a designação, recordaram pela primeira vez o nome do padre português.

Liébault, um dos mais altos representantes da escola de Nancy, foi mais longe, criando a palavra *fariisme* para substituir a de *braidisme*. Merece o nosso respeito este rasgo de imparcialidade, este preito de justiça. Bom é que o neologismo se não esqueça e que ele subsista, significando a *doutrina da sugestão* no hipnotismo, que Faria proclamou muito antes de Braid. Já Brown-Séquard o notara, citando-lhe o nome no prefácio da tradução da Neurypnologia de Braid.

E nem se diga que Faria se prendeu por vezes ao maravilhoso. Quanto esforço, talento, vidência e cuidadosa observação não representa a luta que ele empenhou contra as ideias correntes

do seu tempo, restringindo e lançando a dúvida sobre o valor profético, presciência e dupla visão dos seus epoptas! Não teve a audácia de uma renúncia completa; mas marcou decididamente *a* sua posição de desconfiança perante o atributo de *iluminados* concedido aos sonâmbulos. Como insistentemente pusemos em relevo, Faria fez uma marcada evolução neste sentido desde as primeiras experiências até à época em que publicou o seu livro. Depois dele médicos de nome incorreram em bem maiores culpas, fazendo do maravilhoso a sintomatologia fundamental da hipnose.

As ideias dominantes quando passam à categoria de verdades incontestáveis — e entre os magnetizadores do alvorecer do século XIX corriam como averiguadas muitas inexactidões — carecem de demolidores geniais. Faria deitou a terra a teoria do fluido magnético. Por isso concitou contra si a oposição daqueles que se julgavam portadores de forças misteriosas que só eles possuíam, que só eles podiam manejar, tirando os proveitos perante a clientela sempre crente e submissa.

Proclamou uma doutrina nova, fez a descrição minuciosa da sintomatologia observada; e só resvalou, embora com reservas, no campo do misterioso.

O médico inglês, com uma cultura especializada, escrevendo muito mais tarde, também não conseguiu fugir a essas influências. Somente as dirigiu noutro sentido. Com efeito, Braid pretendeu demonstrar pelo hipnotismo a exactidão das teorias de Gall sobre as localizações funcionais do encéfalo! Mesmo neste campo, Faria e Braid podem ser acusados da mesma pecha: ambos decaíram em considerar o hipnotismo capaz de desvendar segredos que nunca poderia decifrar.

Em resumo, o *fariismo* veio substituir o *mesmerismo*.

O *braidismo*, não sendo mais do que as doutrinas do padre português, não tem razão de subsistir sob essa designação. O seu a seu dono.

O médico Crocq, de Bruxelas, coloca a questão nos devidos termos: — «A história científica do hipnotismo divide-se em dois períodos bem distintos: a era do magnetismo animal e a era do

hipnotismo. A primeira começa com Paracelso, em 1529, e termina em 1513 com os trabalhos do padre Faria; a segunda começa com o padre Faria e não parece que venha a terminar tão cedo (1).»

Se nos socorrermos, neste estudo, de continuadas citações, é para que se não diga que um exagerado patriotismo nos leva a conclusões em excesso favoráveis ao padre português. São estrangeiros que connosco têm procurado reabilitar o nome do esquecido hipnotizador, que no advento do século passado proclamou doutrinas que ainda hoje, na sua parte essencial, são admitidas por todos os neurologistas.

Em 1860 a questão do hipnotismo é de novo levantada pelo professor Azam. As experiências de Braid, que tinham sido divulgadas em França, onde a obra de Faria havia sido esquecida, foram confirmadas pelo insigne professor. Dirigiu-as no sentido de obter a anestesia cirúrgica. Procurou encontrar um método susceptível de substituir a cloroformização, já ao tempo em voga. Velpeau, Broca, Follin, Verneuil, Demarquay e Girot-Teulon, Gigot-Suard, Philips, interessaram-se pelo assunto,mas acabaram por renunciar às esperanças concebidas, pois o sono hipnótico, produzindo a anestesia necessária (fase sonambúlica), só se provoca em raros indivíduos.

Contudo, algumas operações cirúrgicas puderam ser praticadas em hipnotizados, em diversos serviços hospitalares, o que chamou definitivamente a atenção de todos os médicos para o assunto. Aparecem então os trabalhos de Mesnet sobre o sonambulismo patológico, o livro de Liébault (de Nancy) acerca do sono e dos estados análogos, o artigo de Mathias Duval a propósito do hipnotismo e a memória do célebre fisiologista Charles Richet sobre o sonambulismo provocado. Além destes, são dignos de nota, menos como indicação bibliográfica, de que damos uma resenha no final da obra, do que como documentação do interesse que o hipnotismo

(1) Consulte-se sobre este assunto um artigo de D. G. Dalgado: *Braidisme et fariisme ou la doctrine du Docteur Brand sur l'hypnotisme comparée avec celle de l'Abbé de Faria sur le sommeil lucide,* na *Revue de l'hypnotisme,* de 1907 e publicado em separata, Paris, Bonvalot-Jouve, 1907.

começava a despertar, os trabalhos de Lasègue, Maury, Poincarré, Baillif, Pau de Saint-Martin, Czermak, Preyer, Carpentier, Svetlin, etc.

Apesar de todos estes estudos, o hipnotismo ainda não inspirava confiança.

Como bem faz notar o professor Pitres, os médicos receavam comprometer-se ou ridicularizar-se ocupando-se da questão; os fisiologistas não ousavam pronunciar-se; ninguém sabia, ao certo, o que devia pensar-se do assunto.

É então que surge, na Alemanha, Heindenhein (1880) que, tendo assistido às representações do magnetizador Hansen, ficou convencido de que nem tudo era falso nas suas experiências. Repetiu-as em seguida no seu laboratório em pessoas de boa-fé e reconheceu a realidade dum certo número de fenómenos sensitivos, musculares e psíquicos, de que deu conta numa brochura que ficou célebre e teve uma larga repercussão.

Mas mais ainda do que Heidenhein foi decisiva a influência de Charcot, que chamou a si o estudo da hipnose. Dirigiram-no nesse sentido as investigações sobre a histeria, as suas perturbações psíquicas, as alucinações, os fenómenos do sonambulismo espontâneo e, por fim, a hipnose experimental. Determinou os sintomas somáticos dos estados complexos, que denominou letargia, catalepsia e sonambulismo. A sua monograifa sobre o assunto (1882) e os trabalhos, por ele inspirados, de Bourneville e Regnard (1879-1880), Paul Richer (1885), Féré e Bisnet (1887), Gilles de la Tourette (1887), etc., marcaram definitivamente ao hipnotismo um lugar na ciência médica oficial.

Passaram então todas as Faculdades de Medicina, a preocupar-se com o assunto, tendo surgido as conhecidas divergências entre as escolas de Nancy e da Salpêtrière, a que já fizemos alusão. É já a história dos nossos dias. Há 30 anos, quando iniciámos os estudos médicos, ainda se marcava lugar entre os combatentes de um dos campos: uns considerando a hipnose como um fenómeno fisiológico outros tomando-a por um sintoma da histeria.

Talvez ainda haja alguns médicos que defendam os princípios da escola de Nancy. A maioria, porém, enfileira ao lado das doutrinas de Charcot, não separando a histeria da hipnose. Julgamos inútil discutir o assunto que, aliás, nos afastaria do ponto que temos em vista.

Fechamos por aqui a nossa resenha histórica sobre o hipnotismo, onde avulta a figura inconfundível do padre Faria.

As práticas sonambúlicas passaram; mas a doutrina permanece com a constatação dos factos que o padre português foi o primeiro a abranger em toda a sua complexidade.

XII

OS ÚLTIMOS ANOS DO PADRE FARIA

O padre Faria sofreu nos últimos anos da sua vida, período de desenganos e de reconsideração, as troças e os doestos dos graciosos do tempo. Daqui a pouco falaremos da sua passagem pelo tablado do teatro, onde o expuseram à irrisão do público irreverente, às gargalhadas daqueles que na sua obra só viram pretexto para gracejos e até mesmo de alguns que o aplaudiram nas horas da celebridade.

Mas não foi apenas nos jornais e na cena que Faria foi atingido. Também a caricatura tomou conta do infeliz magnetizador. Dalgado conseguiu facsimilar na Memória que escreveu sobre a sua vida, duas gravuras da época que lhe são alusivas. Numa delas (1813) representavam-no a cavalo em animal lazarento que segue a galope. A sua figura magra e alta ajusta-se dificilmente à sela, o chapéu lançado para trás, a casaca ao vento, a postura corcovada de quem quer aguentar-se na carreira. Aqui e acolá zigzagueiam raios. Dois saiem-lhe da cabeça. Deve ser alusão aos fluidos cuja existência ele combateu, mas com que o caricaturista teimou em iluminá-lo. E por baixo esta terrível legenda: *M. Requiem fameux médecin qui à guéri tous ceux qui sont morts.*

A outra gravura (1815), bem menos interessante, também reproduzida no livro de Dalgado, podia mais propriamente ser

atribuída a Mesmer se a época em que foi publicada não comprometesse a memória de Faria que, ao tempo, impressionava o público de Paris com as suas exibições. É um magnetizador vestido à época, de bastão em punho, prègando, de cima de um estrado, a um pequeno número de espectadores, estas encorajantes palavras que o caricaturista atribui ao *Grand Charlatan: Cassez vous les bras, les jambes, moi avec mon remède je m'en moque.*

Foi publicada em cor, in-folio (1).

Destas duas gravuras, a primeira oferece-nos algum interesse, pois tudo indica que houve o propósito de representar a figura do padre português.

Noizet, a quem nos temos referido, escreveu em 19 de Junho de 1884 uma carta a Jules Claretie, redactor do *Temps*, em resposta a perguntas que lhe foram dirigidas sobre o padre Faria. Nela recorda os seus traços fisionómicos, que condizem com os da caricatura de *Mr. Requiem*. Esse documento é por muitos títulos curioso.

Na primeira parte informa Noizet que está na avançada idade de 93 anos, afastado de toda a actividade e em más condições de prestar os esclarecimentos pedidos. Ouvira falar, em 1814, das sessões de sonambulismo que estava realizando em Paris o padre Faria, na rua de Clichy, numa casa dependente do antigo jardim de Tivoli. «Fui assistir» — diz ele — «menos por curiosidade do que no propósito de aquirir algumas noções precisas sobre o que ouvira dizer do magnetismo animal. Encontrei lá» — continua —, «um interessante velho, de cabelos negros já meios grisalhos, a tez bronzeada, de alta estatura, o nariz arqueado, os olhos grandes e salientes, uma espécie de bela cabeça de cavalo. Soube que era um índio português, padre em Goa.»

Não se pode dizer que a comparação com a cabeça de cavalo seja um grande elogio para a estética de Faria; mas no resto não se afasta muito dos traços caricaturais com que o expuseram à irrisão pública. Há retratos de Faria em diversas publicações po-

(1) Pode ver-se na colecção das Caricaturas populares da Biblioteca Nacional de Paris, 1816, pág. 5.

pulares, como, por exemplo, nos *Mistérios das Ciências Ocultas,* mas não são autênticos.

Depois descreve a sessão, fala da leitura *monótona e embaraçada* do manuscrito em que dava conta do seu sistema.

«Insistia» — acrescenta Noizet —, «sobre este ponto: que os fenómenos que ele produzia não vinham dele, mas dependiam unicamente das pessoas sobre que operava.»

«Dizia que o demónio nada tinha com o sonambulismo e não admitia a intervenção dos apregoados fluidos magnéticos, cuja existência negava.»

Noizet descreve os processos de que se servia o padre Faria para hipnotizar e que já descrevemos em outro lugar. À voz de comando: *durma!* três sobre cinco das pessoas escolhidas na assistência caíam em hipnose.

«Depois de ter assistido a umas dez sessões» — diz ainda o general — «recebi ordem de serviço do ministro da guerra para seguir para Bolonha, donde, oito meses mais tarde, parti para a campanha de Waterloo. O exército foi, por fim, licenceado e, em 1815, voltei a Paris, onde me demorei cinco meses, esperando o julgamento a que, segundo se dizia, íamos ser sujeitos, porque eu era um *brigand de la Loire*, como nos chamavam então. Durante esse descanso, tive a ideia de procurar o pobre padre, de quem já conhecia a triste aventura. Recebeu-me com grande alegria e tanto fez que me decidiu a reler com ele o manuscrito da sua obra, a fim de corrigir algumas irregularidades de estilo em que, como estrangeiro, tivesse incorrido. Comecei esse trabalho sem contradizer nenhuma das suas ideias teóricas, ocupando-me apenas da correcção da frase; mas encontrei-o tão obstinado que bem depressa me arrependi da minha fácil condescendência.»

Vê-se por estas frases que o padre Faria estava tão apegado à sua obra e às suas concepções que Noizet teve dificuldade em auxiliá-lo.

Continuando, confessa que «estava convencido da boa-fé do padre Faria, da realidade dos resultados que ele obtinha, da verdade de uma grande parte das suas doutrinas, acreditando que o

seu aspecto físico, o jogo fisionómico e a certeza que ele dava à sua palavras deviam actuar nos indivíduos sobre que operava, impondo-lhes a necessária convicção.»

Noizet retomou, em seguida, o seu serviço no exército e não tornou a ver o padre Faria que, acrescenta, morreu esquecido, alguns anos depois.

Na segunda parte da mesma exposição, refere-se à sua *Memória* sobre o hipnotismo, que várias vezes temos citado. E conclui que, tempos depois da sua publicação, a livraria Baillière, da rua da Escola de Medicina, lhe pedira um exemplar, para a colecção de livros que tinha sobre o mesmo assunto, oferecendo-se ao mesmo tempo para lhe dar, em troca, a obra, em *três volumes*, do padre Faria.

Dalgado informou-se junto dos proprietários da livraria Baillière, que ainda hoje continua com a especialidade de livros de medicina, sobre a publicação do segundo e terceiro volumes. Disseram-lhe que só tinham conhecimento do primeiro, nada sabendo dos outros.

A este propósito convém notar que se fala, por vezes, na obra de Faria em quatro volumes, como refere Dalgado, e outras vezes em três volumes, como informa Noizet. Embora seja assunto de somenos importância, não sei decidir-me por nenhuma das versões. É certo que Faria pretendia publicar mais de um volume, e tanto que, no final do seu livro, há esta nota: *N. B. — Le seconde volume doit paraître incessament.*

Noizet, ao terminar a sua carta, acrescenta:

«Não tinha acabado de ler o primeiro volume (o autor encontraria um revisor para os outros?) (1), quando agradeci a M. Baillière. Não tinha tempo para me ocupar de outras coisas além do meu serviço e, se lhe falo do assunto, é para que, se assim o desejar, possa encontrar a obra de Faria.»

Não se pode deduzir desta exposição que Noizet houvesse às mãos os três anunciados volumes. Podiam ter sido prometidos por Baillière à medida que os fosse publicando, tendo-lhe apenas sido

(1) Lembrava-se das dificuldades que tivera com a revisão do primeiro.

enviado o primeiro, a que faz alusão directa. A obra de Faria viu a luz da publicidade depois da sua morte. Dos segundo e terceiro volumes anunciados pelo editor, nada sabemos. Teriam sido publicados? Teria Baillière abandonado os originais, após a morte do padre, por julgar a obra de difícil colocação e não ter quem se responsabilizasse pelos prejuízos da edição?

Dalgado, que deu a estas investigações um grande cuidado, não se poupando a canseiras e trabalhos, não teve notícias deles. Seria surpresa que aparecessem. Mas se os volumes não foram publicados, como tudo leva a crer, é muito provável que os seus originais, anunciados por Baillière a Noizet, estivessem já na posse da casa editora.

A morte prejudicou a divulgação da anunciada tarefa. O que Faria nos legou é já bastante para bem aquilatarmos da sua obra, do valor das concepções apresentadas, do seu alto mérito; mas a leitura dos outros volumes poderia dar-nos a decifração de mais alguns pontos e, quem sabe? noções mais exactas a propósito de casos que provavelmente viria a relatar, referindo minuciosamente as previsões epoptas, de que ele não pôde, por completo, desenvencilhar-se, enredado nos preconceitos e nas doutrinas dominantes do seu tempo.

No retiro onde a indigência o levou, à sombra hospitaleira do recolhimento em que viveu nos últimos anos da sua amargurada existência, recebendo, como informa Figuier, casa e alimento em troca dos seus serviços eclesiásticos, devia ter sofrido horas de decepção, apegado à certeza de estar na esteira da verdade, com a consciência tranquila de não ter mentido, pois a sua obra é sincera, e de não ter cultivado o sonambulismo para fazer fortuna. Outros a adquiriram, antes e depois; ele não. Morreu pobre, numa conformação filosófica que se resume na já citada frase: «Há males que por vezes fazem muito bem aos que sabem conhecer a sua utilidade».

Lançou-se então ao trabalho. Carecia de defender o seu nome e a verdade das doutrinas expendidas. E na nostalgia da cela foi tracejando as páginas do livro que nos legou.

Redenção para o seu nome, que não passou à posteridade como o de um vulgar charlatão, apesar de assim o terem denominado; mas fraca reparação para a sua desventura, pois nem sequer conseguiu ler, impresso, o primeiro volume do trabalho que levara a cabo.

Uma apoplexia fulminante subjugou-o, para sempre, aos 63 anos de idade, a 20 de Setembro de 1819.

Lê-se nos registos dos enterramentos da igreja de *Saint Roch:* «A 21 de Setembro de 1819, enterro n.º 6 do sr. José Custódio de Faria, professor de filosofia, falecido a 20 de Setembro com a idade de 64 anos, na rua *des Orties*, n.º 4.»

À singeleza da notícia há um esclarecimento a ajuntar. O enterro n.º 6 era o enterro gratuito, exceptuada a missa. Nem essa provavelmente foi rezada, se não houve colega caridoso que tivesse tomado o encargo.

Falaremos, num próximo capítulo, da fantasia de Alexandre Dumas no *Conde de Monte-Cristo*. Tem-se a impressão de que ele soube da miséria em que o verdadeiro *Abbé Faria* faleceu na rua *des Orties*, no recolhimento de senhoras que lhe deu abrigo.

Segundo informa Dalgado, esta rua desapareceu de há muito da carta de Paris. Começava na rua Argenteuil, n.º 28 e 30, atravessava a Avenida da Ópera e acabava na rua *Sainte-Anne*, n.º 19 e 21. O n.º 4 da rua *des Orties* devia corresponder, pouco mais ou menos, segundo informa o erudito investigador, ao n.º 9 da Avenida da Ópera. Esta identificação, se não tem grande valor histórico, dá, pelo menos, um certo conforto sentimental, por vermos que um século após a sua morte alguém se ocupou carinhosamente desta interessante individualidade.

Não se sabe onde foi inumado. Diz ainda Dalgado que deve ter sido em Montmartre, onde se faziam os enterros da paróquia de *Saint Roch* desde 1798; mas só existe o registo deste cemitério depois de 1825. Impossível é descobrir o seu coval, por certo mais de uma vez remexido de 1819 para cá.

Também isso pouco importa. O que é indispensável é levantar a sua memória do esquecimento a que foi votada em Portugal, à luz das doutrinas que defendeu, criando a sugestão hipnótica, que ainda, na hora presente, passado mais de um século, se mantém íntegra, tal como a descreveu.

XIII

OS DETRACTORES DE FARIA

Tratemos, em primeiro lugar, das críticas clericais, a que fizemos referência, e que, embora atingissem o padre Faria, atacavam particularmente o magnetismo.

Já citámos a passagem em que Chateaubriand critica o padre português naquela cegueira fanática que por vezes atinge as mais esclarecidas inteligências.

Outros autores de menor vulto, mas dominados pelo espírito de seita, procuraram excomungar a sua doutrina. Furtier, quando Vigário de Tours, dirige, no seu livro *Mystères des magnétisateurs et des somnambules dévoilés aux âmes droites et vertueuses* (1815), uma crítica que reproduz a sua intolerância religiosa. Para ele o sonambulismo e o magnetismo são «sobrenaturais e diabólicos, anti-cristãos, anti-católicos e anti-morais. Os mistérios que eles desvendam obrigam a todos aqueles que queiram ser iniciados no magnetismo a renunciar a Cristo, porque o magnetizador recebe o seu poder directamente do anjo das trevas.»

Wurtz, Vigário de Saint-Nizier, em Lyon, caminha na mesma orientação. O seu livro *Les superstitions et prestiges des philosophes du* XVIII.e *siècle ou les démonolatries du siècle des lumières* (1817) é um novo ataque às práticas sonambúblicas, que classifica como continuadoras da magia negra.

O prestígio do diabo sobe alto no cérebro destes doutos defensores da Igreja, não admitindo sequer o exame da doutrina e das práticas magnéticas para se pronunciarem. Perante o desconhecido, a Igreja pôs muitas vezes o seu veto, para mais tarde o ilibar de culpas. É o velho sestro que, em tempos de maior dominação, arrastou à fogueira e ao patíbulo sábios e reformadores dos mais ilustres.

Mais tarde, Bouvier, nas suas *Institutiones theologicae* (1834), mostra-se já bastante reservado. «Se os efeitos do magnetismo são inteiramente desproporcionados, se não podem ter conexão alguma com as causas naturais, ou esses efeitos são inanes ou vêm do *demónio por um pacto implícito*.» Recorre ao dilema como que a estabelecer uma fase de transição.

Ultimamente os teólogos entraram no domínio da tolerância. O hipnotismo deixou de ser diabólico, pelo menos o que denominam o hipnotismo franco (o que será o outro?) e passaram mesmo a consentir as suas práticas.

Foi precisamente o padre Faria quem marcou os limites naturais ao magnetismo, envolto, até então, nas trevas de um sobrenatural grosseiro ou na dependência de misteriosas forças ocultas. Por isso sentiu os ataques mais ou menos directos do clero intolerante. Já fizemos referência à altivez e desassombro das suas respostas. Acrescentaremos mais duas passagens da citada obra:

«Quando um efeito natural extraordinário provém de uma causa complicada» — diz Faria — «os sábios que pretendem desvendar as causas não devem ignorar que a marcha da natureza é sempre simples e todas as suas produções só deixam de ser maravilhosas aos olhos do homem quando se tornam correntes e usuais.»

Deixando o campo dos conceitos filosóficos, responde à injustiça dos anátemas que lhe são dirigidos com uma frase mais contundente:

«O Evangelho» — diz ele textualmente — «não tem certamente por fim instruir os homens nas ciências naturais.»

Os teólogos desse tempo teimavam em que os magnetizadores pactuavam com o diabo nas suas experiências; o padre português insistia em que eles condenavam o magnetismo sem base para o fazer porque não conheciam os fenómenos naturais.

Faria era católico e quis sempre permanecer no grémio da religião que professava. Lutava contra a ignorância da teologia da época com inaudita coragem. Sem esta a sua obra teria naufragado. Combateu preconceitos religiosos com a mesma audácia com que demoliu as doutrinas do fluido magnético, princípio admitido por todos os hipnotizadores daquele tempo. Para bem avaliarmos dos méritos que possuía, é necessário seguir a sua personalidade através dos lances de uma acidentada vida.

Dentre todas as diatribes com que o procuraram ferir nenhuma o atingiu tão profundamente como a que o arrastou pelo tablado das *Variétés* de Paris. Nem as críticas dos teólogos, nem os ataques ásperos dos jornais, em que as palavras azedas eram entrecortadas de chocarrices e gracejos, nem a caricatura que lhe vulgarizou a efígie em ridículos contundentes, conseguiram feri-lo tão fundo como essa comédia-opereta em que o fizeram exibir num papel de magnetizador charlatão.

Logo em 1813, no advento dos seus triunfos, quando apareceu a primeira caricatura de que já demos notícia, Madame Victorine Maugirard publicou nas *Soirées de Société*, dedicadas à rainha Hortense, uma pequena peça, *La Mesmeromanie*, classificada de provérbio em um acto e em prosa, e em que visava a demonstrar este adágio: «tantas vezes vai o cântaro à fonte que uma vez lá fica.»

Nessa peça não há alusões pessoais ao padre Faria. A sua figura não passa dos bastidores. Há uma ou outra crítica que lhe diz respeito, mas não se descobre ataque directo que o atinja.

É mais tarde, em 1816, que um actor de mérito, ao tempo muito conhecido em Paris, Potier, começou a frequentar as conferências da rua de *Clichy*, captando em breve a confiança de Faria, fazendo-se passar por discípulo e adepto. O padre, homem de boa-fé, acreditou na sua sinceridade. Um dia fez-se hipnotizar

e, fingindo que caíra em sonambulismo, exclamou: «*Eh bien! Monsieur l'abbé, si vous magnétisez tout le monde comme moi, vous ne faites pas grand'chose.*»

O facto, primeiro divulgado na roda dos frequentadores, espalhou-se rapidamente por todo Paris e o padre goense foi apontado a toda a gente como um grotesco charlatão.

Potier levou mais longe a sua vingança. Fez escrever por Jules Vernet uma peça, *Magnétismomanie*, reservando para si o papel de *Soporito*, o magnetizador. A peça, de fraco interesse cénico, fez ruído em Paris. Foi representada, pela primeira vez, em 5 de Setembro de 1816 no teatro das *Variétés*. O cartaz anunciava-a nestes termos: «*La magnétismomanie, comédie-Folie en un acte mêlé de couplets, par M. Jules Vernet*» (1).

Chegou a dizer-se que a peça era devida à própria pena de Potier; mas ele declinou essa honra, numa carta que foi publicada.

A distribuição dos principais papéis foi confiada a Potier, Fleury, Léonard e *Mesdemoiselles* Lafond e Cuisot.

A cena passava-se em *Saint-Maur*, no hotel da *Graça de Deus*. Potier tinha estudado com meticuloso cuidado as maneiras do infeliz hipnotizador. Vestiu-se como ele costumava apresentar-se e caracterizou-se de cor bronzeada, de forma a dar em cena a impressão do padre, que muitos dos frequentadores do teatro conheciam das conferências.

Foi um sucesso! Todos riram à custa do magnetizador, menos pelo entrecho simples da peça e pelos raros ditos de espírito de que a polvilharam, do que pela semelhança que Potier conseguiu exibir em público na apresentação da personagem do padre Faria.

Em poucas palavras se resume o entrecho: Léon, estudante de medicina, é filho dum médico da região, o doutor Lafosse, que dirige uma casa de saúde. Apaixona-se por Cecília, filha de Soporito, o grande magnetizador, homem de parcos haveres, mas de grande reputação. Léon, para se aproximar de Cecília, finge-se atacado de insónia e vem consultar Soporito. Este, por não ter à

(1) A peça, inteiramente esquecida, foi de novo publicada por Dalgado, na *Memória* dedicada ao padre Faria.

mão a sonâmbula habitual, põe o cliente em relação com sua filha, que a substitui. O diálogo, no momento em que os dois se fingem adormecidos, é bem elucidativo:

«SOPORITO

«Já dorme?

«LÉON

«Sim.

«SOPORITO

«De que sofre?

«LÉON

«Do coração.

«SOPORITO

«Estava certo disso. E tu, minha sonâmbula?

«CECÍLIA

«Do coração.

«SOPORITO

«Chut!!! *(A Léon)* Vê os meios para se curar?

«LÉON

«Vejo apenas um.

(Segue-se uma ária. Dois corações presos pelo amor reclamam um nó suave que os enlace para sempre.)

«SOPORITO

«Estou certo que há apenas um meio. Diga qual é?

«CECÍLIA

«Por acaso será...

«LABRIE

«O próprio senhor Léon.

«SOPORITO *(Àparte)*

«E eu, que de boa-fé os pus em relação!... Mas isto não pode ser. *(Alto)* Nada de brincadeiras. Toda a assistência segue o meu trabalho.

«LÉON

«Uma só palavra vossa e a minha cura será brilhante e dar-vos-á grande fama.

«LABRIE *(A Soporito)*

«É capaz de vos fazer perder a reputação.

«SOPORITO

«É preciso tão pouco para isso! Como fazê-los calar? Vou paralisá-los.

Paralisados!!!...

Léon e Cecília fingem-se paralisados; mas logo que Soporito volta as costas, fazem-se sinais que ele compreende, depois de ter informado o auditório que conseguiu o fim desejado. É pelo silêncio de Léon, em troca da mão da filha, que Soporito se salva da difícil situação.

Em seguida aparece o dr. Lafosse, pai de Léon. Estabelece uma forte discussão com o filho, por o ver em casa do magnetizador e especialmente por saber que os seus doentes o abandonam para virem procurar Soporito. É curioso o diálogo desta passagem:

«LAFOSSE

«O quê! Os meus doentes abandonam-me!

«LABRIE *(Baixo a Soporito)*

«Veja o que isto representa de glória para si!

«JUSTINA *(A Lafosse)*

«Pela amizade que tem ao seu filho!

«CECÍLIA

«Pela sua dignidade!

«SOPORITO

«Os nossos filhos têm razão. É comprometer-se a si próprio. O senhor questiona sem motivo.

«LAFOSSE *(Baixo a Soporito)*

«Sem motivo! Sem motivo! E isto quando é o senhor que me arruina! *(Muito baixo)* Sabe tão bem como eu que os doentes são o nosso rendimento. São eles que nos fazem viver.

«SOPORITO

«A quem o diz? Mas para quê tanta bulha? Tudo se pode arranjar amigavelmente. Pelo que me diz respeito, estou pronto a fazer sacrifícios...

«LAFOSSE *(Mais razoável)*

«Sacrifícios! Posso saber quais quer fazer?

«SOPORITO

«Nada mais fácil. Não sou um espoliador. Escute. Eu entrego-lhe, inteiramente, o seu fundo de incuráveis. Para provar o meu desinteresse, cederei mesmo e completamente, uma grande quantidade de doentes que comecei a tratar pelo meu processo e que o senhor acabará de tratar pelo seu.

«LAFOSSE

«Ora muito bem! É por palavras que os homens se entendem.

«SOPORITO

«Vê bem, tudo está em nos entendermos. E agora não diga que sou tão mau como sou *negro*.

«LAFOSSE

«Eu não digo agora que...

«SOPORITO

«Vamos, vamos, tudo está bem, tudo está regulado.»

E termina por uma ária que não resistimos a transcrever do original:

Pour terminer nos différents
Ensemble unissons nos enfants;
Vos cures valent bien les nôtres.
Et quand nous nous connaîtrons mieux,
Vous ne serez plus envieux.
Pourtant, soyono mystérieux.
Je poursuivrai mes travaux, vous les vôtres
Qu'ils réussissent mal ou bien...
Taissons-nous: chacun son moyen;
Que le public n'en sache rien.

Como se vê do diálogo acima transcrito, há uma alusão directa ao padre Faria quando Soporito se refere à sua cor escura; mas a troça atinge tanto o magnetizador como os médicos, eternos jograis da farsa desde Molière e do nosso Mestre Gil até à troça deliciosa do *Knock*, de Jules Romain. O autor da *Magnétismo-manie* não pôde fugir à pecha de ridicularizar a Medicina. Mas os médicos sabem que quando os autores e actores carecem de serviços clínicos lançam ao esquecimento todos os escárneos! Por isso toleram bem peças desta natureza; não são visados pessoalmente; dilui-se a troça sobre a numerosa colectividade. Além disso nenhum se sente atingido em cena. Todos divisam nas alusões feitas os colegas menos simpáticos... Sintomas de boa camaradagem!

O caso do padre Faria não era, porém, o mesmo.

Embora a crítica atingisse as práticas magnéticas, feria-o a ele principalmente. Sentiu-se não só pela caricatura de *Soporito,* mas também por lhe recordarem na comédia o logro em que caíu

às mãos do actor que se fingiu hipnotizado. Digamos, em parêntese, que, de facto, é difícil, se não impossível, distinguir o sonâmbulo verdadeiro do que queira fingir-se adormecido. Como dissemos atrás, Babinski insistiu ultimamente e, com razão, sobre o assunto, o que não importa a negação dos fenómenos.

Mas voltemos à peça. Contém ela algumas frases maliciosas: característica saliente das obras teatrais francesas. Assim, quando o médico *Lafosse* acusa o filho, indignado, por vir a casa de um magnetizador, seu inimigo pessoal, diz-lhe:

«Deixa-me! Infeliz Lafosse! Devias assim pagar a ingratidão do único ser que neste mundo te deve a vida!!!»

Infeliz médico a quem não concedem a esmola de uma única cura!

É também curiosa esta outra frase:

«Soporito já deu a vida a *Saint-Maur*.»

Saint-Maur era o local onde se passava a comédia e pronuncia-se como *cinq morts*. O calembur foi sempre muito apreciado em França, especialmente nessa época, e a língua presta-se admiravelmente a este jogo de palavras.

Para terminar. Há em cena um *fauteuil* maravilhoso, com uma virtude narcótica irresistível. É, dizem, um *fauteuil* da Academia!

Ce talisman, long-temps cherché,
Avec une espérance vaine,
Par moi, fut enfin déniché,
Sur l'autre rive de la Seine (1).
A l'épreuve, je fus surpris;
Car dans ce meuble magnétique,
Quarante (2) se sont endormis;
Pour le sommeil il est sans prix;
C'est un fauteuil académique (*bis*).

(1) Onde fica a sede da Academia das Ciências.
(2) Referência aos quarenta sócios efectivos da Academia, os chamados imortais.

As academias já nessa época não tinham mais sorte do que os médicos nas troças teatrais!

Deixemos o *vaudeville*, e talvez nem merecesse tão larga apreciação, para darmos a palavra a Faria, que a ele se refere nestes termos:

«Não sei se o autor da celebérrima *Magnétismomanie* publicou a produção para exprimir a sua opinião de incredulidade ou para aproveitar o ensejo de uma especulação lucrativa. Fosse qual fosse a razão, devo preveni-lo, assim como ao director do teatro e aos actores que especularam com o meu trabalho, que aquilo que é intrinsecamente assunto de importância não pode ser objecto de divertimento público.

«A propósito da *Magnétismomanie*, não posso perguntar aqui quais são as leis que autorizam este moderno Terêncio a expor um estrangeiro desconhecido à gargalhada pública. Julgo que os próprios selvagens se teriam envergonhado de insultar *comicamente* um particular que nada tem de comum com actores de teatro.

«É permitido em França especular impunemente com a reputação de quem quer que seja? Só as leis de circunstância é que variam; as que são orgânicas são sempre e invariavelmente obrigatórias em todas as nações do globo.

«Lembro ao autor da peça que, em idênticas condições, a farsa *Calicot*, que afinal apenas atacava uma classe de cidadãos, sem assinalar nenhum indivíduo em especial, transformou, durante a representação, o seu título cómico em trágico. Condeno sinceramente os perturbadores; mas sinto-me satisfeito por saber que um contratempo grave deu uma lição útil aos directores de teatro, aos actores e empresários de farsas. Há males que, por vezes, fazem muito bem aos que sabem reconhecer-lhe a utilidade. Os obstinados, esses só se corrigem com punições legais.

«Longe de mim pretender perturbar o curso dos prazeres do público; mas teria adicionado à *Magnétismomanie* uma nova cena extremamente picante se o meu estado me não tivesse impedido

de fazê-lo e se a minha aversão por esta espécie de divertimentos não me tivesse afastado dos teatros.

«Contudo, estou certo que poderia divertir o público a valer, derrotar o autor da peça e semear nos cómicos uma confusão inexplicável. Era adormecer na própria cena alguns actores que, por experiência, conhecessem já o peso e o valor da palavra *durma* e acompanhar esse sono de uma violenta convulsão que os teria feito rolar sobre o tablado, completamente desorientados.

«Este sono teria então deixado de ser cómico, embora se prestasse a provocar o riso, e este espectáculo inédito teria bastado para corrigir a insipidez da peça. O público, ávido de conhecer os processos da arte de adormecer, não faltaria em razão da novidade do título e tomaria interesse pela obra em que o autor contou mais com a natureza do assunto do que com a suficiência das suas forças.»

Faria manifesta, em todo este arrazoado, o desgosto que sentiu ao saber-se exposto ao disfruto a que o levaram no palco das *Variétés*. A todas as outras críticas e apreciações respondeu com aprumo e com desprezo; esta, porém, contundiu mais fundamente a sua sensibilidade. O ridículo da cena mexeu-lhe com os nervos. Daí a resposta acrimoniosa, descendo mesmo a ameaças — diga-se de passagem — bastante inanes.

Para o resto, para as apreciações violentas das gazetas, para o lápis cruel dos caricaturistas, mostrou-se sobranceiro.

«Pouco cioso — diz ele — «da aprovação dos homens, sempre inconstante e versátil nos princípios que a regulam, só procurarei (na exposição da minha doutrina) ficar a bem com a minha consciência. Ela somente me dirigirá a conduta.»

Noutra passagem da sua obra, declara que responde com o silêncio às agressões pessoais que lhe dirigem. A excepção foi apenas para os cómicos e para os padres que o acoimavam de idólatra e o davam em entendimento secreto com o demónio. Foram as injustiças mais flagrantes. Uns lançando-o à irrisão pública como charlatão; outros servindo-se das suas crenças, que inter-

pretavam mal e ao sabor do seu fanatismo, no propósito de o expulsarem do grémio da Igreja, onde sempre quis viver.

Alguns anos antes haveria pago bem caro a sua ousadia. No século XIX, e depois da grande revolução, não tinha que arrecear-se da fogueira. Por isso não passaram de palavras as iras do clero.

XIV

O PADRE FARIA NA LENDA

Não devemos encerrar esta monografia sem dedicar algumas palavras à lenda que mais tarde veio aureolar a figura incompreendida do padre português. Poucos, entre nós, mesmo na classe médica, conhecem o padre Faria como hipnotizador célebre, raríssimos têm a noção exacta do que foi a sua obra verdadeiramente notável; mas muita gente leu o nome do padre Faria no romance de Alexandre Dumas, pai, que fez as delícias da mocidade do nosso tempo e que os eruditos não deixam ainda hoje de apreciar. A obra de Alexandre Dumas obteve um sucesso colossal. Vasada nos moldes da época, agitando-se numa movimentação imprevista e por vezes inverosímil, alcançou ultimamente uma nova notoriedade por se prestar admiravelmente às cenas emocionantes do cinema.

Alexandre Dumas nasceu em 1803, em *Villers-Cotterets*. Não conheceu Faria, não assistiu a nenhuma das suas sessões; mas na mocidade devia ter ouvido falar muitas vezes do padre português, cujo fim de vida, como capelão de uma casa religiosa, esquecido pelos admiradores, escarnecido pelo público frívolo de Paris, talvez o tivesse impressionado.

O inspirado autor dos *Três Mosqueteiros* decidiu-se a aproveitá-lo, tirando-o do esquecimento a que fora votado, para o

cenário de um dos seus romances. Somente, afastado dos moldes realistas que vieram a substituir os processos fantasiosos, aproveitou apenas o nome, a inteireza moral e raros factos secundários da vida de Faria, deixando no olvido a dramática existência de um incompreendido, para fazer dele o cooperador acidental de uma acção desenvolvida em terreno inteiramente diverso.

O *Conde de Monte-Cristo*, talvez a mais emocionante das suas obras, apareceu nos anos de 1841 a 1845. Nessa época estava Faria esquecido. Foi depois dos trabalhos de Braid, que começou a ser citado.

Como foi sugerido a Dumas o nome do padre português? É difícil dizê-lo; mas não será desarrazoado pensar que lhe aflorou à pena como reminiscência da sua juventude donde ele pode ter surgido com uma aura de sábio e de obstinado nas suas ideias, tal como o apresenta, embora sob directriz inteiramente diferente, no interessante romance.

Recordemos um pouco o que é o padre Faria do *Conde de Monte-Cristo*. Ele aparece no episódio inicial como figura de centro da narrativa. É um velho enclausurado na prisão do Castelo de If, junto à cidade de Marselha, onde Faria foi, durante um ano, professor de filosofia, mas onde nunca esteve preso, pois não sofreu essa provação, embora poucas vezes a sorte lhe sorrisse.

Alexandre Dumas carecia de um companheiro para Edmundo Dantès, para o instruir, para o tornar apto a desempenhar o papel que lhe reservava, para lhe dar o segredo do tesouro da ilha de Monte-Cristo e finalmente para lhe ministrar ensejo, já depois de morto, para a fuga melodramática que levou Dantès, depois da tragédia de uma noite de temporal por entre as ondas, ao veleiro que o afastou do histórico presídio onde a maldade e os despeitos o arrastaram.

Ainda hoje, no Castelo de If, se recorda a lenda e se afirma ter por ali passado o padre Faria. Correm mundo postais que o representam ao canto de uma cela, meditativo, com enormes barbas brancas a vincar-lhe a expressão de um profeta bíblico.

Dumas ali o faz permanecer, durante anos, às ordens de esbirros e autoridades sem escrúpulos.

Desde o Directório, atravessando a dominação napoleónica, o episódio da realiza de Luís XVIII, o regresso do deportado da ilha de Elba, todo esse período da epopeia guerreira da França, que Dumas pincela com o vigor de artista de rara envergadura, consome-o Faria em cogitações, no cárcere em que a fantasia de romancista o colocou.

Não há dúvida que este padre Faria, exumado por Dumas das suas reminiscências para lhe iniciar o movimento cénico, é o padre português.

Em primeiro lugar, Faria viveu nessa época. Foi mesmo nesses anos (1811-1819) que ele se tornou célebre, que foi falado, que teve os seus triunfos e decepções.

Alexandre Dumas dá-lhe merecidas honras apresentando-o como sábio, conhecedor de várias línguas, filósofo pelas doutrinas e pela conduta, desprezando os insultos com altanaria, conseguindo adaptar-se, sabendo resistir.

Era conhecedor de um tesouro e, como insistisse sempre no assunto, chamaram-lhe louco. Tudo isto é um pouco a sua vida.

Dumas apresenta-o no primeiro volume do romance, quando o Castelo de If é visitado pelo inspector das prisões, em 1816, depois do regresso, a Paris, de Luís XVIII. É o governador do Castelo que informa o visitador:

«Assim temos numa outra masmorra... um velho padre, antigo chefe de partido em Itália que está aqui desde 1811 e que enlouqueceu em fins de 1913...

Numa outra passagem, e ainda na conversa entre o inspector e o governador, este esclarece-o, dizendo que:

«O padre Faria, ou mais simplesmente o padre-louco, se julga possuidor de um imenso tesouro. No primeiro ano de cativeiro, oferecia ao governo um milhão a troco da sua liberdade, no segundo ano dois milhões, no terceiro três, e assim progressivamente. Está agora no quinto ano de cativeiro.»

Alexandre Dumas descreve-o no seguimento deste relato:

«No meio do cárcere — escreve o romancista — «num círculo traçado no chão com um pedaço de cal tirado do muro estava deitado um homem quase nu, de tal maneira o seu vestuário caía aos pedaços. Desenhava nesse círculo linhas geométricas muito nítidas e parecia tão ocupado em resolver o seu problema como Arquimedes quando foi morto por um soldado de Marcello.

«Não se mexeu ao ruído que fez ao abrir-se a porta da prisão e só pareceu sair da sua abstracção quando a luz das tochas iluminou com um brilho desusado o solo húmido em que trabalhava. Então voltou-se e viu, com surpresa, a numerosa comitiva que vinha visitá-lo.

«Levantou-se rapidamente, tomou uma coberta que estava aos pés do catre miserável e embrulhou-se nela precipitadamente para parecer mais decente aos seus improvisados hóspedes.

« — Tem alguma coisa a reclamar? perguntou o inspector, repetindo a fórmula habitual.

« — Eu? — diz o padre com ar de surpresa. Eu não peço nada.

« — O senhor compreende, continua o inspector, eu sou agente do governo, tenho por obrigação visitar as prisões e escutar as reclamações dos presos.

« — Ah! Isso então é outra coisa, exclamou vivamente o padre, e espero que possamos entender-nos.

« — Como vê, diz baixo o governador, as coisas começam como eu lhe tinha anunciado.

« — Senhor, continuou o prisioneiro, eu sou o padre Faria, nascido em Roma. Fui 20 anos secretário do cardeal Rospigliosi e fui preso, não sei porquê, no princípio do ano de 1811. Desde então reclamo a minha liberdade às autoridades italianas e francesas.

« — Porque o faz junto das autoridades francesas? — indagou o governador.

« — Porque fui preso em Piomino e presumo que, como sucedeu a Milão e a Florença, Piombino se tenha tornado a capital de algum departamento francês.

O inspector e o governador entreolharam-se, sorrindo.

« — Meu amigo, diz o inspector, as suas notícias de Itália não são frescas.

« — Datam do dia em que fui preso, diz o padre Faria, e como S. M. o Imperador criou a realeza de Roma para o filho que o céu lhe enviou, presumo que, prosseguindo nas suas conquistas, realizasse o sonho de Maquiavel e de César Borgia: fazer de toda a Itália um só e único reino.

« — A Providência, diz o inspector, impôs, felizmente, alguma mudança a esse plano gigantesco de que me parece ser grande partidário.

« — É a única maneira de fazer da Itália um Estado forte, independente e feliz, disse o padre.

« — Talvez seja possível, respondeu o inspector, mas eu não estou aqui para seguir um curso de política ultramontana, mas para lhe perguntar, como já disse, se tem alguma reclamação a fazer sobre alimentação ou alojamento.

« — A alimentação é a que costumam dar nas prisões, diz o padre, muito má; o cárcere é, como vê, húmido e sujo, mas contudo tolerável para o fim a que é destinado. Agora não é disso que se trata, mas de revelações da maior importância que desejo fazer ao governo.»

O padre Faria pretende expor, em seguida, a história do seu tesouro. Atalha o governador, que diz conhecê-la em todas as suas particularidades por estar farto de a ouvir, podendo, portanto, informar o inspector, se assim o desejar, o que merece ao padre esta apreciação:

« — Isto prova que o senhor governador é como aqueles de quem fala a Escritura, que têm os olhos e não vêem; ouvidos e não ouvem.

« — Palavra, diz o inspector a meia voz, se não soubesse que se trata de um louco, convencer-me-ia da verdade das suas afirmações, tal é a certeza que lhes imprime.

« — Eu não sou louco, senhor; só digo a verdade, replicou Faria. Este tesouro de que lhe falo existe de facto; estou pronto a

assinar um contrato consigo. O senhor leva-me ao local indicado por mim; remexerei a terra sob os seus olhos, e se mentir, se nada encontrar, se eu for o louco que dizem, voltarei para esta prisão, onde ficarei para sempre, e aqui morrerei sem nada mais lhe pedir nem a ninguém.»

E como o inspector se risse da proposta, Faria, indignado, diz-lhe:

« — Sê-de pois, maldito como esses outros insensatos que não têm querido acreditar-me!...»

De todo este diálogo tira Dalgado algumas conclusões interessantes, a que outras se podem juntar, para comprovar a identificação do padre Faria real com aquele que Dumas utilizou para o desenvolvimento do seu romance.

Note-se, em primeiro lugar, a naturalidade que o romancista atribui a Faria. Talvez Dumas não soubesse que o padre nascera na Índia portuguesa. Se o soube, não lhe aprouve atribuir-lha; contudo, mesmo que lha desse, podia muito bem conceder-lhe o cargo de secretário de um cardeal romano.

Mas, como bem diz Dalgado, ele viveu em Roma oito anos; foi ali que fez os seus estudos e, portanto, onde «nasceu moral e intelectualmente.»

Teve conhecimento deste facto Alexandre Dumas? Teria sido informado de que o padre português fora educado em Roma e daí deduziu uma errada naturalidade? Nada podemos dizer sobre o assunto.

Dumas não pretendeu fazer um romance histórico, forma literária que só mais tarde atraiu a atenção dos escritores. Não se preocupou com o estudo da vida de Faria nos vários e acidentados episódios da carreira de magnetizador. Serviu-se do seu nome, do que conhecia, embora um pouco vagamente, da luta que empenhara por uma ideia, e pô-lo ao serviço do entrecho do romance, sem outras preocupações.

Faria falava com tal convicção — escreve o romancista — que parecia só dizer a verdade.

Foi o que sucedeu ao verdadeiro padre goense através da sua vida de hipnotizador. Prègou a boa doutrina, sempre convencido da verdade das proposições apresentadas como, na quase totalidade, o futuro veio a demonstrar. O público riu-se das suas práticas sonambúlicas, tal como o fez o inspector ao ouvir a proposta do Faria do romance sobre o tesouro.

Seria coincidência excessiva que Dumas apenas relatasse factos imaginários quando eles reproduzem episódios reais da vida do nosso biografado.

O romancista atribui-lhe mesmo uma honestidade de processos que os seus contemporâneos lhe negaram.

Há ainda uma circunstância mais curiosa: a das datas que, no romance, marcam as diversas fases da existência do padre Faria.

Embora já estivesse preso havia três anos, é em 1811 que Dumas o enclausura no Castelo de If. Ora foi nessa data que ele foi nomeado professor de filosofia em Marselha.

Tomam-no por louco em 1813. E é nesse mesmo ano que ele abre, em Paris, a sala de conferências sobre o sono lúcido, na rua de *Clichy*.

Em 1816 visita-o o Inspector e troça da sua proposta sobre a descoberta do tesouro. É nessa data que o verdadeiro padre Faria, em Paris, é visitado pelo actor Potier, que o expõe, em seguida, na comédia *Magnétismomanie* à gargalhada e ao ridículo dos espectadores do teatro das *Variétés*.

Dumas atribui-lhe sessenta e cinco anos, ainda que um certo vigor de movimentos mostre que o cativeiro lhe aumentara a idade. Ora o padre português tinha, de facto, nessa época, a idade indicada.

Devemos ainda notar outras circunstâncias mencionadas por Dumas que condizem com a realidade. Tais são a de conhecer línguas; não ser eloquente, — é o Faria do romance que o diz a Dantés; — e de lhe atribuir a morte a um icto apoplético, como de facto aconteceu no recanto da rua *des Orties*, onde o padre se acolheu, desgostoso e abandonado, no final da vida.

Mas já a época da sua morte, no romance, não é a mesma. Dumas prolonga-lhe a vida por mais dez anos. É possível que ignorasse a data do seu falecimento, ou isso o não preocupou.

Dalgado pretende demonstrar que o tesouro de que fala o romance não é mais do que uma alusão directa às suas doutrinas sobre o sonambulismo, tesouro de que todos se riram e que os homens de ciência, algumas décadas de anos depois, sintetizados no Dantés do romance, vieram a confirmar.

Dumas não podia conhecer nessa época o movimento científico da reabilitação da obra do padre português. Seria uma previsão, pouco provável, da verdade das doutrinas de Faria. Além disso teríamos de atribuir a Dumas um simbolismo exagerado, nada habitual na sua maneira de escrever.

A termos de enveredar por esse caminho, deveríamos interpretar a referência ao *sistema de Newton*, que, na frase de Dumas, as teorias matemáticas do Faria do romance viriam a modificar, como representando a inutilização das doutrinas fluídicas de Mesmer, ponto culminante das doutrinas defendidas no seu livro.

O *Tratado da possibilidade de uma monarquia geral em Itália*, que ele teria conseguido escrever na prisão, seria um disfarce para ocultar as *Causas do sono lúcido*, que o verdadeiro padre Faria escreveu e a que fizemos largo comentário.

Dalgado aponta ainda outras passagens com que pretende demonstrar a sua tese. Citamos algumas:

Faria, no romance, leva quatro anos a fazer os utensílios de que se serviu para esburacar o túnel no muro da prisão, e dois a três anos a cavar a argamassa dura. O padre Faria fez conferências quatro anos e levou dois a três a escrever a sua obra.

Edmond Dantès, o companheiro de prisão de Faria no Castelo de If, achava que as faculdades do seu amigo e mestre eram quase sobrenaturais. Os frequentadores das suas sessões da rua de *Clichy*, em Paris, também o consideravam possuidor de poderes ocultos extraordinários.

Dumas põe em relevo os conhecimentos históricos e filosóficos do Faria-prisioneiro. De facto, o padre Faria foi professor de Filosofia em Marselha.

« — Sabe, pergunta Faria a Edmond Dantès, que do choque das nuvens sai... a luz?»

« — Não...» responde Edmond.

Também o público não conhecia a verdade do magnetismo.

Não vamos tão longe nesta interpretação, aliás bem arquitectada. Ficamos na identificação da personagem real com a personagem do romance. Dumas afastou-o por completo do martiriológio sofrido em Paris para lhe criar um outro, inteiramente fantasista, adentro do histórico presídio de If.

Dumas levou-o da vida real para o romance. Apresentou-o como crente, que sempre foi, e como homem de bem a quem, por exemplo, repugnava o assassínio dos guardas da prisão, pois Dantès chegou a propor-lho para conseguirem a fuga. Marcou-lhe as datas mais notáveis da vida, assinalou-lhe uma cultura invulgar.

Mas as descrições de Dumas só raras vezes se ajustam ao original. Assim, diz o romancista que:

«Era uma personagem de pequena estatura, de cabelos embranquecidos antes pelo desgosto do que pela idade, de olhar penetrante escondido sob espessas sobrancelhas e uma barba ainda preta que lhe descia até ao peito. A magreza do seu rosto» — continua Dumas — «sulcado de rugas profundas, a linha geral dos traços característicos, revelavam um homem mais habituado a exercer as faculdades morais do que as forças físicas.»

Desta exposição deduz-se um ou outro traço fisionómico exacto; mas apresenta-o como um homem baixo, quando era exactamente o contrário; fala de uma barba que ele não usou, mas que era indispensável à indumentária do prisioneiro e nada diz da característica fisionómica fundamental: a cor bronzeada, a que nenhum dos seus críticos deixou de se referir por ser a que mais impressionava, especialmente em país onde não era vulgar.

Dumas não quis reproduzir Faria, pelo menos com a preocupação de uma cópia. Nem era essa a sua orientação artística.

O brilhante romancista tinha uma grande predilecção pelas coisas extraordinárias. É possível, por isso, que acompanhasse, ainda na sua terra natal, as discussões originadas em torno do sonambulismo e dos magnetizadores. E tudo leva a crer que, ao chegar a Paris, em 1823, três anos e meio depois da morte de Faria, não só ouvisse falar repetidas vezes do seu nome e do fim que teve, apóstolo de doutrinas, escarnecido e desprezado, mas até é crível que frequentasse conferências sobre o sonambulismo, como as de Bertrand, que são do seu tempo. Teria mesmo passado a vista pela obra de Faria, aparecida, como dissemos, em 1819?

Não sabemos responder, mas há um facto sobre que não podem restar dúvidas: Alexandre Dumas acreditava no magnetismo animal e teve sessões de sonambulismo em sua casa. Delas dá conta G. A. Gentil, num trabalho publicado em Paris, em 1849, e que subordinou a este título: *Initiations aux mystéres de la théorie du magnétisme animal, suivi d'expériences faites à Monte-Christo, chez Alexandre Dumas.*

O romancista publicou mesmo, pouco tempo depois de terminar o *Conde de Monte-Cristo, As Memórias dum médico* — José Bâlsamo — o que denuncia a sua predilecção por estudos similares.

Seja como for, Dumas não se preocupou, no seu romance, com as doutrinas de Faria. Não o interessou a obra; fascinou-o o homem e a sua vida. Soube que foi um sacrificado por uma ideia que considerava exacta, pois acreditava nos resultados das práticas hipnóticas. Por isso utilizou a personagem cujo nome ainda devia ecoar nos meios em que se praticava o magnetismo quando começou a escrever o *Conde de Monte-Cristo.*

Por outro lado, dava-se a coincidência de desenvolver a acção do romance em torno de 1815, época em que viveu Faria. Aproveitou-o no propósito de dar um nome verdadeiro, mas sob um disfarce romanesco, à época, inteiramente afastado da realidade da personagem, que possivelmente quis ressuscitar de um injustificado esquecimento.

Se assim foi, conseguiu-o de uma maneira brilhante. Foi Dumas, inquestionavelmente, quem lançou o nome do padre Faria, quem o tornou conhecido, quem o divulgou.

Esse grande serviço se deve ao imortal romancista.

O *Conde de Monte-Cristo* teve um grande sucesso e, como acontece aos romances que alcançam uma notável celebridade, foi trasladado para a cena. É a maneira fácil de os tornar, sem maior canseira, acessíveis ao grande público.

Foi dramatizado e representado pela primeira vez em 3 de Fevereiro de 1848 no *Théatre Historique* de Paris, onde obteve um grande sucesso (1).

O drama, embora oculte pormenores que o romance contém, não altera em nada a cena da prisão. É no acto III — Sexto quadro — *A prisão de Edmond no Castelo de If* — que se desenrola a conversa entre os dois prisioneiros.

A cena IV representa Edmond Dantès no cárcere quando sente o ruído de alguém que trabalha num dos muros. Na imediata o carcereiro traz-lhe a alimentação e na cena VI estabelece-se o diálogo entre Edmond e uma voz através do muro. Um pouco de trabalho mais e aparece Faria, que consegue estabelecer uma comunicação entre o seu cárcere e o deste prisioneiro, por um erro de cálculo, pois contava alcançar lugar asado para a fuga. Conta a Edmond os seus trabalhos e o seu desânimo. Era o esforço de seis anos de luta! Era a perda da única esperança que lhe restava!

É nessa cena, trazida fielmente do romance, que Faria manifesta o seu alto valor moral.

---

(1) Os papéis de Edmond Dantès e Faria foram confiados aos actores Méligne e Bonnet.

Em 1862 foi de novo levado à cena no *Ambigu*, sendo o papel de Faria interpretado por Rouvier, e em 1880 no *Gaité*, em que o actor Talieu se encarregou de exibir o padre português.

Houve uma nova representação do drama em 1 de Novembro de 1883, neste último teatro, cuja receita foi destinada a aumentar a subscrição para a estátua de Alexandre Dumas, inaugurada, três dias depois, na praça de Malesherbes.

Dumas não prejudicou Faria; pôs-lhe em realce algumas das qualidades e ocultou outras. Sobretudo difundiu o seu nome. Houve uma época em que todos se relacionaram com a lendária figura do *Abbé Faria.*

Conta Dalgado, na sua *Memória*, que, quando foi ver a casa n.º 7 da rua Ponceau, disse à porteira, que amavelmente lhe mostrou algumas salas:

« — Sabe a razão da minha visita?

— Não, senhor.

— É que estou convencido de que o padre Faria habitou esta casa em 1792.

— Isso pode lá ser — diz a porteira. — O padre Faria nunca existiu. O senhor está a divertir-se comigo.»

Dalgado acabou por assegurar-lhe a verdade da afirmativa e a sua obra foi, decerto, a primeira reabilitação séria do nosso biografado.

A porteira conhecia apenas o padre Faria do romance de Dumas. O mesmo sucede, ainda hoje, à grande maioria dos portugueses. Contudo, a obra científica do infeliz padre goense foi notabilíssima, pois colocou o problema do hipnotismo no lugar donde nunca mais puderam deslocá-lo. As novas investigações só vieram confirmar a quase totalidade das suas observações e doutrinas.

Faria, atormentado desde a infância por desavenças familiares, sacrificado pelo exílio, que veio a ser perpétuo, longe da pátria distante, perdido no meio turbulento de Paris, numa época de tormentosa política, desfeitas todas as esperanças de alcançar triunfos na carreira eclesiástica, divagou, apegado ao bordão da filosofia que cursara na Universidade Católica de Roma, na ânsia de alcançar a verdade no campo em que veio a consumir a sua actividade.

A carreira de honesto e minucioso observador alcançou o fim desejado. Somente foi incompreendido e como recompensa do seu esforço cobriram-no de doestos e levaram-no à miséria.

Uma posteridade imediata não conseguiu resgatar a sua memória das acusações com que o amortalharam.

Em Portugal ficou pouco menos que esquecido. Apenas o conheciam do romance de Dumas, sem que a gente desatenta se lembrasse da obscura personagem portuguesa que deu origem ao prisioneiro do Castelo de If.

Tentamos hoje contribuir para resgatar mais de um século de quase completo esquecimento, mostrando a visão esclarecida do padre português na apreciação de fenómenos de intrincada textura psíquica.

Sirva o nosso desejo de desculpa às deficiências do estudo e que o seu nome se perpetue na história das ciências em Portugal, onde bem merece ser inscrito com as honras a que tem jus.

O padre Faria foi bem maior na realidade do que na lenda.

Acompanhamos a presente monografia de uma extensa bibliografia até 1890. Dessa época para cá é menos numerosa e menos interessante. Só um ou outro trabalho merece ser referido.

Destinamos esses esclarecimentos não só aos que pretendem aprofundar um ou outro assunto do nosso trabalho sobre o padre Faria, mas também para mostrar que ainda há poucos anos alguns médicos caíam em erros grosseiros a propósito da importância dada à hipnose como meio terapêutico. Bastam alguns enunciados para evidenciarem deficiências de diagnóstico e de interpretação.

Não admira, pois, que o padre português, não sendo médico, três quartos de século antes incorresse também em exageros e em prejuízos.

A hipnose perturbou, durante um largo período da medicina, o senso crítico dos observadores, o mesmo sucedendo à histeria, irmã gémea, com o seu lado espectaculoso e mistificador.

Esta neurose só ficou com os limites bem marcados depois dos notabilíssimos trabalhos de Babinski.

O hipnotismo, desde essa época, reduziu também a sua esfera de acção ao perímetro do pitiatismo, não passando além das barreiras sugestivas com que o balizaram. Decaíu do alto conceito em que o tiveram os magnetizadores dos fins do século XVIII e

início do século XIX; perdeu o poder curativo que lhe atribuíram os médicos, até há trinta anos, e passou de moda, não só por lhe terem descoberto sucedâneos psicoterápicos mais vantajosos, mas ainda porque temem abordá-lo com receio de cair em exageros.

O padre Faria avulta assim à nossa crítica como um juiz severo a decidir sobre as doutrinas do seu tempo com uma imparcialidade e uma independência difíceis de exceder.

Tivemos o propósito, ao escrever este trabalho, de o tornar acessível aos menos familiarizados nestes assuntos. Procurámos, também, não alterar as linhas gerais da conferência realizada. Não lhe demos, por isso, a largueza que algumas passagens reclamavam.

Também não se compadecia com o nosso intento o transformarmos esta monografia num tratado de hipnotismo. É assunto, na hora presente, relegado para a história da medicina. Seria estulta pretensão pretender trazê-lo de novo à tela da actividade científica.

Mas voltará um dia. Os factos persistem, embora possa discutir-se a interpretação. Não morrerá nos arquivos das livrarias. E quando lhe soar a hora do ressurgimento, desempoeirado ou trajado de novo, com eles se recordará mais vivamente a obra do padre português.

BIBLIOGRAFIA

PARACELSO — Pratica Theophrasti Paracelsi. Nuremberg, 1529.

BODIN — De la démonomanie des sorciers. Paris, 1587.

GLOCENIUS — Tractatus de magnetica curatione vulnerum. Marburg, 1608-1609.

PIERRE DE LANCRE — Tableau de l'inconstance des mauvais anges et démons, Paris, 1612.

VON HELMONT — Disputatio de magnetica vulnerum curatione. Paris, 1621.

BURGRAEVE, (J. E.) — De magnetica vulnerum naturali et legitima curatione. 1621.

ROBERT FLUDD — Philosophia mozaica. Amsterdam, 1640.

ATHANASIO KISCHER — Magnes sive de arte magnetica. Roma, 1641.

WIEDIG — Nova medicina spirituum. Hamburgo, 1673.

MAXWELL — Medicinae magneticae libri tres in quibus tam theoria quam praxis continentur. Francfort, 1679.

SAUVAGES — Nosographia methodica sistens morborum classes. Génève, 1769.

MESMER — Mémoire sur la découverte du magnétisme animal. Génève et Paris, 1772.

MARQUIS DE PUYSÉGUR — (atribuído ao) — Mémoire pour servir à l'histoire et à l'établissement du magnétisme animal. Paris, 1784 et 1785.

LAURENT DE JUSSIEU — Rapport particulier de l'un des commissaires de la Société Royale de Médécine sur le magnétisme animal. Paris, 1784.

PÉTETIN — Mémoire sur la découverte des phénomènes qui presentent la catalepsie et le somnambulisme. Lyon, 1787.

MICHAUD, J. — Histoire des progrès de la chute de l'empire de Mysore. 1801.

MARQUIS DE PUYSÉGUR — Du magnétisme animal — 2.ª ed. Paris, 1805.
ALMANACH impérial — Paris, 1811.

ALMANACH impérial — Paris, 1812.

MARQUIS DE PUYSÉGUR — Les fous, les insensés, les maniaques et les frénétiques ne seront-ils que de somnambules désordonnés? Paris, 1812.

DELEUZE — Histoire critique du magnétisme animal, 2 vol. 2.ª ed. Paris, 1813.

LE JOURNAL DE PARIS — du 24 août 1813.

L'ABBÉ FUSTIER — Mystères des magnétiseurs et des somnambules dévoilés aux âmes droites et vertueuses par «un homme du monde». Tours, 1813.

L'HERMITE DE LA CHAUSSÉE D'ANTIN (Victor — Joseph — Etienne de Jony) — *Feuilletons de la «Gazette de la France»*. Republiés dans le «Hermite de la Chaussée d'Antin ou Observations sur les moeurs et les usages parisiens au commencement du XIX siècle. Paris, 1813.

BÉALE — (atribuido a) — Somnambulisme: Supplément aux journaux dans lesquels il a été question de ce phénomène physiologique. Paris, 1843.

LA GAZETE DE FRANCE — du 6 septembre 1816.

L'ABBÉ WURTZ — Les superstitions et prestiges des philosophes du XVIII e siècle des lumières, par «l'auteur des Précurseurs de l'Anti-Christ». Lyon, 1817.

ABBÉ FARIA — De la cause du Sommeil lucide — 1.ª ed. Paris, 1819 — 2.ª ed. prefaciada por Dalgado. Paris, 1906.

MONITEUR — de 1 a 5 de outubro de 1819.

LOMBARD — Les dangers du magnétisme animal. Paris, 1819.

ERNESTUS FOERSTER — Insignium somnombuli spontanii exemplorum enarratio, etc. Kiliae, 1820.

GEORGET — De la physiologie du système nerveux et maladies nerveuses — — 2 vol. Paris, 1821.

DUPOLET — Exposé des expériences faites sur le magnétisme animal à l'Hôtel-Dieu de Paris. Paris, 1821.

LUIZ PRATES — *In* CARAPUÇADA. — Goa, junho de 1821.

MME. VICTORINE MAUGIRARD — La mesméromanie — proverbe en un acte et en prose — dans les *«Soirées de Société»*. Paris, 1823.

BERTRAND — Traité du somnambulisme. Paris, 1823.

DELEUZE — Instruction pratique sur le magnétisme animal. Paris, 1825.

FOISSAC — Mémoires sur le magnétisme animal. 1825 e 1826.

BERTRAND — Du magnétisme animal en France. Paris, 1826.

HOFFMAN — Oeuvres Completes. 1828. Tom. 4.°, pág. 384.

MAC-NISH — Philosophy of sleep. 1830.

REPORT OF EXPERIMENTS ON ANIMAL MAGNETISM — Made by a commitee of the medical section of the French Royal Academy of Sciences read at the meetings of 21 rst and 28 th of June 1831.

PFENDLER — Quelques observations pour servir à l'histoire de la léthargie. Th. doct. Paris, 1833.

BOUVIER — Institutiones Theologicae, Paris, 1834.

RABBÉ — Biographies universelles des contemporains. Paris, 1834.

COLQUOUM, (J. C.) — Isis revelata: An enquiry into the origin, progress and present state of animal magnetism. Edinburgh, 1836.

LEUZE — Practical instruction in Animal Magnetism. Translated by T. C.

DU POTET — An introduction to the study of animal magnetism, with an appendix containing reports of British practitioners in favour of the science. London, 1838.

MEDICAL GAZETTE — Artigo sobre o *Animal Magnetism*. 1838.

BURDIN ET DUBOIS — Histoire académique du magnétisme. Paris, 1838.

CHATEAUBRIAND — Mémoires d'autre-tombe. Paris, 1842.

BRAID — Animal magnetism. *In Medical Times*. N.os de 12 e 26 de março de 1842.

BRAID — Neuro-Hypnotism. *In Medical Times* de 9 de julho de 1842.

FAVROT — De la catalapsie, de l'extase et de l'hystérie. Th. doct. Paris, 1844.

ALEXANDRE DUMAS — Le Comte de Monte-Cristo — Paris. 1.ª ed. de 1841-45.

TESTE — Manuel pratique de Magnétisme animal, 2.ª ed. Paris, 1845.

ALEXANDRE DUMAS ET AUGUSTE MAQUET — Monte Cristo, drame en cinq actes et onze tableaux. Representado no Théatre Historique, em 3 de fevereiro de 1848.

L'ORDRE — jornal, de 3 de dezembro de 1851.

LÈLUT — Mémoire sur le sommeil, les songes et le somnambulisme. *An. méd., — psych.*, 1852.

SEGOND — Théorie positive des phénomènes étudiés sous la dénomination de Magnétisme animal. *Gaz. hebd. de méd. et chir.* Paris, 1854.

«O ULTRAMAR» — jornal de Margão, Goa, de 18 de maio de 1855.

LEMOINE — Du sommeil au point de vue psysiologique et psychologique. Paris, 1855.

T. PUEL — De la catalepsie. *Mémoires de l'Ac. de Méd.* Tom. XX, 1856.

FALZET — De sommeil, des rêves, du somnambulisme dans l'état de santé et de maladie. Lyon, 1857.

MARCEL BONIX, P. — Œuvres de sainte Thérese. Paris, 1859.

COMMONICATION DE BRAID à l'Académie des Sciences de Paris. Apresentada por Velpeau. *Comptes rendus de l'Acad. des Sciences*. Vol. 50, pág. 439. Paris, 1860.

CHARPIGNON — Rapports sur le sommeil nerveux ou hypnotique. *Arch. génér. de méd.* 1860.

SANDRAS — Note sur le sommeil nerveux ou hypnotique. *Arch. génér. de méd.* 1860.

CHARPIGNON — Rapports du Magnétisme avec la jurisprudence et la méd. légale, 1860.

DEMARQUAY ET GIZOT TEULON — Recherches sur l'hypnotisme ou sommel nerveux. Paris, 1860.

A. CONSTANS — Relation sur une épidemie d'hystérodémonopathie en 1861. Paris, 1863.

LASÈGUE — Des catalepsies partielles et passagères. *Arch. gén. de méd.* 1865.

MAURY — Du sommeil et des rêves. Paris, 1865.

MESNET — Étude sur le somnambulisme au point de vue phathologique. *Arch. gén. de méd.* 1866.

CH. LAFONTAINE — Mémoires d'un magnétiseur. Génève, 1867.

BAILIFF — Du sommeil magnétique dans l'ysterie. Th. doct. Strasbourg, 1868.

PAUL DE SAINT-MARTIN — Etude clinique d'un cas de catalepsie compliquée traitée par l'hypnotisme. Th. doc. Strasbourg, 1869.

DECHAMBRE — Dict. encycl. des Sciences médicales. Artigo *Mesmerisme*. T. VII. Paris, 1873.

CZERMAK — Beobachtugen und Versuche neber hypnotischezustände bei Thieren. *Pfluger's Archiv*. 1873.

MESNET — De l'automatisme de la mémoire et du souvenir dans le somnambulisme pathologique. Paris, 1874.

J. H. DA CUNHA RIVARA — A conjuração de 1787 em Goa. Nova Goa, 1875.

M. RICHET — Du somnambulisme provoqué. *J. de l'anat. et de la physiol.* 1875.

CARPENTIER — L'automatisme humain. *Revue scientifique*. Paris, 1875.

BERTRAND, ALEXANDRE — Du Magnétisme animal en France. Paris, 1876.

PREYER — Die Ursache des Schlaffes. Stuttgard, 1877.

DESMARETS, R. P. — Histoire de Madeleine Bavent, réligieuse du monastère de St. Louis de Louviers. Ed. de 1652 e de 1878 (Rouen).

PREYER — Die Katalepsie and die thierische magnetismus. Iéna, 1878.

SVETLIN — Ein Beitrang Zur Lehre pon der Katalepsie. *Archiv fúr psychiatrie und Nervenkrankheiten*. Bd. VIII, 1878.

TARDIEU — Etude médico-légale sur les attentats aux moeurs. Paris, 1878.

BERSOT, ERNEST — Mesmer, le magnétisme animal, les tables tournantes et les espirits. Paris, 1879.

LANDOUZY — Relation d'un cas de léthargie provoquée par l'application d'un aimant. *Progrès Médical*. Paris, 1879.

BROUARDEL — Accusation de vol accompli pendant le sommeil hypnotique. *Annales d'Hygiène et de Méd. légale*. Janvier, 1879.

HEIDENHEIN — Der sogenante thierische Magnetismus, physiologische Beobachtugen. Leipzig, 1880.

BOURNEVILLE ET REGNARD — Iconographie photografique de la Salpêtrière. Paris. T. III, 1879-1880.

O. BERGER — Hypnotische Zustande and ihre genese. *Breslauer aerz.* Yeitsch, 1880.

GESCHLEIDEN — Die Erscheinungen des sogenannten thierischen Magnetismus. *Augsburger allgemeine Zeitung,* 1880.

FRIEDBERG — Uber den hipnotismus von gerichtrartzlichen Stadpunkte. *Deutsche mediz. Wochenschrift,* 1880.

BRQCK — Weber stoffliche Veranderungen bei der Hypnose. *Deutsche mediz. Woch.* N.° 45, 1880.

DIE ENTDECKUNG DER HYPNOTISMUS. Berlim, 1881.

LOUIS FIGUIER — Histoire du merveilleux dans le temps moderne, 3.ª ed. Paris, 1881, Tom. IV.

PREYER (de Yena) — Díe Entdeckung des Hypnotismus. Berlim, 1881.

BARATOUX — Les possédées du Piétron. *In progrès médical.* 1881.

CHARCOT ET RICHET — Contribuition à l'étude de l'hypnotisme chez les hystériques: Du phénomène de l'hyperexcitabilité neuromusculaire. *In Arch. de neurologie,* 1881.

HOFMANN — Nouveaux éléments de médecine légale. Trad. de Brouardel. Paris, 1881.

MOTET — Accès de somnambulisme spontané et provoqué. *In Gazette des hôpitaux,* 15 mars. 1881.

PINET ET FÉRÉ — Le magnétisme animal. Paris, 1882.

J. M. CHARCOT — Note sur les divers états nerveux determinés par l'hypnotisation sur les hystéro-épiletiques. *In Comptesrendus de l'Académie des Sciences,* 1882.

DROSDOW — Morbus hypnoticus. *In Archiv für Psych. und Nervenkr.* 1882.

GUBTLER — Ueber Veränderungen in Stoffwechsel unter dem Einfluss der Hypnose. Inaug. Dissert. Breslau, 1882.

BROWN-SÉQUARD — Préface de la trad. française de *Neurypnologie,* de James Braid, 1883.

BRAID, JAMES — Neurypnologie; Traité du somnambulisme nerveux et hypnotique. Traduzido da edição de 1843 por Jules Simon. Paris, 1883.

LEGRAND DU SAULLE — Les hystériques. Paris, 1883.

FÉRÉ — Les hypnotiques hystériques considérès comme sujets d'expériences en médecine mentale. *Société méd. psych.* 28 mai, 1883.

NOIZET — Lettre dirigée à Jules Claretie, 11 juillet 1884.

PAUL JANET — De la sugestion dans l'état d'hypnotisme. *In Revue politique et littéraire,* 26 juillet 1884.

CH. RICHET — L'homme et l'intelligence. Paris, 1884.

BERNHEIM — De la suggestion dans l'état hypnotique. Paris, 1884.

OCHOROWISCZ — Sur un critère de la sensibilité hypnotique. *In B. de la Soc. de Biol.,* mai, 1884.

BOTTEY — Le magnétisme animal, Paris, 1884.

BEAUNIS — Modification de la fréquence des battements du coeur par suggestion hypnotique. *Soc. de biologie,* scéance du 2 août, 1884.

BEAUNIS — Vésication par suggestion hypnotique. *Société de psych. et phys.,* scéance du 29 juin ,1885

PAUL RICHET — Études cliniques sur la grande hystérie, 2.ª ed. Paris, 1885.

VISIOLI — Del morbo ipnotico (Ipnotismo spontaneo autonomo) e delle suggestioni. *In Giornale di neuropatologia,* tom. III, 1885.

DUMONTPELLIER — Léthargie incomplète avec conservation de l'ouïe et de la mémoire. *Soc. le biol.,* 3 juin 1885.

DUMONTPELLIER — De l'action vaso-motrice de la suggestion chez les hystériques hypnotisables. *In Soc. de biol. Séances 4 et 5 juillet* 1885.

BOURRU ET BUROT — Hémorrhagie de la peau provoquée par la suggestion en somnambulisme. *Soc. de biol. Séance du 11 juillet* 1885.

DUFAY — Le dédoublement de la personalité. *In Revue scientifique,* déc. 1885.

LANFENAUER — Hypnotisch Anfälle um Anschluss an ein hysteroepileptische Neurose. *In Centr. für Klin. Med.* 1885.

GRASSET — Du sommeil provoqué comme agente thérapeutique. *In Semaine médicale,* 2 mai 1885.

LIÉBAULT — Artigos publicados. *In Journal du magnétisme animal,* 5 de Junho e 7 de Outubro de 1885; 9 de Fevereiro e 10 de Maio de 1886.

MOSSO — La peur, étude psycho-physiologique. Paris, 1886.

OCHOROWICZ — Hypnoscope. *In Revue de l'hypnotisme,* 1886.

AUGUSTE VOISIN — Traitment de l'aménorrhée par la suggestion hypnotique. *Soc. médico physiologique. Séance du 29 nov.* 1886.

GIULIO CAMPILI — Il grande ipnotismo e la suggestion ipnotica nei rapporti col diritto penale e criminale. Torino, 1886.

DICHAS — Étude de la mémoire dans ses rapports avec le sommeil hypnotique. Th. doct. Bordeaux, 1886.

CESARE LOMBROSO — Studi sull'ipnotismo. Torino, 1886.

PIERRE JANET — Les actes inconscients et le dédoublement de la personalité pendant le somnambulisme provoqué. *In Revue Phylosophique,* 1886.

H. DESPLATS — Applications thérapeutiques de l'hypnotisme et de la suggestion. *In Journal des sciences médicales.* Lille, 1886.

RAMEY — Rétrécissement spasmodique de l'urêthre, traité sans succès par l'uréthrotomie interne, guéri par suggestion hypnotique. *Soc. de biol.,* 3 Juillet 1886.

CHILTOFF (de (Kharkoff). — Traitment et guérison par suggestion hypnotique d'un cas d'hémiplégie après apoplexie. *In Revue de l'hypn.,* T. I. 1886.

LIÉBAULT — Traitement par suggestion hypnotique de l'incontinence nocturne d'urines chez les adultes et chez les enfants. *In Rev. de l'hypn.,* T. I, 1886.

AZAM — Hypnotisme. Double conscience et altérations de la personalité. Paris, 1887.

BINET ET FÉFÉ — Le magnétisme animal, Paris, 1887.

CHARCOT — Leçon sur l'hysttérie et syphilis. *In Progrés médical,* 17 de Dezembro de 1887.

FÉRÉ ET BINET — Le magnétisme animal. Paris, 1887.

LIÉBAULT ET BERNHEIM — *In Revue de l'hypnotisme.* 1887.

OCTAVIO MAIRA ET DAVID BENAVENTE — Hipnotismo y sugestion. Santiago, 1887.

GILLES DE LA TOURETTE — L'hypnotisme et les états analogues au point de vue médico-légal. Paris, 1887.

F. SANTILLI — De l'anesthésie chirurgicale par hypnotisme et suggestion. Th. doct. Montpellier, 1887.

PURGOTTI — La terapeutica ipnotica e suggestion. *In Morgagni,* 1887.

VERDA — Contributo allo studio dell'ipnotismo como agente terapeutico nelle nervosi. Milano, 1887.

A. VOISIN — De la dipsomanie et des habitudes alcooliques et de leur traitement par l'hypnotisme. *In Rev. de l'hypn.* Tom. II, 1887.

PINHEIRO CHAGAS — Art. sobre o abade Faria. «In Migalhas da história portuguesa» — e no — «Dic. Popular». 1878 a 1888.

J. LUYS — Les émotions chez les hypnotiques. Paris, 1888.

TEIXEIRA DE CARVALHO — Estudos sobre sugestão e suas aplicações. Coimbra, 1888.

DELBEUF — *In Revue de l'hypn.* 1888.

GILLES DE LA TOURETTE — Des attaques de sommeil hystérique. *In Arch. de neurol.,* janvier et mars 1888.

GUERMONPREZ — Discussion sur les dangers de l'hypnotisme. *In Comptes-rendus de l'Académie de Médécine de Belgique.* 1888.

AYALLA, (FREDERICO DINIZ) — Goa antiga e moderna Lisboa, 1887.

AUVARD ET SECHEYROU — L'hypnotisme et la suggestion et obstétrique. *In Arch. de tocologie,* 1888.

SCHIZLER — Extirpation von Nasenpolypen in der Hypnose. *In Internal. Klin. Rundshau,* 1888.

FURTH — Eine Operation in Hypnose. *In Wien. med. Woch.* 1888.

BAIERLACHER — Die hypnotische Suggestion in der medizinischen Therapie. *In Munch. med. Woch.* 1888.

BESSE — De l'hypnotisme therapeutique. Th. doct. Montpellier. 1888.

BOLLAAN — De hypnose in de practijk in Nederl. Tigdoch. voor geneesk. Amsterdam. 1888.

BRODOWSKI — L'hypnotisme dans la pratique médicale (en russe). Saint-Pétersbourg, 1888.

COREX — The terapeutic value of hypnotismus. *In Boston med. and sug. journal,* 1888.

PRESTON — Hypnotismus as a therapeutic agent. *In Medical News.* Philadelphia, 1888.

PULIDO — El hypnotismo y su empleo medico. *In Siglo medico,* 1888.

VON SCHRENCK-NOTZING — Ein Beitrag zur therapeutischen Vorwertung der Hypnotismus. Leipzig, 1888.

SILVA SANTOS — O método sugestivo. *In* Bul. da Soc. méd. do Rio de Janeiro, 1888.

NONNE UND EISENLOHR — Funktionnelle Lahmungen bei einem Bleiarbeiter geheilt durch Hypnose und Suggestion. *In Deutsche meliz. Woch,* 1888.

A. VOISIN — Perversité morale guérie par la suggestion hypnotique. *In Rev. de l'hypn.* Tom. II, 1888.

KRAFFT-EBING — Inversion sexuelle guérie par suggestion. *In Internal. Centralbb. f. Phys. und Path. der Hirn und sexual Organs.* Bd. I, 1888.

HUZENSCHMIDT — Treatment of insomnia by hypnotism. *In Philad. med. and surg. Reports,* 1888.

TRUJILLANO — Accessos epilepticos curados por sugestion hipnotica. *In Siglo medico,* 1888.

GILLES DE LA TOURETTE — L'hypnotisme et les États analogues, 2.ª ed. Paris, 1889.

JULES LIÉGEOIS — De la suggestion et du somnambulisme. Paris, 1889.

LIÉBAULT — Le sommeil provoqué et les états analogues. Nancy, 1866 e Paris 1889.

OCHOROWICZ — De la suggestion mentale. Paris, 1889.

SEQUEIRA, MONT'ALVERNE DE — Hypnotismo e sugestão, 2.ª ed. Lisboa, 1889.

ALVARES, HIPOLITO FRANCISCO — O que é o hipnotismo, suas aplicações, vantagens e perigos. Porto, 1889.

OUTIL — Hystérie et neurasthénie associées. *In Gazette médicale de Paris* de 30 de Nov. e 7 de Dezembro de 1889.

BABINSKI — Grand et petit hypnotisme (dois aritgos). *In Arch de Neurologie* T. XVII, 1889, págs. 92 e 252.

GRASSET — Leçons sur le grand et le petit hypnotisme. *In Revue de l'hypnotisme,* 1889.

LIÉGEOIS — De la suggestion et du somnambulisme dans leurs rapports avec la jurisprudence et la médécine légale. Paris, 1889.

FANTON — Accouchement sans souffrance au moyen de l'hypnotisme. *Congrès de* Paris, 1889.

MOLL — De la suggestion hypnotique comme agent thérapeutique. *In Société de méd. de Berlin,* 1889.

BRUGELMANN — Ueber den Hypnotismus und seine Verwertung. *In der Praxis. Neuwied,* 1889.

FOREL — Der hypnotismus, seine Bedeutung und seine Handbung. *In Kurzgefanter Darstellung.* Stuttgart, 1889.

FREY — Die praktische der Hypnose. *In Wien méd. Woch.,* 1889.

ABDON SANCHEZ HERRERO — El hipnotismo y la suggestion. Valladolid, 1889.

LOMBROSO — L'ipnotismo come mezzo curativo. *In Le Sperimentale,* 1889.

MUELLER — Ueber Hypnotismes und Suggestion etc. Wien, 1889.

SCHUSTER — Bemerkungen ueber die therapeutischen Verwertung der Hypnose. *In Therap. Monastsch.,* 1889.

S. TANSI — Sul tratamento por suggestione del morfinismo e morfinomanie. *In La terapia moderna,* 1889.

ROUBINOVICH — Guérison par la suggestion d'un accès de mélancolie chez une dégénérée. *In R. de l'hypn.* T. IV, 1889.

LLOYD TUCKEY — Un cas d'ataxie locomotrice (tabes dorsalis) traité par l'hypnotisme et le suggestion. *Congrès de l'hypn.,* 1889.

MARRIN, PAUL — L'hypnotisme théorique et pratique, 1890.

Compte Rendu du premier Congrès de l'hypnotisme. Paris, 1890.

JULES LIÉGEOIS — De la suggestion et du somnambulisme. Paris, 1890.

J. M. CHARCOT — Accidents hyst. graves survenus chez une femme à la suite d'hypnotisations pratiquées par un magnétiseur dans une baraque de fêtes. *In Revue de l'hypnotisme.* T. IV, 1890.

DELBOEUF — Magnétiseurs et médecins. Paris, 1890.

A. BONJEAN — L'hypnotisme dans ses rapports avec le droit et la thérapeutique. Paris, 1890.

DELBOEUF, NOEL ET LEPLAT — L'hypnotisme appliqué aux altérations de l'organe visuel. *In Comptes rendus de l'Acad. royale de Belgique,* 1890.

MICHAEL — Beitrage zur hypnotische. Therapie. *In Deuts. med. Zeitschrift,* 1890.

HAMILTON OSGOOD — The therapeutic value of suggestion during the hypnotic state. Boston, 1890.

ROSENBACH — Ueber psychische Therapie innerer Krankheiten. *In Berlin. Klin. Woch.,* 1890.

GRÉMAUD — Tic douloureux de la face chez un jeune homme guéri par l'hypnotisme. *In Revue méd. de la Suisse romane,* 1890.

VON SCHRENCK-NOTZING — Un cas d'inversion sexuelle améliorée par la suggestion hypnotique. *In Rev. de l'hypn.* T. IV e V, 1889 a 1890.

SCHMIDT AND MYERS — On the treatment of ins. by hypnotisme. *In Journal of ment. science,* 1890.

PITRES — Leçons cliniques sur l'hystérie et l'hypnotisme, 2 vol. Paris, 1891.

BERNHEIM — L'hypnotisme et suggestion. *Communication au XII^e Congrès International de Moscou.* Paris, 1879 e 1891.

BOUCHARD, CH. — Séméiologie du système nerveux. Paris, 1891. Tom. V.

OTTO G. WETTERSTAND — Der Hypnotismus und seine Anwendung in der praktischen Medicin. Berlin, 1891.

PAUL JOISE — Précis th. et prat. de Neuro-hypnologie. Paris, 1892.

ANAQUIM, MANUEL — A moderna questão do hipnotismo. Coimbra, 1895.

TH. RIBOT — Les maladies de la personalité. Paris, 1895.

VIRES — *Nouveau Montpellier Médicale,* 8 septembre 1901, pág. 300.

BERNHEIM — Hypnotisme, Suggestion et Psycothérapie, 2.ª ed. Paris, 1903.

JULES VERNET — La Magnétismomanie. — Comédie-Folie. Edição publicada por Dalgado. Paris, 1906.

DR. D. G. DALGADO — Mémoire sur la vie de l'abbé de Faria. — Explication de la charmante légende du chateau d'If dans le roman Monte-Cristo. Paris, 1906.

DR. D. G. DALGADO — Braidisme et Fariisme, Paris, 1907.

DR. D. G. DALGADO — Préface et introduction à la deuxipme édition du livre de l'abbé Faria.

LIVON — Note sur l'abbé Faria. *Comptes rendus de l'Académie de Marseille,* pág. 291 e seguintes. 1906-1907.

GRASSET — L'occultisme hier et aujourd'hui. Montpellier, 1908.

GRASSET — L'hypnotisme et la suggestion. Paris, 1909.

RENÉ CRUCHET — L'hypnotisme. Valeur thérapeutique de la suggestion dans les hypnoses. *In Le Journal Médical Français,* n.º 2, de 25 de Fevereiro de 1911.

PESTANA, JOSÉ — A sugestão e o hipnotismo na medicina. Lisboa, 1917.

LOUIS LATOUR — *In Nouvelle Bibliographie Générale.*

BRITO ARANHA — Dic. Bibliog. Port., vol. XII, pág. 412.

ESSAI sur les journées des 13 et 14 vendimaire l'an IV de la Révolution.

GRANDE ENCYCLOPÉDIE — Artigo sobre Mesmer.

BARON DU POTET — Traité complet du magnétisme animal.

GAZETA DE BARDEZ — *In Dic. Bibliog. Port.* Vol. XII, por Brito Aranha.

LES ANNALES DU MAGNÉTISME ANIMAL — A partir de 1814.

FRIEDREICH — Zur Behandlung des Hysterie. — *In Virchow's Archiv.*

RAPPORT des commissaires chargés par l'Académie des Sciences de l'examen du magnétisme animal.

MATHIAS DUVAL — Hypnotisme. *In. N. Dict. le Méd. et Ch. Pratiques.*

RABBE — Biog. des Contemporains.

LAROUSSE — Dic. Artigo sobre *L'abbé Faria.*

L. LACOUR — *In Nouvelle biographie générale de la France.*

INOCENCIO — Dic. Bibliographico, 1858 e anos seguintes.

CHARCOT — Leçons du mardi. Paris, 1887-1888.

CHARCOT — Leçons sur les maladies du système nerveux, Paris, 1892.

TAMBURINI ET SEPPILLI — Contribuzione allo studio sperimentale dell'ipnotismo. *In Rivista sperimentale de freniatria e di medicina legale.*

RUMMO — *In Riforma médica.*

BÉZANÇON — Diarrhée provoqué par suggestion chez une hystérique hypnotisable. *In Revue de l'hypnotisme,* T. I, 1896.

LIÉBAULT — Traitement par suggestion hypnotique de l'incontinence d'urine chez les adultes et les enfants au-dessus de trois ans. *In Revue de l'hypnotisme.* T. I, 1886.

BERNHEIM — Sur un cas de régularisation des règles par suggestion. *In Revue de l'hypnotisme.* T. II, 1887.

BRÉMAUD — Guérison par l'hypnotisme d'un delire alcoolique. *In Rev. de l'hypn.*

RYBALKIN — Brulure du second degré provoqué par suggestion. *In Rev. de l'hypn.* T. IV, 1889.

DELBOEUF — Origine des effects curatifs instantanés de l'hypnotisme sur les maladies chroniques. *In Revue de l'hypnotisme.* T. III, 1888.

J. M. CHARCOT — Œdème bleu des hystériques reproduit expérimentallement par la suggestion hypnotique. *In Revue de l'hypnotisme.* T. IV, 1889.

CORREIA, GERMANO — O biomagnetismo e as suas aplicações. Nova Goa, 1910.

ÍNDICE

I — Preâmbulo 7
II — De Paracelso a Mesmer 13
III — O Sonambulismo 21
IV — Pai e Filho 29
V — A Conjuração de Goa de 1787 37
VI — O Professor de Filosofia 45
VII — As Sessões da Rua Clichy 53
VIII — As Doutrinas do Abade Faria 63
IX — A Sintomatologia do Sonambulismo 73
X — Processos Terapêuticos e Erros de Interpretação 83
XI — O Hipnotismo Após a Morte de Faria 93
XII — Os ÚltimosAnos do Abade Faria 103
XIII — Os Detractores de Faria 111
XIV — O Abade de Faria na Lenda 125

COLECÇÃO JANUS

Dois rostos da mesma realidade, passado e futuro, Céu e Inferno, início e fim. Na sua b(arca) passamos da face aparente das coisas à face escondida a que muitos poucos têm acesso. E assim navegamos sem nos perdermos, sobre as águas da indiferença e do caos. No fim da viagem, com as suas chaves abre-nos a porta da sua terceira (verdadeira) face: a do eterno presente.

Série
CONTRA-INICIAÇÃO
A EXPERIÊNCIA DEMONIACA
de
Ernest de Gengenbach
Volumes I e II

Série
HISTÓRIA
HISTÓRIA DA FRANCO-MAÇONARIA EM PORTUGAL
1733-1912
M. Borges Grainha
Volume III

«PROFECIAS» DO BANDARRA
Apresentação de
António Carlos de Carvalho
Volume IV

PARA A HISTÓRIA DA FRANCO-MAÇONARIA EM PORTUGAL
1913-1935
de
António Carlos de Carvalho
Volume V

A HISTÓRIA SECRETA DE PORTUGAL
de
António Telmo

A SAIR:
Série
TEXTOS TRADICIONAIS
A CRISE DO MUNDO MODERNO
de
René Guénon

O ESOTERISMO DE DANTE
de
René Guénon

Série
SATURNALIA
MAGIA SEXUALIS
de
Beverly Rondolph

Série
HISTÓRIA
AKHENITON E NEFERTITI
O CASAL SOLAR
de
Christian Jacq

Composto e impresso
nas oficinas gráficas
de Mirandela & C.ª —
Travessa do Ferragial,
3, em Junho de 1977.
— L I S B O A —

O ABADE FARIA
NA HISTÓRIA DO HIPNOTISMO

Dois grandes objectivos têm seduzido a humanidade na sua marcha agitada através da civilização. Ambos visam ao bem-estar individual e colectivo, e a eles se têm sacrificado as energias mais audazes e os esforços mais persistentes. Um, a saúde, é a aspiração de todos os que consomem as suas actividades no âmbito das ciências médicas; o outro, a solução do problema de além-túmulo, tem dado ensejo a centenares de religiões e a variadíssimos sistemas filosóficos.

Poucos, entre nós, mesmo na classe médica, conhecem o padre Faria como hipnotizador célebre, raríssimos têm a noção exacta do que foi a sua obra verdadeiramente notável; mas muita gente leu o nome do padre Faria no romance de Alexandre Dumas, pai, *O Conde de Monte-Cristo*. Ele aparece no episódio inicial como figura de centro da narrativa. É um velho enclausurado na prisão do Castelo de If, junto à cidade de Marselha, onde Faria foi, durante um ano, professor de filosofia, mas onde nunca esteve preso, pois não sofreu essa provação, embora poucas vezes a sorte lhe sorrisse.